

Franklin Ribeiro Fernandes Negrão

**A PRESENÇA DAS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA
FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA:
um estudo de caso**

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2021

Franklin Ribeiro Fernandes Negrão

**A PRESENÇA DAS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA
FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA:**

um estudo de caso

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Professora Doutora
Meily Assbú Linhales

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2021

AGRADECIMENTOS

O movimento de agradecer em um trabalho de conclusão de curso é, ao mesmo tempo, um ato de amor e um risco de ser injusto ou de se esquecer de alguém que foi fundamental no processo. Independentemente disso, prefiro me arriscar e contar com a compreensão de quem talvez não esteja mencionada/o/e. afinal, você sabe que é importante porque eu já te disse isso, com certeza.

Obrigado mãe pelo apoio em minhas jornadas, e vó Neide e vó Laudelino por me darem a base diária para viver e para enfrentar esse percurso. Sem vocês nada disso seria possível. Obrigado vó Vanilde por investir em meus estudos e ter pago o cursinho pré-vestibular que me possibilitou a entrada na UFMG. Infelizmente sei que essa não é a realidade de muitas e muitos. Obrigado irmã Débora por me incentivar a estudar e me emprestar o computador que me permitiu digitar todas essas palavras.

Obrigado a todas as professoras e professores que passaram pela minha formação, desde o ensino infantil até a graduação. Esse trabalho é, também, fruto da educação que todas e todos vocês construíram junto comigo. E espero deixar todas e todos vocês com orgulho disso por meio desse trabalho.

Obrigado a minha orientadora, Meily, por sempre ter me incentivado e acreditado no meu potencial, por bancar esse TCC junto comigo, e pela compreensão a respeito das pedras que apareceram no caminho. Obrigado também a Marcellinha, Léozinho, Leandro, Miriam, Carol, Nat, Verônica, Dani, Raquel, Erickin, Fabi, Belinha, Ana Cláudia e Thais pelas ajudas diretas e indiretas e o apoio na construção desse trabalho, e também todas as pessoas do Ocupa EEFFTO por terem contribuído com minha formação política, tão necessária para o que aqui me proponho.

Obrigado à universidade pública, de qualidade e gratuita e ao sistema de cotas para escola pública e baixa renda por possibilitar minha entrada e permanência. Obrigado principalmente a população brasileira por ter financiado essa formação. Não menos importante, agradeço a mim mesmo, por não ter desistido quando caí, e ter conseguido chegar até o final. E um obrigado carinhoso a todas as pessoas que me ajudaram a me levantar, cada uma do seu jeitinho igualmente importante.

RESUMO

A presente pesquisa diz respeito a um estudo de caso exploratório, com o objetivo de analisar e problematizar a presença das temáticas gênero e sexualidade na formação inicial docente em Educação Física do curso de Licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (EEFFTO/UFMG). O estudo consistiu na análise do Projeto Pedagógico do curso (2005), seu Ajuste Curricular (2016) e também os títulos, ementas e programas das disciplinas obrigatórias do ano de 2019, em busca de termos relacionados a essas temáticas. Além disso, foram realizados grupos focais com estudantes do curso e entrevista semiestruturada com a ex-coordenadora do Colegiado de Curso, que esteve nesse cargo no ano de 2016. Foram direcionadas questões para os grupos focais a respeito da presença de discussões sobre as temáticas no curso, como essas temáticas foram abordadas e em quais atividades acadêmicas/disciplinas. Para a ex-coordenação de Colegiado de Curso, foi perguntado sobre como se deu o processo de ajuste curricular demandado pela PROGRAD/UFMG, a partir da Resolução do Conselho Nacional de Educação/CNE n. 2 de 2015 que diz sobre a necessidade de garantir conteúdos relacionados aos direitos humanos, diversidades étnico-racial, de gênero, sexual - entre outras - na formação docente. Foi observada a presença das temáticas gênero e sexualidade no curso da EEFFTO/UFMG, tanto nos registros documentais quanto no currículo em ação - sendo gênero a temática predominante. Isso pôde ser percebido através de uma maior frequência do termo nos documentos analisados (43 menções) em comparação a sexualidade (23), e outros termos relacionados. Estudantes do curso relataram a presença de discussões sobre os temas, predominantemente, em disciplinas “teóricas” e “de debate”, mas disseram - dentre outras coisas - sobre a necessidade de aprofundamento teórico quando gênero e sexualidade são tematizados. Pôde ser observado, também, uma centralidade de disciplinas de responsabilidade do Departamento de Educação Física (DEF) nas tematizações e disciplinas sob responsabilidade dos departamentos da Faculdade de Educação (FAE). Concluiu-se o estudo com a constatação de que inúmeras outras questões ainda são potentes para serem continuadas em trabalhos futuros. Essa continuidade pode ainda avançar no que diz respeito às sugestões e propostas feitas pelos sujeitos para o currículo do curso, seus posicionamentos sobre a importância do debate de gênero e sexualidade para a formação docente, bem como as compreensões e definições sobre as temáticas a partir do corpo discente

Palavras-chave: gênero; sexualidade; formação docente; educação física; licenciatura.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Levantamento de artigos científicos online: gênero e educação física escolar.....	24
Quadro 2 – Disciplinas sob responsabilidade acadêmica do Departamento de Educação Física (DEF)	46
Quadro 3 – Disciplinas sob responsabilidade acadêmica do Departamento de Esportes (DES)	47
Quadro 4 – Disciplinas sob responsabilidade acadêmica do Departamento De Morfologia (DMOF).....	48
Quadro 5 – Disciplinas sob responsabilidade acadêmica do Departamento De Bioquímica E Imunologia (DBIQ).....	48
Quadro 6 – Disciplinas sob responsabilidade acadêmica do Departamento De Fisiologia E Biofísica (DFIB).....	48
Quadro 7 – Disciplinas sob responsabilidade acadêmica do Departamento De Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE).....	48
Quadro 8 – Disciplinas sob responsabilidade acadêmica do Departamento De Ciências Aplicadas à Educação (DECAE)	49
Quadro 9 – Disciplinas sob responsabilidade acadêmica do Departamento de Administração Escolar (DAE)	49
Quadro 10 – A presença de termos relacionados ao gênero e à sexualidade no Projeto Pedagógico (2005).....	51
Quadro 11 – A presença de termos relacionados ao gênero e à sexualidade no Ajuste Curricular (2016)	52
Quadro 12 – A presença de termos relacionados ao gênero e à sexualidade nos programas das disciplinas no ano de 2019	54

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percentual de disciplinas obrigatórias com seus programas de 2019 recebidos integralmente, parcialmente ou sem recebimento	50
Gráfico 2 - Percentual de adesão ao convite por semestre de entrada (turma)	62
Gráfico 3 - Percentual de participações efetivas em um dos grupos focais por semestre de entrada (turma)	63

SUMÁRIO

1 ENTRE MEMÓRIAS, DIÁLOGOS E PROVOCAÇÕES: O QUE ME ACOMPANHA E QUE ME FAZ PULSAR.....	9
1.1 A construção do estudo	17
2 CONCEITO(AÇÕES)	19
2.1. A categoria gênero.....	19
2.2. A categoria sexualidade.....	23
3 GÊNERO, SEXUALIDADE E A FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE DA EEEFTO/UFMG: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO PARA POSSIBILITAR A VIDA	28
3.1 Inequidades de gênero e sexualidade na sociedade brasileira.....	29
3.2 As inequidades de gênero e sexualidade no debate educacional brasileiro e na Educação Física escolar: algumas reflexões para a formação inicial docente	31
3.3 A discussão sobre gênero na formação docente em Educação Física...	36
3.4 O curso de Licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO/UFMG)	40
4 OS CAMINHOS DA PESQUISA	43
4.1. Um “quase novo” caminho para a pesquisa.....	43
4.2. Um passo de cada vez: a delimitação dos dados e um olhar sobre os sujeitos de pesquisa.....	45
4.2.1 A Análise Documental.....	45
4.2.2 Entrevista semiestruturada e Grupos Focais	60
5 OS REGISTROS DOCUMENTAIS E OS SUJEITOS: DIVERSAS VOZES QUE VERSAM SOBRE DUAS PRESENÇAS EM UM MESMO CURSO	65
5.1 A presença das temáticas gênero e sexualidade no curso	65
5.1.1 Versos sobre a presença de gênero nas vozes dos registros documentais e da ex-coordenação de Colegiado de Curso	65

6 IN-CONCLUSÕES	82
REFERÊNCIAS.....	85
APÊNDICES.....	90
APÊNDICE I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Termos para autorização do uso de dados para Coordenação do Colegiado de Curso	90
APÊNDICE II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Termos para autorização do uso de dados para Coordenação do Colegiado de Curso (2016)	93
APÊNDICE III - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Termos para autorização do uso de dados para Estudantes	97
APÊNDICE IV - Roteiro para entrevista semiestruturada com a Coordenação do Colegiado de Curso (2021)	101
APÊNDICE V - Roteiro para entrevista semiestruturada com a Coordenação do Colegiado de Curso (2026)	103
APÊNDICE VI - Roteiro para grupos focais com estudantes do curso	105
APÊNDICE VII – Convite feito via WhatsApp para estudantes para participação na pesquisa.....	106

1 ENTRE MEMÓRIAS, DIÁLOGOS E PROVOCAÇÕES: O QUE ME ACOMPANHA E QUE ME FAZ PULSAR

“Qual é o objetivo de educação? No final da linha, você ser um bom técnico né, você ser um bom profissional no ensino superior, um bom patrão, um bom empregado, um bom liberal e não conhecedor dessas besteiras como ideologia de gênero. [...]. Assim tem que ser o nosso ensino, o pai e a mãe têm que ter a garantia, tranquilidade de que quando o filho ‘tá’ indo pra escola não é pra aprender a fazer sexo, não, ô pessoalzinho que tá no Ministério da Educação. ” (BOLSONARO, 2018, 25min57s)

“A ideologia se instalou no terreno da cultura, da educação e da mídia, dominando meios de comunicação, universidades e escolas. A ideologia invadiu nossos lares para investir contra a célula mater de qualquer sociedade saudável: a família. Tentam ainda destruir a inocência de nossas crianças pervertendo até mesmo identidade mais básica e elementar: a biológica” (BOLSONARO, 2019, 28min15s)

Nos últimos anos, muito se tem falado sobre uma suposta ideologia de gênero, que representaria a deturpação do conceito tradicional de família, ferindo as convicções religiosas ou morais dos pais ou responsáveis pelos estudantes (NICOLINO, 2018). Contudo, pouco se tem questionado a sua real existência e se realmente assumiria a representação atribuída por alguns grupos da sociedade¹. Apesar disso, caminho para a compreensão de que muitos esforços estão sendo direcionados para ajudar a construir algo irreal², ao mesmo passo em que tem sido pequena a preocupação – principalmente por parte desses grupos - em compreender as complexidades que constituem essas manifestações concretas da realidade, especificamente no que diz respeito a gênero e sexualidade. Irei me dedicar então, nesses dois primeiros capítulos do trabalho, a trazer mais elementos para essa compreensão.

¹ “A expressão foi apropriada por uma parte reacionária da Igreja Católica, sob o apoio de um grupo evangélico, para criticar a construção social e histórica dos corpos. Esse grupo entende que o biológico, representado pela vagina e pelo pênis, determina o que é ser mulher e o que é ser homem. Para fundamentar esse conceito, trazem a ideia de família “tradicional”, constituída por uma mulher e um homem, como única forma de constituição moral e possível e, portanto, política. (NICOLINO, 2018, p. 73)

² “Assistimos a inúmeras tentativas de destituir gênero, sexualidades, feminismos, teoria queer e estudos gay e lésbicos de seu caráter científico e construcionista, para acusá-los de ideologia, para enfraquecer seus argumentos, suas afirmações, suas pautas de luta, suas evidências teóricas e empíricas” (PARAÍSO; CALDEIRA, 2018, p. 14)

Destarte, destaco que me parece estar posto para o senso comum que a sexualidade está próxima de gênero, o que por vezes revela uma ausência de distinções sobre suas particularidades. Como exemplo, vale retomar a citação que abre o presente trabalho. Nessa, ao se criticar uma “ideologia de *gênero*”, afirma-se que “o pai e a mãe têm que ter a garantia, tranquilidade de que quando o filho ‘tá’ indo ‘pra’ escola não é pra aprender a *fazer sexo*”³. Seria possível demarcar uma fronteira de onde o gênero termina e se inicia a sexualidade, e vice e versa? Como essas duas dimensões estão presentes na realidade?

Tentando trazer elementos para responder a essas questões, penso que, ao longo de nossas vidas, nos identificamos com uma gama de práticas e apresentamos comportamentos que podem ser enquadrados como pertencentes a determinado grupo. Contudo, quando nos falamos que essas práticas e comportamentos dizem respeito a um grupo ao qual, segundo um ponto de vista, não pertencemos – ou deveríamos pertencer - atribui-se a isso um sentido de erro. Desde muito cedo, percebi que me identificava com práticas hegemonicamente *consideradas* femininas, seja por brincar com bonecas ou jogar vôlei e queimada. Mas não somente. As práticas *consideradas* masculinas também estiveram presentes, como por exemplo o vídeo game.

Em outras palavras, uma vez que fui atribuído ao gênero masculino ao nascer, me foi dado um *manual de instrução*. Nesse, estava escrito – leia-se: me foi ensinado - que eu deveria agir como um homem, pensar como um homem e me relacionar sexual e afetivamente com pessoas atribuídas ao gênero feminino em seus nascimentos⁴. Isso se materializava, dentre diversas maneiras, em formas específicas de falar, andar e me comportar⁵. Corroboro com Silvana

³ Vale a ressalva de que a sexualidade não se define apenas através do ato sexual, o que pretendo discutir melhor no segundo capítulo dessa monografia.

⁴ Me permito aqui fazer desse *manual de instruções* uma representação metafórica da *performatividade de gênero*. Para Judith Butler (1999), o gênero não é natural e não há segundo a autora uma relação necessária entre o corpo de alguém e seu gênero. O gênero é sempre um fazer em que não há fronteiras, é performativo, o que não significa o ato pelo qual um sujeito dá vida ao que ele nomeia, mas sim compreendido como um “[...] poder repetitivo do discurso para produzir os fenômenos que ele regula e impõe” (BUTLER, 2002, p. 19, tradução própria).

⁵ Isso se relaciona com o conceito de normalização, entendido como “o processo por meio do qual normas de gênero nomeiam o corpo como feminino ou masculino, tendo por referência a heterossexualidade como matriz para delimitar o sujeito como legítimo. Essa legitimidade é atribuída pela reiteração de como cada um (a) deve se comportar, agir e pensar, supondo “[...] o sexo como um ‘dado’ anterior à cultura, de caráter imutável, a-histórico e binário” (LOURO, 2008, p. 15)

Goellner (2008), ao entender que os atributos relacionados ao gênero são resultado de pequenos aprendizados que constituem a identidade dos sujeitos.

Me recordo das festas de aniversário que presenciei. Tanto nas minhas quanto nas de pessoas amigas, o canto de “com quem a/o aniversariante irá casar” sempre consistia em uma relação heterossexual⁶. Fui “casado” com diversas colegas minhas, ainda criança, sem que ao menos tivessem me perguntado se eu assim desejaria. E o mesmo vale para elas. Contudo, nunca presenciei um aniversário infantil com um canto que representasse um outro tipo de configuração que não fosse a heterossexual⁷.

Aquela *manual* exercia seu papel regulador também em outras instituições, para além da família. Na escola, havia separação em filas de meninas e meninos antes de nos direcionarmos até as salas de aula, e também na hora de ir embora. No recreio, um grupo - na grande maioria das vezes somente com meninos - ocupava a quadra com o Futebol, enquanto outrem ocupavam outros espaços nas margens⁸. Na construção dos cadernos das/dos estudantes com os conteúdos de aula, se exigia e se esperava maior capricho por parte das meninas, e se aceitava com *naturalidade* o discurso de que os meninos são mais agitados, menos caprichosos e mais desorganizados.

Confiando em minha memória, arrisco dizer que as temáticas de gênero e sexualidade nem sequer eram transversalmente discutidas –

⁶ Cabe aqui entender a heteronormatividade, que é um processo que garante status de normalidade e caráter de naturalidade para a norma heterossexual. Esse processo é acompanhado por um engendramento de estratégias e táticas - mesmo que sutis - em distintas instâncias, sendo sustentado pelo alinhamento sexo-gênero-sexualidade (LOURO, 2009). Nas palavras da autora, “supõe-se, segundo essa lógica, que todas as pessoas sejam (ou devam ser) heterossexuais” (idem, p. 90) cabendo para os que escapam a ela serem relegados a um segundo plano, excluídos, ignorados, punidos, ou no melhor cenário reeducados e reformados (idem, p. 90). Vale aqui, contudo, a discordância com a autora de que a reeducação e a reforma desses sujeitos seja, em qualquer situação, um “melhor cenário”, mesmo que somente em comparação com outras piores.

⁷ A questão aqui não se trata de defender que se passe a “casar” dois meninos ou duas meninas nos cantos de aniversário, mas sim evidenciar que esse casamento simbólico entre crianças já é feito, e sempre representando uma relação heterossexual.

⁸ “Observo as crianças e percebo que os meninos estão espalhados pela quadra, correm de um lado para o outro e ocupam quase toda sua totalidade. Já as meninas não correm tanto e se agrupam, realizando suas brincadeiras em um dos cantos da quadra. Percebo então que durante suas atividades, os meninos ‘invadem’ os locais ocupados pelas meninas, e o fazem constantemente. Converso com um destes meninos e pergunto por que ocupam maior espaço que o das meninas, e ele responde sem hesitar: - Ah, as meninas não precisam mais do que um canto” (FRAGA; GONÇALVES, 2005). Esse trecho de um trabalho investigativo, realizado em um colégio estadual na cidade de Porto Alegre com alunos da 3ª série do Ensino Fundamental, provoca pensar o lugar da margem como sendo ao mesmo tempo simbólico – de não estar ao centro, ou em evidência - e concreto: na ocupação dos espaços da quadra.

incorporadas em planejamento pedagógico - nas escolas onde estudei. Tais temáticas eram abordadas pontualmente, de acordo com a visão de mundo da/do professora/or, somente quando acontecia alguma situação de preconceito e exclusão, situação que hoje seria compreendida como uma prática LGBTQIAP+fóbica⁹. No ensino fundamental, ao ser vítima dessas situações e denunciar para uma professora, escutei “*Ah, Franklin, mas você também não coopera né?*”, seguida por “*O menino vira gay quando tem um pai banana que não coloca limites e não educa*”. Em outras situações, a discussão escapava para uma neutralidade e era abordada através da noção de respeito. Sobre esse lugar, Bárbara Santana traz uma reflexão que considero interessante:

Reflijo sobre o perigo do “lugar” em que o gênero se encontra na maioria das vezes. O lugar de “respeito” é estratégico, é abrangente e fala por si só. Quando pautamos respeito, não importa sobre “o que” ou sobre “quem” estamos falando, pois parece que essa dimensão é suficiente para demonstrar uma neutralidade positiva. Se eu respeito, não preciso refletir, não preciso conhecer, pois independente de qual seja o seu “problema”, espero que seja aceito e que viva bem (SANTANA, 2019, p. 9).

Durante o primeiro ano do ensino médio, como parte de um seminário apresentado para toda a escola, abordei junto ao meu grupo a temática da diversidade e preconceito. Como forma de intervenção, elaboramos e imprimimos um questionário a ser respondido para quem se aproximasse da instalação. Dentre as perguntas feitas, destaco: Você tem alguma coisa contra pessoas homossexuais? Recebendo uma resposta negativa da maioria das pessoas. Seguida por: você aceitaria que seu filho fosse homossexual? Apresentando, contraditoriamente, uma resposta também negativa das mesmas pessoas que responderam não ter nada contra na questão anterior. Nesse mesmo evento, me recordo da minha professora de Língua Portuguesa da época dizer “*Tudo bem ser entre quatro paredes, o problema é quando demonstra em público.*”

⁹ A sigla LGBTQIAP+ se refere a pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans, queer, intersexuais, assexuais e panssexuais. O sinal de adição - embora paradoxal com seu potencial poder de apagamento - parte da compreensão de que a diversidade continua e que poderá ser acrescida de outras formas de se viver gênero e sexualidade, não sendo, portanto, um movimento estanque. Arrisco assim um diálogo com o que diz Djamila Ribeiro (2017) quando postula que “Se não se nomeia uma realidade, sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível” (RIBEIRO, 2017, p. 41).

Sem que eu mesmo percebesse, se materializava ali a minha primeira experiência de aproximação com a pesquisa relacionada a gênero e sexualidade. Pesquisa que não era descolada da minha vida, mas que pretendia questionar, mesmo que indiretamente, o quanto valia a minha vida e o quanto ela poderia ser aceita e passível de ser vivida¹⁰. E de certa forma o que as respostas do questionário apontavam, era que as pessoas homossexuais dificilmente seriam aceitas por suas mães e seus pais, porém poderiam viver em sociedade, desde que não aparentem ser quem são.

Em 2010, me tornei bolsista em uma escola de Dança de Salão, lugar onde pude ser confrontado com diversas provocações no que diz respeito aos papéis construídos de gênero e sexualidade¹¹. Desde o primeiro momento, de maneira muito fluida, dancei com uma diversidade muito grande de pessoas, incluindo nessa diversidade homens e mulheres. Isso despertava olhares de caráter de admiração, novidade e/ou repulsa, mas quase nunca de normalidade.

Fui surpreendido, então, com a notícia de que a pessoa que iniciou minha formação enquanto professor de dança de salão passou a se entender como mulher e trans¹². Esse fato desencadeou mudanças práticas na forma em que ela dava aula, e que reverberou também em minha docência, a começar pelo questionamento e conseqüente mudança de nomenclatura tradicional de

¹⁰ Apesar de ter usado na época, hoje não uso o termo “aceitar” nesse contexto. Isso devido a compreensão de que para se aceitar, é necessário que se peça, o que indica uma relação na qual quem aceita detém um poder sobre a vida da outra pessoa. Quando, na realidade, a palavra deveria ser “compreender”, termo esse que necessita uma ação de quem não compreende na direção de quem o faz e que, por sua vez, pode contribuir para deixar mais nítida a sua realidade vivida. Ambos caminham, então, para a superação da incompreensão.

¹¹ “Gênero são os processos por meio dos quais nos tornamos homens e mulheres em meio a relações de poder. Trata-se de uma norma, ‘um mecanismo através do qual se produzem e se naturalizam as noções de masculino e de feminino’ (BUTLER, 2006, p. 70) Ele tem como motor um raciocínio baseado na heterossexualidade compulsória e em uma norma que opera para garantir ao mesmo tempo um gênero correspondente a um sexo e uma sexualidade heteronormativa (BUTLER, 2001, 2003 e 2006).” (BUTLER *apud* PARAÍSO; CALDEIRA, 2018, p. 24). As proximidades e distanciamentos entre gênero e sexualidade serão abordadas mais adiante no trabalho.

¹² “É importante compreender que as categorias transgênero, travesti e transexual trazem pautas sociais e de identificação diferentes [...] Considero mais importante aqui que opto “[...] trabalhar com o termo trans, por compreender que o uso do termo “trans” como categoria identitária é frequente entre pessoas que poderiam ser classificadas como “travestis” ou “transexuais”. Além disso, o termo também cumpre com outra finalidade almejada na antiga proposta de utilização de “transgênero”: a visibilidade positiva com a eliminação do uso do termo “travesti”, considerado estigmatizante, e a abreviação do termo “transexual”, que teria um caráter medicalizante. (BARBOSA, 2010 *apud* CARVALHO; CARRARA, 2013, p. 348). Entretanto, faço a ressalva de que existe um movimento por parte das pessoas travestis por uma ressignificação afirmativa da identidade travesti, assumindo esta enquanto suas identidades de gênero.

“dama e cavalheiro” para “condutor e conduzido”. Embora tal mudança questionasse de certa forma uma norma vigente, percebe-se hoje que ainda presumia que ambas as pessoas seriam do gênero masculino.¹³

Em vista do que foi até aqui relatado, estabeleço uma relação entre a minha vida pessoal – que abarca todos esses acontecimentos e reflexões - e o fato de chegar ao ensino superior com olhares voltados para gênero e sexualidade. Por conseguinte, sem abandonar a dança, mas motivado também por ela, dou início no primeiro semestre de 2016 minha trajetória enquanto discente do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Antes mesmo de entrar no curso, já me questionava sobre algumas demarcações de gênero encontradas na área, dentre elas: os aparelhos específicos para homens e para mulheres na ginástica artística, a resistência e menor adesão dos homens à prática de dança, bem como como uma menor identificação por parte das mulheres em relação ao futebol. Percepções essas advindas da minha visão sobre o mundo, respaldadas por um senso comum.

Para além das questões mais particulares ao gênero, reflito sobre o que traz o senso comum sobre uma dada relação quase que direta - de causa e efeito - entre a prática de determinada modalidade e a orientação sexual de uma pessoa. Por exemplo, o entendimento de que meninos que jogam vôlei, queimada ou dançam seriam homossexuais (para não dizer outras denominações pejorativas), valendo o mesmo para aqueles que não gostam de jogar futebol. De maneira semelhante, as meninas que gostam de praticar atividades físico-esportivas – mais em particular o futebol - são consideradas “masculinizadas” e, pensando a partir de um alinhamento gênero-sexualidade, tidas como lésbicas. É possível perceber o quanto essas situações se mostram intimamente relacionadas à Educação Física, me fazendo questionar se o curso

¹³ Os sufixos “o” e “or”, de “conduzido” e “condutor”, presumem que a pessoa é do gênero masculino, uma vez que existe a possibilidade de flexão dessas palavras para o feminino, sendo elas “condutora e conduzida”. Apesar da gramática tradicional da língua portuguesa considerar o uso da flexão de gênero masculina para representar ambos, homens e mulheres, corroboro que “a linguagem nunca é apenas o veículo de transmissão de valores sociais, ela está ativamente envolvida no processo de produção das diferenças de gênero” (SCOTT, 1995, *apud*. PARAÍSO; CALDEIRA, 2018, p. 58) e, por decorrência, tenciono a legitimidade do universal masculino. Por que não usar a flexão de gênero feminina para tratar da totalidade, ou até mesmo o gênero neutro?

em que eu acabara de me matricular as abarcariam e as considerariam como relevantes.

No decorrer da graduação, percebi alguns momentos de tentativa de incluir as discussões por parte da equipe docente da instituição. No início do curso, duas pessoas foram trazidas – por quem ministrava uma disciplina obrigatória - para abordarem gênero e sexualidade com a minha turma. Percebi que muitas questões que eu já trazia da minha experiência enfrentando a temática não condiziam com parte do que estava sendo dito – o que não necessariamente seria ruim. Ouvi muito sobre “respeitar o que as pessoas escolheram ser”, como se fosse somente o desejo e as escolhas que constituíssem gênero e a sexualidade. Até que ponto as pessoas teriam a possibilidade de escolha para serem quem são? Eu estaria equivocado quanto aos saberes que eu trazia comigo até aquele momento? Ainda assim, me senti admirado pelo movimento docente de tentar trazer o foco de discussão para esses temas.

Outra disciplina procurou tratá-los, nos mostrando a organização de grupos de pessoas de uma mesma orientação sexual que praticam futebol. A pessoa (docente) responsável pela disciplina discorreu brevemente também a respeito da história das mulheres no futebol, e sua ausência de registros no Museu Brasileiro do Futebol (MBF)¹⁴. A partir disso, discutiu-se que seria importante salientar alguns momentos relevantes, como por exemplo o período em que era proibido por lei que mulheres praticassem a modalidade.¹⁵

Em outro momento, me lembro da temática ser incluída no programa de outra disciplina obrigatória para a licenciatura em Educação Física da UFMG. A discussão estava prevista no programa, mas não aconteceu, o que me levou a pensar em quais seriam os motivos que levariam a esse fato. Levando em

¹⁴ “Aberto ao público em 2013, o Museu Brasileiro do Futebol (MBF) se apresentou como uma nova opção de cultura, entretenimento e lazer em Belo Horizonte. Sediado no Mineirão, o MBF pretende expor, pesquisar e preservar artefatos materiais e imateriais do futebol brasileiro, propiciando aos seus visitantes uma imersão ao universo do futebol. ” Disponível em <<http://estadiomineirao.com.br/museu-e-visita/>>. Acessado em: 22 de maio de 2020.

¹⁵ Castellani Filho (1994) conta que em 1941 as mulheres foram interdidas de praticar de forma oficial algumas modalidades esportivas. Em 1965, outro entrave foi publicado, a deliberação do Conselho Nacional de Desporto (CND) segundo a qual as mulheres foram proibidas de praticarem quaisquer formas de lutas, além de rugby, futebol, basebol, polo aquático e halterofilismo. Apenas em 1986 o CND revogou as proibições de 1965. (CASTELLANI, 1994, *apud*. EVANGELISTA; BAPTISTA, 2017, p. 697)

consideração que estava prevista no programa da disciplina junto de outros conteúdos que, por sua vez, foram abordados, o que isso diz sobre a centralidade, importância e legitimidade dos temas e sua abordagem em detrimento de outros?

Outra disciplina abordou gênero e sexualidade e suas conexões com a juventude. Isso ocorreu a partir de várias temáticas pré-selecionadas por quem ministrava a aula, dentre as quais cada grupo de estudantes deveria escolher qual gostaria de apresentar na forma de seminário. Outros temas que eram possíveis de serem escolhidos se relacionavam às questões étnico-raciais, o uso de drogas ilícitas e as relações entre a juventude e a tecnologia.

É de suma importância relatar o completo silêncio em relação à essas questões em outros momentos do curso. Me refiro às disciplinas que, diferentemente das supra relatadas, aparentam não ter construído pontes entre gênero, sexualidade e seus conteúdos específicos. Pensando no que nos provoca Michel Foucault de que o silêncio também diz (FOUCAULT *apud* DORNELLES e FRAGA, 2009), o que o silêncio dessas questões nessas disciplinas estariam nos dizendo?

Considerando o fato de ser esse um curso de formação docente, e quem exerce a docência lida com diferentes e diversos sujeitos que representam – dentre outras características - diversos gêneros e sexualidades, não seria essencial que as disciplinas trouxessem essas questões que permeiam a humanidade – e, por conseguinte a Educação Física escolar – para dentro do curso? O mundo pode ficar de fora do currículo¹⁶? Se não fica, em que medida essa presença é registrada nos documentos norteadores da formação? De que maneira o que está registrado se relaciona com o currículo colocado em ação?

Quanto a colegas de graduação, presenciei poucas problematizações – de iniciativa discente - que envolvessem essas dimensões ao longo do meu percurso acadêmico. Como exemplo, recordo de uma colega questionar um professor sobre algumas pesquisas em fisiologia do exercício, e como essas não

¹⁶ A respeito disso, de acordo com Marlucy Paraíso, duas compreensões ético-políticas são extremamente importantes para o que a autora chamou de *currículo como possibilidade*: primeiro a de que o mundo não pode ficar de fora de um currículo, e segundo a de que um currículo aberto a criação de possíveis não pode funcionar segundo as regras do mundo. (PARAÍSO, 2018)

contemplavam significativamente uma amostragem feminina, trazendo lacunas para entender esse enfoque.

Em outros momentos, fui eu o questionador. Me recordo de um grupo de trabalho que, ao visitar um grupo de boxeadores, citou sem questionamentos a fala desses praticantes, que comparavam “bater igual mulherzinha” com lutar mal. E aqui a questão não seria o que falaram os boxeadores, mas a falta da crítica de meus colegas ao trazer aquelas falas. Em outro momento, trouxe em um trabalho, junto com uma colega, o tema de “gênero e Educação Física escolar” para a disciplina de estágio. A ideia consistia em fazer diálogos teóricos com o que estava acontecendo no chão das escolas municipais onde aconteciam os estágios. Ressalvo aqui todos momentos em que essas discussões foram potencialmente trazidas por colegas discentes e que eu não presenciei.

Todo esse conjunto de experiências e reflexões me fazem chegar ao ensino superior - e ao final do curso - com um olhar que permanece voltado para gênero e sexualidade. Como a equipe docente da graduação discute essas temáticas? Estudantes entendem tais discussões como importantes para suas formações enquanto docentes de Educação Física? Quais são as disciplinas que objetivavam tratar de questões relacionadas a esses temas? Em que medida essas temáticas balizam o ensino e aprendizagem em Educação Física escolar, ao ponto de trazerem a necessidade para que estejam presentes no respectivo curso de licenciatura?

1.1 A construção do estudo

A pesquisa se configura enquanto um estudo de caso exploratório da presença de gênero e sexualidade no curso. Para essa construção, portanto, importa considerar para além dos registros documentais e do currículo colocado em ação pela equipe docente, abarcando também a percepção discente e das coordenações de Colegiado de Curso. A necessidade de realizá-la partiu, em síntese, de justificativas pessoais, políticas, pedagógicas e científicas (essa última a partir da constatação de uma lacuna observada na literatura e que será tratada posteriormente).

Em vista disso, o presente trabalho tem por objetivo analisar e problematizar a presença das temáticas gênero e sexualidade no curso de

Graduação Plena – Licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (EEFFTO/UFMG) no ano de 2019. Para tal, será apresentada análise: [1] do Projeto Pedagógico do curso em questão que se encontra vigente no referido ano; [2] da maneira em que as referidas temáticas aparecem nos títulos, ementas e programas das disciplinas obrigatórias ofertadas no curso; [3] da frequência do aparecimento das temáticas nos documentos supracitados. Além disso, analisar e problematizar de que forma a equipe docente do curso faz a discussão de gênero e sexualidade no decorrer de suas respectivas aulas, bem como analisar se corpo discente e coordenação de colegiado de curso compreendem as discussões como necessárias para a formação.

Objetivo entrar nesse território dos estudos curriculares tomando como referência os pensamentos feministas e de gênero para dizer de suas normalizações, performatividades, citacionalidades e também suas aberturas (PARAÍSO, 2018). Para tal, no capítulo 2 estabeleço as “conceito(ações)” necessárias para a compreensão do objeto de pesquisa, a partir da noção de construção social, histórica e política desses. No capítulo 3 discorro sobre como o diálogo entre gênero, sexualidade e formação docente em Educação Física se faz necessário para possibilitar a vida e a superação de inequidades sociais. Já no capítulo 4, eu apresento os caminhos percorridos na construção deste estudo, a delimitação dos dados e estabeleço primeiras demarcações a respeito dos documentos analisados e os sujeitos de pesquisa. Finalizando a escrita, no capítulo 5 me proponho a mediar e analisar as diversas vozes que versam sobre a presença de gênero e sexualidade no curso de Licenciatura em Educação Física da EEFFTO/UFMG.

2 CONCEITO(AÇÕES)

Os conceitos são considerados os termos mais importantes de um discurso científico. Consistem em palavras ou expressões que carregam riqueza de sentido, representações da realidade, história, teoria e também muita ação social (MINAYO, 2009). Não é à toa então que opto pelo título acima. Apesar de usar de minhas palavras para trazer Maria Cecília de Souza Minayo, o redundante conceito de conceito não é colocado em vão. É preciso ter sempre em mente que existe história e luta por trás dos sentidos construídos sobre os termos, representações de realidades que são vividas. Não apenas palavras. É a partir desse pano de fundo que seguirão breves apresentações sobre os conceitos relacionados a essa pesquisa – inicialmente de gênero e depois sexualidade – em seus sentidos, seus breves históricos e como esses são frutos da ação social.

2.1. A categoria gênero

A reivindicação por igualdade de gênero tem com o primeiro marco histórico a primeira onda do movimento feminista, o movimento sufragista, no qual as mulheres brancas e de classe média reivindicaram uma igualdade de participação na esfera pública (DEVIDE *et al*, 2011). Importa aqui salientar que esse é um marco hegemônico na literatura, mas Djamila Ribeiro (2017) postula que discussões feministas já eram feitas muito antes disso pelas mulheres negras.

Por sua vez, a segunda onda do movimento feminista, a partir de 1960, passou a considerar as experiências de ambos os sexos no contexto social, a partir de uma dimensão relacional (DEVIDE *et al*, 2011)¹⁷. Tal dimensão relacional pode ser percebida no conceito trazido por Joan Scott em seu texto *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* (1995), que entende o gênero como

¹⁷ Essas demarcações se fazem importantes uma vez que muitas das discussões que são realizadas na atualidade no âmbito do esporte foram alavancadas pelo movimento feminista (GOELLNER, 2008).

“Um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que fornecem um meio de decodificar o significado e compreender as complexas formas de interação humana” (SCOTT, 1995, p.89)

Dialogando com a autora, é possível compreender que a categoria gênero vem para trazer novas lentes sobre as – não simples – formas de interação humana. A categoria parte das relações sociais que são construídas a partir das diferenças percebidas entre os sexos. Ou seja, a partir das diferenças percebidas e justificadas através dos sexos *biológicos*. É preciso prestar atenção, entretanto, para que tal conceito não passe a explicar todas as reações possíveis entre homens e mulheres. Como nos alerta Bachelard

Um conceito científico, segundo Bachelard (2003, p. 76), serve para explicar uma situação, em uma dada condição, que nos forneça a capacidade de nomear um fenômeno, torná-lo eficaz para avançar o conhecimento. Entretanto, o próprio autor destaca que “[...] a fecundidade de um conceito científico é proporcional a seu poder de deformação”. Quando gênero e discriminação passam a explicar todas as situações da relação entre os sexos, perdem seu poder de avançar no conhecimento [...]. (BACHELARD *apud* CHAN-VIANNA *et al.*, 2010, p. 161-162).

Não perdendo a questão da exclusão de vista e parecendo corroborar com a visão de Scott (1995), outras autorias trazem que gênero é “entendido como a construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres, bem como uma categoria sexual socialmente construída” (CAMPOS *et. al.* *apud* DA ROCHA MATOS *et. al.*, 2016, p. 262). De maneira semelhante, outras autorias acrescem esse conceito da noção da lógica binária, definindo como “construções culturais das diferenças tendo como ponto de partida as diferenças percebidas entre os sexos pensados em uma lógica binária: masculino e feminino (JACO; ALTMANN, 2016, p. 23).

Entretanto, vale pontuar que a palavra gênero nem sempre foi utilizada para se referir a construções sociais e culturais, sendo inicialmente utilizada enquanto sinônimo de sexo biológico:

Até então, a palavra gênero somente era utilizada para designar as diferenças de sexo. Silva (2003, p. 91), relata que aparentemente a palavra gênero, foi utilizada pela primeira vez com um sentido próximo do atual pelo biólogo estadunidense John Money, em 1955,

precisamente para dar conta dos aspectos sociais do sexo. Antes disso, a palavra gênero tanto em inglês, como em português estava restrita à gramática, significando “sexo” dos substantivos. (SILVA, 2003 *apud* CRUZ; PALMEIRA, 2009, p. 119)

Discorrendo ainda sobre as proximidades e distanciamentos entre essas duas palavras, Silva continua, postulando que “gênero” e “sexo” se diferem em significado, sendo o primeiro referente aos aspectos socialmente construídos e o segundo aos aspectos estritamente biológicos (SILVA, 2003 *apud*. CRUZ; PALMEIRA, 2009).

Além da proximidade de gênero e sexo, pode-se perceber também uma conexão entre gênero e sexualidade – como provocado na introdução dessa monografia. Apesar disso, ambos não apresentam o mesmo significado, pois “gênero refere-se à condição social pela qual somos identificados como homem ou como mulher e a sexualidade refere-se a forma pela qual vivemos nossos desejos e prazeres corporais” (BRITZMAN, 1996 *apud*. NICOLINO; SILVA; ROSA, 2019, p. 131).

Considero como complementar o que Judith Butler traz sobre a noção de gênero, entendendo-o como “aparato pelo qual a produção e a normalização do masculino e do feminino se manifestam junto com as formas intersticiais, hormonais, cromossômicas, físicas e performativas que o gênero assume” (BUTLER *apud* NICOLINO; SILVA; ROSA, 2019, p. 131). A partir da minha compreensão, no que traz Butler, gênero é apresentado como um instrumento, um mecanismo que produz masculinidade e feminilidade junto com as formas biológicas – ou seja, não negando diferenças desse cunho. Nicolino, Silva e Rosa complementam: “É, portanto, um produto histórico, que se dá em um processo social, cultural e, sobretudo, político” (*idem*, p. 131).

Outra noção interessante é a de que gênero é o discurso que se materializa em torno da anatomia. É uma estilização do corpo que é feita, “inclusive em sua materialidade, pelas práticas discursivas que constituem a subjetividade ” (PLAZA, 2004 *apud*. NICOLINO; SILVA; ROSA, 2019, p. 131). Plaza complementa, nos dizendo que gênero é, “antes de tudo, uma maneira de implicar o corpo no político” (*idem*, p. 131).

Em diálogo com Guacira Lopes Louro, Lara Araújo (2015), em sua dissertação de mestrado, traz a relação de gênero com identidade. Inspirada na

autora, Araújo escreve que [...] os sujeitos apresentam identidades múltiplas e instáveis, as quais são definidas, também, por meio da diferença. Diante disso, o gênero é compreendido como parte integrante na constituição das identidades que os sujeitos assumem” (ARAÚJO, 2015, p.37). A autora escreve em diálogo com Louro que, diante disso, o gênero é compreendido como parte integrante na constituição das identidades:

Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se constituindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e estar no mundo. Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformando-se não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também transformando-se na articulação com as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe (LOURO *apud* ARAÚJO, 2015, p. 37)

Para finalizar a apresentação dessa categoria, gostaria de apresentar uma diferente perspectiva se tratando de identidade. Paul Preciado (2019), posicionando-se como dissidente, coloca em discussão as categorias e as caixas, e fazendo uma crítica ao regime epistemológico e político binário que governa os corpos. Na introdução de seu livro *Um apartamento em Urano* (2019).

No soy un hombre. No soy una mujer. No soy heterosexual. No soy homosexual. No soy tampoco bisexual. Soy un disidente del sistema sexo-género. Soy la multiplicidad del cosmos encerrada en un régimen epistemológico y político binario, gritando delante de ustedes (PRECIADO, 2019, p. 25-26)¹⁸.

Apesar de na minha compreensão, ser dissidente parecer se constituir como outra caixa – a das pessoas que se dizem dissidentes - Paul Preciado parece nos convidar para pensar o que eu vou chamar de não-binariedade. Mas esse debate não é meu, ele se mostra em evidência atualmente no cenário político brasileiro e se manifestando principalmente através de um movimento por uma linguagem de gênero neutro.

¹⁸ Eu não sou homem. Eu não sou mulher. Eu não sou hétero. Eu não sou homossexual. Também não sou bissexual. Sou dissidente do sistema sexo-gênero. Eu sou a multiplicidade do cosmos trancada em um regime epistemológico e político binário, gritando na sua frente (PRECIADO, 2019, p. 25-26, tradução própria).

2.2. A categoria sexualidade

Antes de qualquer coisa, cabe observar que o termo “gênero” não somente aparece de maneira significativa nos trabalhos que tratam da sexualidade, mas atravessa e constitui a discussão dessa temática. A partir da análise de diversos estudos, Nicolino e Paraíso (2018) apontam que

Chama atenção nos trabalhos analisados não apenas a frequência com que o termo “gênero” aparece, mas, sobretudo, como o tema atravessa e constitui a discussão da sexualidade. O conceito de gênero é utilizado para apresentar como se dá o processo de escolarização dos corpos de meninos e meninas dentro e fora das aulas de Educação Física. Os trabalhos, nesse sentido, anunciam o quanto o sexo biológico marca a constituição dos corpos escolares, denunciando o quanto as diferenças anatômicas dos corpos são utilizadas para justificar a produção das desigualdades no contexto escolar. As relações de gênero são reguladas por uma lógica generificada, em que a mulher é representada como feminina e detentora de uma vagina e o homem como masculino e detentor de um pênis. Segundo os estudos, esses ensinamentos se dão, sobretudo, pelo “não-dito” produzido pelas e nas práticas pedagógicas, dentro e fora das aulas de Educação Física. (NICOLINO; PARAÍSO, 2018, p. 98)

Para ajudar a compreender as proximidades de gênero e sexualidade nas pesquisas, trago um levantamento bibliográfico¹⁹ feito por mim, com as palavras chave “gênero e educação física escolar” - nas revistas Revista da Educação Física/UEM, Revista Movimento, Revista Pensar a Prática, Revista Motrivivência e Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) – foram encontrados 18 artigos que cumprissem os critérios de seleção²⁰. A relação das produções encontradas²¹ pode ser vista no Quadro 1.

¹⁹ O levantamento foi feito através do portal de periódicos online da CAPES.

²⁰ Foram excluídas produções anteriores ao ano de 2009 e também aquelas que não abordem com centralidade o gênero e Educação Física escolar – o que foi avaliado através da leitura, inicialmente do resumo, e caso necessário do artigo por completo.

²¹ Na Revista de Educação Física/UEM, através das palavras chave “gênero e educação física escolar” e do recorte temporal entre 01/01/2009 e 31/12/2019, foram encontrados 5 artigos, mas apenas um que abordasse com centralidade o tema. Já na Revista Movimento, 22 artigos, sendo que somente quatro cumpriam o critério de inclusão. No periódico Pensar a Prática, entre 01/01/2009 e 31/12/2019, foram encontrados 20 artigos e 5 deles abordam a temática e foram incluídos. Na Revista Motrivivência foram encontrados 19 artigos, dos quais 7 foram selecionados. Como resultado da mesma busca, Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) revelou 27 artigos, dos quais apenas 2 puderam ser incluídos.

Quadro 1 – Levantamento de artigos científicos online: gênero e educação física escolar

ANO	REVISTA	TÍTULO	AUTORIA (S)
2010	Revista Movimento	Educação Física, gênero e escola: uma análise da produção acadêmica	Alexandre Jackson Chan-Vianna, Diego Luz Moura, Ludmila Mourão
2011	Revista Motrivivência	Marcas de gênero na Educação Física escolar: a separação de meninos e meninas em foco	Priscila Gomes Dornelles
2012	Revista Pensar a Prática	Corpo e Movimento: Produzindo diferenças de gênero na educação infantil	Helena Altmann, Marina Mariano, Liane Aparecida Roveran Uchoga
2012	Revista Motrivivência	As masculinidades produzidas nas aulas de educação física: percepções docentes	Marcelo Moraes e Silva, Maria Rita de Assis Cesar
2013	Revista da Educação Física/UEM	A dança no ensino médio: reflexões sobre estereótipos de gênero e movimento	Neusa Dendena Kleinubing; Maria do Carmo Saraiva; Vanessa Gertrudes Francisch
2013	Revista Pensar a Prática	O bullying na Educação Física escolar e sua diferença entre meninos e meninas	Riana Duarte Linhares, João Paulo Oliveira Faria, Raquel Guimarães Lins
2014	Revista Pensar a Prática	A opinião dos professores de Educação Física do ensino médio sobre a homossexualidade e homofobia na escola	Xênia Ferreira de Oliveira, Marcos Roberto Godoi, Luciene Neves Santos
2014	Revista Pensar a Prática	Educação Física, Futebol e Gênero Uma proposta de ensino a partir das relações de poder	Hudson Fabricius Peres Nunes, Thiago Farias da Fonseca Pimenta, Juliana Cesana, Alexandre Janotta Drigo
2015	RBCE	Educação física escolar e relações de gênero: Diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula	Liane Aparecida Roveran Uchoga, Helena Altmann
2016	Revista Movimento	Resenha do livro Gênero, Masculinidades e Diversidade: Educação Física, Esportes e Identidades Masculinas (Educação Física escolar central???)	Rafael de Gois Tinoco, Mayara Cristina Mendes Maia, Paula Nunes Chaves, Rondinele Souza Santana, Allyson Carvalho Araújo
2016	Revista Pensar a Prática	Gênero e Sexualidade na Educação Física escolar: Um balanço das produções de artigos científicos de 2004 a 2014 nas bases Lilacs e Scielo	Glenda Macedônia Gutierrez Sabatel;

			Stephanie de Sousa Alves; Marcos Vinicius Francisco; Márcia Regina Canhoto de Lima
2016	Revista Motrivivência	Discussão de Gênero nas aulas de educação física: Uma revisão sistemática	Naiara da Rocha Matos, Geisa Silva Brasileiro, Rodolfo Teixeira Rocha, Jorge Lopes Cavalcante Neto
2016	Revista Motrivivência	Identidade de gênero e suas implicações sobre a sexualidade na perspectiva de professores de Educação Física	Aline Gomes Machado, Roberto Gondim Pires
2016	Revista Motrivivência	A Educação Física como território de demarcação dos gêneros possíveis: vivências escolares de pessoas travestis, transexuais e transgêneros	Neil Franco
2018	Revista Movimento	Performatizações Queer na Educação Física Escolar	Rafael Marques Garcia, Leandro Teofilo de Brito
2018	Revista Movimento	Escolarização da sexualidade: O silêncio como prática pedagógica da Educação Física	Aline Silva Nicolino, Marluicy Alves Paraíso
2018	Revista Motrivivência	A homofobia como uma das faces do bullying: análise em periódicos científicos da Educação Física	Galdino Rodrigues de Sousa, Fabiano Pries Devidé, Talita de Resende Andrade, Elaine Valéria Rizzuti
2019	RBCE	Diferenças de gênero na avaliação qualitativa de atividades físicas e sedentárias de escolares de 7 a 10 anos no nordeste brasileiro	Gilmar Mercês de Jesus, Lizziane Andrade Dias, Priscila de Argolo Cerqueira, Maria Alice Altenburg de Assis, Emil Kupek

Fonte: elaboração própria.

Em um recorte de uma década de produção, referente à 5 importantes revistas científicas da área, foram encontrados apenas 18 artigos (média de 1,8 artigos publicados por ano) e com o pico de publicação em 2016 (5 artigos). É interessante observar que, apesar das palavras chave não incluírem “sexualidade”, 4 artigos compreenderam já em seus títulos a palavra, assim como homofobia e homossexualidade.

Em paralelo, um levantamento feito por Nicolino e Paraíso (2018)²² mostrou que dentre 6 produções (5 dissertações e 1 tese) sobre a temática de

²² As produções foram procuradas nos 52 cursos de mestrado e doutorado em Educação Física no Brasil,

sexualidade na escola, 66,7% continham os termos “gênero” e “corpo” nos títulos. Apenas 2 trabalhos escaparam dessa lógica, os quais indicam no resumo e no título trabalhar apenas com a sexualidade. Isso significa que existem distinções no meio acadêmico para tratar do tema, devido a disputas políticas do campo da sexologia educacional, que busca reconhecimento científico no contexto educacional (NICOLINO; PARAÍSO, 2018).

De modo geral, esse primeiro levantamento nos permitiu identificar que “gênero” e “corpo” são os termos de maior representação na discussão sobre a sexualidade na Educação Física. Identificamos, também, que a produção sobre o tema na área é incipiente, mas que são as mulheres, em sua maior parte, que vêm produzindo a discussão de sexualidade na Educação Física Escolar, marcando politicamente a escrita científica desse campo. Entendemos, portanto, que os termos escolhidos para estarem nos títulos, nas palavras-chave e nos resumos não são neutros, constituem as “verdades” mais representativas dessa discussão e, por isso, merecem ser analisados. (NICOLINO; PARAÍSO, 2018, p. 98)

Apesar do que foi exposto, procurarei durante minha pesquisa compreender gênero e sexualidade como categorias distintas, mesmo que apresentem forte ligação entre si. Corroboro com o diálogo que Nicolino e Paraíso (2018) estabelece com Jeffrey Weeks (2001), ao dizerem que “[...] a sexualidade é entendida como uma questão política, que merece ser investigada e analisada de modo histórico e sociológico” (WEEKS, 2001 *apud*. NICOLINO; PARAÍSO, 2018, p. 95).

Ainda em decorrência dessa escolha da compreensão dessas duas categorias enquanto distintas, trago o que postulam Nicolino, Silva e Rosa (2019) em seus diálogos com Britzman, sobre esses dois conceitos

Entendemos que embora gênero esteja diretamente ligado à sexualidade, ambos não apresentam o mesmo significado, ‘gênero refere-se à condição social pela qual somos identificados como homem ou como mulher e a sexualidade refere-se a forma pela qual vivemos nossos desejos e prazeres corporais’ (BRITZMAN, 1996, *apud* NICOLINO; SILVA; ROSA, 2019, p. 131).

Em diálogo com Guacira Lopes Louro, Lara Araújo (2015) problematiza que, “embora as discussões sobre gênero contemplem as questões de sexualidade, não há uma determinação entre os desejos corporais e sexuais vivenciados pelos indivíduos e a forma como se identificam enquanto

masculinos e femininos” (ARAÚJO, 2015, p. 46-47). A autora complementa, dizendo que “isso significa que a sexualidade não é definida pelo gênero nem pelo sexo biológico, ou seja, [...] não são decorrências ‘naturais’ de suas características sexuais biológicas” (idem, p. 47).

Finalizando esse capítulo, reitero, tendo como pano de fundo as discussões conceituais aqui apresentadas, que essas são fruto de ação humana e, por isso, não são estáticas e nem terminam em si mesmas. A continuidade dos movimentos feministas e LGBTQIAP+ - bem como as discussões que são estabelecidas na sociedade de maneira ampla - darão prosseguimento na construção de diferentes sentidos e significados para esses termos. Há, portanto, a necessidade de apurar a capacidade de escuta e compreensão de forma contínua.

3 GÊNERO, SEXUALIDADE E A FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE DA EEEFTO/UFMG: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO PARA POSSIBILITAR A VIDA

Qual seria o objetivo da educação que não se relaciona, de alguma maneira, com a melhoria da vida das pessoas? Para responder a essa pergunta, seria necessário refletir: melhorar a vida de *quais* pessoas? A resposta, que deveria ser simples: *todas*, infelizmente tropeça no curso da história, na qual muitas foram arrancadas de suas posições enquanto pessoas, suas humanidades, suas subjetividades, seus direitos, e de seu reconhecimento enquanto seres humanos. Apesar dos reconhecidos avanços, a educação escolar não apenas testemunhou e vem testemunhando esse processo, como também contribuiu e contribui para a manutenção desse em alguma medida. E a educação física, bem como sua representação docente no espaço escolar, também não estão livres de suas responsabilidades nesse sentido.

A partir desses pontos iniciais – que ainda serão mais amplamente abordados, neste capítulo serão apresentadas outras justificativas para o desenvolvimento da presente investigação, tomando como referência o diálogo com construções teóricas relacionadas a gênero, sexualidade, educação física escolar e formação docente.

Chan-Vianna *et al* (2010) trazem que “refletir sobre as diferenças e promover a equidade, sem estigmatizar os envolvidos” (idem, p. 149) se apresenta enquanto o desafio pedagógico. A partir desse raciocínio, postulam também que “a pesquisa em educação física é fundamental para destacar os caminhos a seguir” (idem, p. 164). Penso, portanto, que a presente pesquisa se situa na esteira de reflexão de percursos que podem ser seguidos para a superação das inequidades sociais que se refletem nas aulas de Educação Física dentro do espaço escolar – pensando o papel docente como um dos principais epicentros que influenciam nesse movimento. Interpreto que, refletir sobre esse desafio colocado pelas referidas autorias, é pensar de quantas maneiras possíveis as pessoas podem ser diferentes umas das outras. E isso parece ter sido feito de maneira insuficiente, uma vez que tem se dado muita

atenção para as dimensões de “o que ensinar”, “quando ensinar”, “como ensinar”, “por que ensinar” e pouca para atenção em “para quem ensinar²³”.

Em meio às múltiplas características humanas e marcadores sociais, seguirão argumentos de por que as temáticas de gênero e de sexualidade – especificamente - merecem a atenção²⁴ nos cursos de formação docente, em especial aos que se destinam a formar quem ocupará os espaços escolares através da disciplina de Educação Física. Assumir como pano de fundo que a escola poderia reproduzir, mesmo que de maneira velada, os estereótipos discriminatórios que estão presentes na vida social (CHAN-VIANNA *et al*, 2010) se faz necessário no movimento de autorreflexão docente em busca de uma educação que vise tanto a emancipação discente, quanto a permanência escolar e o pleno desenvolvimento humano desses.

3.1 Inequidades de gênero e sexualidade na sociedade brasileira

Sobre as relações de gênero, é necessário que, para além da simples constatação da existência de uma inequidade na sociedade, se possa compreender de que forma essa se materializa, dentro e fora da educação. Em um estudo publicado na Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos, De Souza *et al.* (2015) concluíram que o gênero e a cor, em conjunto, potencializaram as diferenças salariais no Brasil no ano de 2013²⁵. O mesmo artigo traz que, em anos anteriores, outros estudos empíricos também mostraram a diferenciação de salários no mercado de trabalho entre homens e mulheres, mostrando que homens e brancos são favorecidos em relação às mulheres e não-brancos (DE SOUZA *et al.*, 2015).

²³ Aqui me refiro a atenção sobre quem são as pessoas para quem se ensina.

²⁴ Vale ressaltar que não se pretende aqui hierarquizar esses temas como sendo mais ou menos importantes que outros marcadores sociais (como raça, etnia, classe, nacionalidade, etc.), se valendo da justificativa do recorte necessário à toda investigação científica.

²⁵ Foi analisada a base de dados produzida pelo IBGE, no ano de 2013, sobre a população ocupada, ou seja, aquela que trabalha. O estudo mostrou que as características dos indivíduos (dentre elas escolaridade e forma de inserção no mercado de trabalho) explicaram 25% das diferenças salariais. Já os 75% restantes ficaram a cargo da discriminação de gênero e de cor. Os achados corroboraram com as hipóteses iniciais do estudo: “existência de diferença salarial em favor de homens e brancos e elevado impacto da discriminação salarial sobre os grupos discriminados, mulheres e não brancos” (DE SOUZA *et al.*, 2015, p 48)

O estudo *Estatísticas de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil*²⁶ do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), além de trazer o dado de que os homens possuíram a maior média de rendimentos que as mulheres no ano de 2016, também postula que: [1] homens dedicaram menor quantidade de tempo à cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos em 2016, [2] as mulheres ocuparam apenas 10,5% dos assentos da câmara dos deputados em 2017, [3] apenas 39,1% dos cargos gerenciais foram ocupados por mulheres em 2016, e [4] o percentual de mulheres acima de 25 anos com ensino superior é maior que o dos homens, sejam elas brancas, pretas ou pardas.

A inequidade de gênero fica então evidente, uma vez que as mulheres, apesar de percentualmente apresentarem uma maior formação de nível superior, tendem a ter um menor rendimento monetário e uma menor ocupação de cargos gerenciais. Além disso, a representação política feminina na câmara dos deputados corresponde a aproximadamente um décimo dos assentos, o que pode contribuir para que uma menor quantidade de políticas públicas rumo à equidade de gênero seja colocada em discussão.

Diante do que foi exposto, vale destacar que o processo de mudança dos padrões culturais de gênero (que ameniza as tradicionais barreiras à entrada das mulheres no mercado de trabalho e tem elevado continuamente os níveis de escolaridade nas últimas três décadas) se mostram lentos e que apenas "amenizam" o padrão de desigualdade de gênero existente no Brasil (IBGE, 2018). Mas não somente o recorte das pessoas cis²⁷ ilustra as desigualdades de

²⁶ Estudo atualizado em 08/06/2018.

²⁷ "A sociedade criou um sistema de controle de corpos, dividindo-os em gêneros binários (feminino e masculino). Aplicando em cada bebê assim que nasce – ou antes que nasça, pelo ultrassom – uma marcação, uma identidade, um papel, uma etiqueta, um rótulo obrigatório de ser: homem ou mulher. Recebendo regras, as tais 'normas de gênero'. A partir desse momento, a vida daquela pessoa é destinada e ganha papéis sociais, que podem ou não condizer com quem ela é. Essa 'etiqueta' opressora é-lhe dada de forma automatizada, sem consultá-la, sem conhecê-la, e sem sua permissão. [...] As pessoas assinaladas com um gênero ao nascer crescem. Vão desenvolvendo consciência e acabam questionando quem são. Descobrem quem são. Questionam se a identidade de gênero que receberam ao nascer são verdadeiras ou não. Se condizem ou não. E essa resposta, só cabe a elas descobrir em uma jornada de autoconhecimento. Quando a identidade e as normas de gênero que receberam ao nascer condizem com elas, elas são cisgênero. (Ficam do mesmo lado da identidade imposta). Quando a identidade e as normas de gênero que receberam ao nascer não condizem com elas, elas são transgênero. (Transgridem a identidade imposta)" (CASSIANO, 2019, não paginado)

gênero percebidas na sociedade, desigualdades essas que por vezes reforçam violências, como será apresentado a seguir.

Segundo os dados do *Trans Murder Monitoring*, um projeto do *Transgender Europe (TGEU)*, o Brasil é o país com o maior índice de homicídio de pessoas trans e gênero-diversas no mundo²⁸, aparecendo consecutivamente nesta posição segundo dados desde 2008 até junho de 2016 (TVT, 2015). A respectiva equipe de pesquisa relata, em complemento, que existe uma dificuldade de mapeamento de assassinatos ao redor do mundo em função da variedade de termos empregados para identificar pessoas trans e não binárias, da mesma forma que nem todas as pessoas são identificadas como tal após o assassinato (TVT, 2015). Um dado complementar é apresentado pelo relatório de 2017 do Grupo Gay da Bahia, que indica um aumento de 30% das mortes documentadas de pessoas LGBTQ+ no Brasil em relação ao ano anterior: de 343 para 445 mortes (GGB, 2017).

Penso então que a mudança – fruto de ação humana – deve continuar sendo almejada e construída, com o auxílio de investigações científicas como a que aqui se apresenta, mais especificamente no que diz respeito ao meu objeto de pesquisa, dentro do processo educacional brasileiro. De maneira complementar, compreender o lugar de vulnerabilidade social ocupado pelas pessoas trans, diferentemente de reduzi-las, estigmatizá-las e fixá-las como tal, provoca reflexões sobre como o processo educacional pode reforçar esse lugar ou, pelo contrário, contribuir para mudar essa realidade.

3.2 As inequidades de gênero e sexualidade no debate educacional brasileiro e na Educação Física escolar: algumas reflexões para a formação inicial docente

Trazendo agora o foco da discussão para a educação no Brasil, Cruz e Palmeira (2009) apresentam brevemente como foram materializadas historicamente as diferenças entre homens e mulheres

²⁸ Os dados coletados se referem apenas a casos relatados, disponíveis na internet ou os que são reportados diretamente para os pesquisadores por ativistas locais e organizações parceiras. Apesar de o projeto ter publicado os dados até 2016, o site oficial pede a referência com a data de 2015. Ver em <<https://transrespect.org/en/research/tmm/>> Acessado em 08 de setembro de 2020.

Do período colonial ao império a instrução de homens e mulheres era diferenciada. As mulheres viviam em estado de ignorância cultural, apenas nos conventos femininos ensinava-se a leitura, a escrita, a música e trabalhos domésticos. Com as reformas Joaninas no século XIX foi aberta a oportunidade de instrução de mulheres, mas somente aquelas (sic) de classe superior, com precipitadas estrangeira. Em 1827, com a Lei Imperial foi autorizada a abertura de classes femininas, com diferenciais nos currículos de homens e mulheres. A situação pouco melhorou com a República. Esse período não trouxe muitas mudanças no ensino das mulheres, mesmo com as idéias da escola nova. A oficialização da 1ª escola mista no Brasil foi em 1920, mantendo a diferenciação, separação e hierarquização, ocorrida em toda a história da instrução de homens e mulheres. A escola mista não alterou a representação tradicional sobre o feminino e o masculino. Os avanços mais significativos da educação feminina aconteceram somente após a Revolução de 1930, da mesma forma que as questões relacionadas a gênero, as quais só começaram a ser consideradas relevantes pela educação, a partir do início das reivindicações dos movimentos feministas contra as desigualdades existentes na sociedade capitalista. Desta forma, começaram a aparecer as primeiras instituições destinadas a educar as mulheres, mas em um quadro de ensino dual, com claras especializações para o gênero. (CRUZ; PALMEIRA, 2009, p. 118)

Após ler o que nos dizem as autorias, é possível ter uma compreensão inicial sobre a histórica diferenciação educacional para homens e mulheres. Importa ressaltar, que apesar do significativo avanço a partir da transição de um estado de ignorância cultural das mulheres para a inserção dessas no processo de escolarização, parecem persistir concepções de educação diferentes para elas em relação aos homens.

Trazendo a discussão para um outro recorte, uma pesquisa nacional da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT, 2015) sobre o ambiente educacional brasileiro, a respeito das experiências de adolescentes e jovens LGBT nesses espaços²⁹, apresenta apontamentos relevantes para a compreensão da presença dessas pessoas na escola. Em meio a outros dados apresentados no estudo, destaco que: [1] a orientação sexual, a forma da expressão de gênero e o peso/tamanho do corpo são os três principais motivos do sentimento de insegurança de estudantes

²⁹ A pesquisa contou com a participação de 1.016 estudantes, com idades entre 13 e 21 anos, pertencentes a todos os estados brasileiros e Distrito Federal (com exceção de Tocantins), que responderam um questionário online. Os critérios para inclusão na pesquisa foram: “[...] ter pelo menos 13 anos de idade, ter frequentado o ensino básico no Brasil durante o ano letivo de 2015, identificar-se como lésbica, gay, bissexual ou ter uma orientação sexual que não a heterossexual (ex. queer) ou se descrever como transgênero ou ter uma identidade de gênero que não seja cisgênero [...]” (ABGLT, 2016, p. 24)

dentro das instituições educacionais; [2] os banheiros e as aulas de educação física ocupam, respectivamente, o primeiro e o segundo lugar dos espaços mais evitados por estudantes LGBT devido a questões relativas a constrangimento e insegurança; e, pelos mesmos motivos, [3] 31,7% das/dos estudantes LGBT afirmaram ter faltado na instituição educacional, pelo menos um dia, no mês anterior à resposta da pesquisa (ABGLT, 2016).

Apoiado nos indicativos sobre as desigualdades e desafios colocados anteriormente, é significativo ponderar a respeito de como essas diferenciações pedagógicas e curriculares - bem como diferentes vivências de gênero e sexualidade no ambiente educacional - implicam a Educação Física escolar. Existem ou existiram conteúdos diferentes para meninos e meninas dentro desse componente curricular? Se sim, quais as características dessas diferenças? Que implicações a sexualidade traria para esse debate? Qual o papel da formação docente para a manutenção e/ou superação dessas?

Não somente a escola reproduziria os estereótipos discriminatórios de gênero, mas também a Educação Física. Chan-Vianna *et al* (2010) discutem, ao analisar algumas produções científicas³⁰, que essa disciplina escolar possibilita a produção de desigualdades entre meninos e meninas através de uma diferença de oportunidades oferecidas. Buscar formas de romper com a reprodução dessas desigualdades se estende tanto para docentes do ensino básico, assim como, no que é particular ao presente estudo, na formação inicial docente – principalmente por considerar que a graduação constitui parte essencial da matriz formadora de profissionais da educação básica emergentes.

Como exemplo, Da Rocha Matos *et al.* (2016) trazem a centralidade do papel docente, em conjunto com a escola, como possibilidade no enfrentamento da participação não significativa feminina durante as aulas de Educação Física. Para as autorias, professores e professoras têm a função de aflorar nas meninas o desejo de praticar atividade física de maneira prazerosa, além de desenvolver e esboçar aulas criativas ao longo do curso, de forma que se diminua o desinteresse e a evasão das aulas. Importa aqui questionar qual

³⁰ No artigo *Educação Física, gênero e escola: uma análise da produção acadêmica*, Chan-Vianna, Moura e Mourão (2010) analisaram as produções que discutem as desigualdades de gênero na Educação Física escolar de ABREU (1990); OLIVEIRA (1996); DURAN (1999); DUARTE (2003) e PEREIRA (2004)

seria, então, a contribuição da formação docente para que as/os respectivas/os profissionais tenham capacidade para lidar com esses enfrentamentos, que vão além de um entendimento simplista de desinteresse discente, mas que trazem para si a tarefa de compreender, planejar e adaptar suas ações pedagógicas.

Um outro ponto que justifica a presença das discussões sobre gênero e sexualidade na formação docente de Educação Física, é o entendimento de que a ausência dessas pode contribuir para uma defasagem conceitual de docentes em formação frente à temática. Tal fato pode resultar em uma dificuldade dessas pessoas em lidar com situações escolares que são atravessadas pelas discussões em questão.

Em consonância com essa afirmativa, Silvana Goellner (2008), dialogando com Maria Paula Monteiro Pinheiro da Silva (2007), analisa as vozes das/dos professoras/es e das/os alunas/os acerca das relações de gênero presentes da Educação Física escolar na cidade de Porto, em Portugal

Apesar de circularem discursos que mencionam serem os aspectos culturais aqueles que produzem muitas das diferenças existentes neste espaço, as questões biológicas são frequentemente mencionadas para justificar e legitimar tais diferenças. Nas suas falas surgiram vários argumentos cuja ênfase estava na explicação de que os corpos de meninos e meninas são diferentes; conseqüentemente, suas capacidades físicas e suas habilidades não são apenas distintas, mas, ainda, desiguais. Em síntese: a educação física escolar reforça a ordem de gênero, segundo a qual, acredita-se que os corpos masculinos são *naturalmente* mais preparados para o exercício de atividades físicas. (GOELLNER, 2008, p.172)

Apesar dos dados empíricos terem sido coletados por Maria Pinheiro nas instituições de ensino da cidade de Porto, os achados de Cruz e Palmeira (2009) mostram que uma realidade similar é encontrada em solo brasileiro, ao confirmarem que as professoras e professores se valem de argumentos baseados na diferença de habilidades e de força para separar meninos e meninas nas aulas de Educação Física. Outras pesquisas³¹ têm apontado que, da mesma forma que a instituição escolar tende a contribuir para a manutenção de uma sociedade sexista e transmitindo valores de discriminação, tais

³¹ Aqui refiro-me às pesquisas citadas por Da Rocha Matos et. al (2016), sendo elas: CAMPOS et al., 2008; NOGUEIRA; RODRIGUES, 2008; CRUZ; PALMEIRA, 2009.

argumentos de uma pseudo-superioridade masculina contribuem para uma exclusão das meninas nas atividades (DA ROCHA MATOS *et al*, 2016).

Complementando a discussão, um estudo de Altmann, Ayoub e Amaral (2011) apresenta que as questões de gênero não são consensuais entre docentes de Educação Física, estando presente no discurso dessas e desses a noção dos meninos como mais habilidosos para as práticas esportivas, em vista que as meninas não se envolvem intensamente nessas práticas pois não desejam suar e por quererem se manter arrumadas. Contudo, as autorias alertam que essa é uma concepção tida como estereotipada do feminino e do masculino, uma vez que nem todos os meninos se identificam com práticas esportivas e jogos coletivos, bem como o fato de que meninas também sabem e gostam de jogar (ALTMANN, AYOUB e AMARAL, 2011).

É preciso considerar os estudos que caminham na esteira da superação dos preceitos biológicos como principal argumento para a separação de meninos e meninas nas aulas, bem como para justificar as diferenças de gênero. Tal consideração precisa ser compreendida e postulada por docentes que constituem a formação profissional, provocando discentes para que enxerguem além das lentes biológicas.

Uma das compreensões trazidas pelos estudos de gênero em Educação Física – e que compõem a justificativa de se abordar gênero na graduação - é apresentada por Da Rocha Matos *et. al* (2016) ao dialogarem com Cruz e Palmeira (2009), argumentando que o fato dos meninos terem um maior número de vivências realizadas desde a infância traz como consequência para eles um maior repertório motor. Essa compreensão, contudo – defendem as autorias – parece não ser considerada por aqueles e aquelas docentes que conferem tratamento diferenciado em função do gênero, auxiliando muitas vezes na consolidação de conceitos equivocados e tornando o espaço da aula de Educação Física em um espaço propício para a manutenção de estereótipos. (CRUZ E PALMEIRA, 2009 *apud*. DA ROCHA MATOS *et al.*, 2016)

Uma revisão sistemática sobre a participação - ou não - das meninas nas aulas de Educação Física escolar trouxe que, de forma geral, os resultados dos artigos analisados são similares no que tange à separação das meninas e dos meninos nas aulas dessa disciplina. O que alegam os artigos são: violência nas aulas mistas, menor socialização, auto exclusão por parte das meninas em

aulas práticas e a consideração do sexo feminino como frágil perante o sexo masculino. Além disso, declaram que “os meninos são mais habilidosos e que as meninas não sabem jogar, não têm habilidades e não dominam as técnicas e os fundamentos esportivos” (DA ROCHA MATOS *et al.*, 2016, p. 271)³².

Em decorrência do que foi exposto, penso que a abordagem dos estudos relacionados às categorias gênero e sexualidade, na formação docente de Educação Física, poderia contribuir para uma diminuição das chances da existência de profissionais que reforcem a construção de inequidades no ambiente escolar. Isso desde a forma de pensar e estruturar as aulas, até no tratamento diferenciados destinado a meninos e meninas baseando-se no desempenho corpóreo.

3.3 A discussão sobre gênero na formação docente em Educação Física

Destarte, importa trazer a ausência de artigos que abordem a temática em algumas revistas científicas da área. Isso pôde ser constatado através de um levantamento a ser descrito a seguir. Foram utilizadas as palavras-chave “gênero e formação de professores de educação física”, em um recorte temporal estabelecido entre 01/01/2009 e 31/12/2019, em cinco revistas do campo da EF³³. Na Revista de Educação Física/UEM, foram encontrados dois artigos, porém nenhum contendo a formação de professores e o gênero como tema central. Já na Revista Movimento, 6 artigos foram encontrados, mas nenhum cumpriu com o critério de inclusão. No periódico Pensar a Prática também não foi encontrado nenhum artigo que obedecesse ao critério, apesar de 7 artigos terem aparecido em decorrência das palavras chave. Na Revista Motrivivência

³² O objetivo do estudo em questão foi verificar por meio de revisão sistemática as implicações da possível participação ou/não participação das meninas nas aulas de Educação Física Escolar. Trata-se de um artigo de revisão sistemática realizado nas bases de dados do Portal de Periódicos CAPES e do Lilacs, e nas revistas científicas Motrivivência e Educação Física em Revista. Inicialmente foi encontrado um total de 260 artigos, no qual foram analisados minuciosamente os títulos, resumos, e posteriormente o artigo na íntegra, sendo selecionados apenas 07 artigos. Portanto, observou-se nos trabalhos selecionados uma forte influência construída historicamente e enraizada na sociedade sobre a participação das meninas nas aulas de Educação Física, estas são consideradas menos habilidosas para a prática esportiva quando comparadas aos meninos, e a sociedade, assim como a escola acabam por reforçar mais ainda essa superioridade masculina.

³³ Foram excluídas produções que não abordem com centralidade o gênero na formação de professores de Educação Física – o que foi avaliado através da leitura do título e do resumo, e caso necessário do artigo por completo.

foram encontrados 5 artigos em sua base, dos quais nenhum trata do tema pré-estabelecido por esse estudo. De 21 resultados encontrados na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), nenhum artigo tematizava o gênero na formação de professores de Educação Física de maneira central.

Apesar de não terem sido encontrados artigos sobre o tema, fui apresentado a estudos que abordam com centralidade a temática, através de contatos já pré-estabelecidos por mim no ambiente acadêmico de pessoas que sabiam sobre meu objeto de estudo. E, a partir dessas, entrei em contato com as autorias que pesquisam gênero e formação docente em Educação Física por e-mail, conseguindo então acesso a mais investigações acadêmicas já produzidas. Todos serão apresentados a seguir.

Segundo o trabalho de Aline Nicolino, intitulado “*Gênero nos currículos de formação docente em Educação Física no Brasil*”, o termo “gênero” foi identificado em 15 documentos que se referem a matrizes curriculares e projetos pedagógicos de cursos de formação docente no Brasil. Contudo, das 56 aparições do termo³⁴, apenas 36 correspondiam ao gênero enquanto categoria analítica, enquanto as outras 21 vezes se referiam ao gênero textual. Se tratando das aparições como categoria analítica, da região Sudeste, constam 12 aparições do termo em contextos como: títulos, ementas, referências de disciplinas obrigatórias e optativas; currículos docentes e gênero textual (NICOLINO, 2018).³⁵

Chama a atenção o fato de que a UFMG não aparece como uma das instituições sudestinas nas quais o termo foi encontrado (nem para as aparições de gênero como categoria analítica, nem como referência ao gênero textual). As instituições que constam são: Unicamp/Campinas-SP, UFOP/Ouro Preto-MG, IFSulMinas/Três Pontas-MG, UFF/Niterói-RJ (NICOLINO, 2018).

³⁴ A maior parte das aparições se dão em disciplinas. Destas, 11 obrigatórias e 3 optativas, totalizando “[...] 14 disciplinas que trazem a palavra citada de alguma forma na ementa, ou nas referências, ou no título, ou no conteúdo” (NICOLINO, 2018, p. 83).

³⁵ O texto é fruto de uma pesquisa maior, intitulada “Análise comparativa do perfil de formação profissional em Educação Física: a América Latina em Foco”, realizada no período de 2013 a 2016. Se propõe, a partir do texto, “analisar os documentos regulatórios e as matrizes curriculares de cursos voltados para a formação docente em Educação Física escolar, por meio da quantidade de vezes, quais e o sentido que gênero é mencionado nos documentos (legislação, planos de curso e projetos pedagógicos)” (NICOLINO, 2018, p. 75) A instituição UNIARAXÁ também está presente enquanto uma instituição sudestina em que aparece o termo, mas esse está presente enquanto gênero textual.

Para além desses 15 documentos, outros três trazem o termo. Esses se referem a documentos que regulam o campo profissional da Educação Física brasileira: “[...] a Lei 9.615 de 1998, em que o termo é citado uma vez; a Resolução CNE n. 02 de 2015³⁶, apresenta sete menções; e o Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024), no qual o termo aparece uma vez” (NICOLINO, 2018, p. 82).

A autora argumenta que “[...] os documentos que orientam o processo de formação docente na área dizem muito pouco sobre gênero e, ao fazê-lo, o apresentam pelo viés do sexo biológico” (NICOLINO, 2018, p. 75). E continua discorrendo, trazendo que “o uso do termo não é neutro e sinaliza uma escolha teórica que vem produzindo efeitos diversos nas políticas educacionais voltadas para o campo da Educação Física” (*idem*, p. 75). A Educação Física, coloca Nicolino, “[...] entra no contexto escolar pela lógica biológica, em que o corpo é educado nas ideias de ordem, disciplina e higiene [...] guiada, sobretudo, por uma racionalidade moral do sexo” (p. 78).

Essa racionalidade, guiada por uma moral higiênica sobre o corpo, constitui os primeiros conteúdos pedagógicos da Educação Física escolar brasileira e vem, entre outros conhecimentos, se dedicando a ensinar que o sexo biológico é o responsável pela constituição da sexualidade heterossexual, considerada “normal e saudável” (DORNELLES, 2013a, 2013b *apud*. NICOLINO, 2018, p. 78)

A pesquisadora postula, em diálogo com Guacira Lopes Louro (2008) que a área vem ensinando modos de comportamento e de pensamento a partir de “verdades” que consideram “o sexo como um dado anterior à cultura, de

³⁶ “A Resolução CNE nº 02 de 2015 traz gênero citado 7 vezes em seu texto. A primeira menção se encontra no § 6º do Art. 3, quando se orienta para uma parceria entre o Ensino Superior e a educação básica, no sentido de contemplar “as questões socioambientais, éticas, estéticas, e relativas à diversidade étnico-racial, de gênero, sexual, religiosa, de faixa geracional e sociocultural como princípios de equidade” (RESOLUÇÃO CNE N. 02, 2015, p. 5). Isso significa que o documento orienta para uma formação superior que dê continuidade às discussões da educação básica, trazendo como prioridade para esse processo de formação o gênero e a sexualidade” (NICOLINO, 2018, p. 86). Ainda no mesmo documento, segundo Nicolino, consta que [1] a formação no magistério deve garantir um processo emancipatório e permanente, no sentido de conduzir o/a egresso/a a, dentre outras coisas, identificar questões socioculturais com postura investigativa e propositiva a fim de contribuir para a superação de exclusões de gênero, sexuais, entre outras; e [2] no que se refere a constituição do currículo para a formação docente, além dos conteúdos específicos de cada área de conhecimento, é preciso garantir conteúdos relacionados aos direitos humanos, diversidades étnico-racial, de gênero, sexual, religiosa, de faixa geracional, Língua Brasileira de Sinais (Libras), educação especial e direitos educacionais de adolescentes e jovens em cumprimento de medidas socioeducativas (NICOLINO, 2018).

caráter imutável, a-histórico e binário” (LOURO, 2008 *apud.* NICOLINO, 2018, p. 78). E, com isso,

“[...] os saberes que se transformaram em conhecimento curricular na área da Educação Física são constituídos, majoritariamente, por análises que priorizam ‘aspectos anatômicos, fisiológicos, biomecânicos, químicos, psicológicos, ou seja, sob o domínio das áreas biológicas e médicas, minimizando sua dimensão histórica e social” (GOELLNER, 2013 *apud.* NICOLINO, 2018, p. 78)

Apresentando agora outra importante referência, a dissertação de mestrado de Lara Araújo (2015) procura investigar os saberes sobre gênero na formação inicial de professoras (es) em quatro diferentes cursos, dentre eles, Educação Física. Ao mapear as disciplinas, os conteúdos e as ações pedagógicas que falam sobre a temática, além de realizar entrevistas semiestruturadas com coordenadoras e aplicar questionário para estudantes, a autora conclui que a presença de diferentes saberes sobre gênero no curso, estão atrelados, tanto a aspectos biológicos, como de construção social. Apesar dessa diversidade de saberes, esses “[...] se relacionam, em sua grande maioria, aos aspectos biológicos, em que há uma vinculação das características sexuais dos indivíduos a suas identidades de gênero” (idem, p. 17-18).

Continua discorrendo que não há sistematização curricular nos projetos pedagógicos de curso sobre a temática, mas há ações de acordo com as políticas nacionais de educação. A temática se materializa nas intervenções de alguns docentes através do interesse da/do docente por essa, ou por ter que lidar com algum conflito que a envolva. No currículo, contudo, verificou-se o silenciamento através da ausência desse tema no currículo dos quatro cursos (ARAÚJO, 2015)³⁷.

Em um momento de seu trabalho, a pesquisadora dialoga com uma pesquisa desenvolvida com professoras/es, gestoras/es e estudantes do estado de Goiás sobre corpo, gênero e sexualidade³⁸ que trazem indicativos sobre a

³⁷ Foram estudados cursos de ensino superior pertencentes à Universidade Federal de Goiás (UFG).

³⁸ “Pesquisa realizada entre 2008 e 2010, financiada pelo CNPq (Edital 57/2008), com o título “Corpo, classe social, gênero feminino e sexualidade: (des)naturalizando linguagens e marcas do universo escola”. Esta pesquisa contemplou um levantamento de dados sobre as concepções das/os professoras/es, gestoras/es educacionais e estudantes sobre corpo, gênero e sexualidade, bem como a realização de oficinas de formação com as/os docentes e gestoras/es sobre esses temas a partir das demandas educacionais levantadas pelas/os pesquisadas/os”

dificuldade de se trabalhar com essas temáticas no contexto escolar. Essa dificuldade estaria relacionada, com base nesse estudo, ao não acesso de docentes a esses saberes durante seus processos de formação acadêmica, reconhecendo que a formação recebida foi incompleta (ARAÚJO, 2015). Esse dado é relevante para o meu estudo, na medida que salienta uma demanda real, por parte das escolas, para que haja um debate teórico sobre essas temáticas na formação inicial docente.

3.4 O curso de Licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO/UFMG)

Partindo das demarcações apresentadas sobre a presença das temáticas relacionadas a gênero e sexualidade na formação inicial em uma perspectiva mais ampla, bem como em outros contextos e instituições, é preciso considerar a possibilidade de manobra do micro sobre o macro – ou seja, a manobra de cada pessoa (ou, no caso de um curso a nível de graduação, conjunto de pessoas) sobre uma estrutura macro de inequidades.

Utilizo como inspiração o que trazem Chan-Vianna et al, ao refletirem sobre estudos sobre gênero e educação física:

“[...] considerando a complexidade do fenômeno em questão e as rápidas transformações sociais da atualidade, seria importante largar de mão a busca de comprovação de uma discriminação absoluta e procurar compreender, considerando cada instituição em particular, em que medida cada um dos indivíduos envolvidos na trama se estabelece nas relações de poder. (CHAN-VIANNA *et al*, 2010, p. 163).

No que toca à minha investigação, isso justifica dar atenção aos modos de ser, estar e acontecer específicos do curso de Licenciatura em Educação Física da UFMG enquanto parte da formação inicial docente brasileira. Para uma breve compreensão, importa saber que

O Curso de Educação Física da UFMG tem sua origem a partir da fusão, em 1953, de dois cursos, criados respectivamente pelo Estado de Minas Gerais e pela Sociedade Mineira de Cultura. Em 1969 o curso foi integrado à UFMG. A partir de 1990, além da modalidade

(ARAÚJO, 2015, p. 13). O trabalho consta nas referências de Araújo como de autoria de Aline Nicolino.

Licenciatura, o curso começou a oferecer o Bacharelado, e em 1991, modalidade Bacharelado e Licenciatura. [...] O curso de Educação Física tem duração de 04 anos e é ofertado em duas modalidades: Licenciatura e Bacharelado. A Licenciatura em Educação Física prepara Professores de Educação Física para atuar em Escolas. O Bacharelado em Educação Física prepara profissionais para atuar no âmbito não-escolar (treinamento, academias, clubes, escolinhas, lazer, hospitais, clínicas etc.)³⁹.

Eustáquia Salvadora de Sousa (1994), em sua tese “*Meninos à marcha! Meninas à sombra! A história do ensino da educação física em Belo Horizonte (1897-1994)*”⁴⁰ conta que já foi aluna e professora do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFMG. Em 1991, época em que fazia parte do corpo docente, relata que o curso “[...] passou a adotar um só currículo para a formação do professor e da professora” (SOUSA, 1994, p. 3). Entretanto, em 1968, quando ingressou nesse enquanto discente, conta que a diferenciação por sexo estava presente desde o vestibular, ao se exigir qualidades físicas diferentes para homens e mulheres (SOUSA, 1994).

Para além, existia um currículo masculino e feminino que demarcava uma separação estrutural dos sexos. Isso se tornava explícito no nível de habilidades e qualidades físicas exigidas para cada sexo nas aulas práticas (SOUSA, 1994). Todavia, esses currículos apresentavam semelhanças tanto no que diz respeito ao conjunto de conhecimentos ministrados, quanto ao corpo docente – sendo quase sempre as/os mesmas/os professoras/es que ministravam os dois cursos (idem, 1994).

Esses contornos iniciais sobre o curso aqui analisado, principalmente a partir do trabalho de Sousa (1994), evidenciam como as problemáticas que giram em torno de currículo e gênero estiveram presentes na formação docente em Educação Física em outros tempos. Em decorrência disso, de que forma essas problemáticas estariam presentes no curso atualmente? Em que medida as temáticas relacionadas a gênero e sexualidade seriam citadas e registradas nos documentos, bem como no que dizem estudantes e coordenação de curso?

³⁹ Disponível em <http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/graduacao/educacao_fasica_graduacao/> Acesso em 27 de janeiro de 2021.

⁴⁰ “Tal estudo tem como objetivo central construir a história do ensino dessa disciplina (Educação Física) em Belo Horizonte – aí compreendidas questões políticas e socioculturais – buscando entender a distinção entre as qualidades atribuídas à representação masculina e feminina” (DE SOUSA, 1994, p. 5).

Judith Butler (2010-2014), argumenta que os corpos são sempre constituídos no ato da descrição e que essa citacionalidade serve como “uma espécie de estratégia *queer* para converter a abjeção e a exclusão das identidades sexuadas e ‘genericadas’ não sancionadas em agência política” (SALIH *apud.* NICOLINO, 2018, p. 77). Retomo então os primeiros parágrafos desse capítulo, nos quais relaciono a educação com a melhoria da vida das pessoas, e aqui, afirmo que a superação da posição de corpo abjeto e excluído é urgente para a garantia da vida das pessoas que escapam à cis-heteronormatividade.

Pensando nas citacionalidades ou não citacionalidades que esses corpos podem conquistar – a partir do ato inicial de citar gênero e sexualidade nos documentos oficiais do curso, bem como no currículo que é colocado em ação pelos sujeitos envolvidos – apresentarei como a pesquisa foi feita e os dados advindos da pesquisa de campo.

4 OS CAMINHOS DA PESQUISA

No segundo semestre de 2019, em decisões tomadas com minha orientadora e movido pelo objetivo de analisar e problematizar a presença das temáticas gênero e sexualidade na Licenciatura em Educação Física da UFMG, compreendi que seria interessante realizar entrevistas semiestruturadas presenciais com toda a equipe docente do curso. Concomitantemente, planejei analisar o projeto pedagógico do curso e também os títulos, ementas e programas das disciplinas obrigatórias que o compõem.

Contudo, a partir da caracterização da situação de pandemia causada pelo novo coronavírus (COVID-19) pela Organização Mundial de Saúde (OMS) no dia 11 de março de 2020, questões de ordem pessoal - principalmente relacionadas à saúde - demandaram maior atenção. Por isso, grandes esforços foram direcionados para o objetivo de me adaptar à nova realidade, o que praticamente paralisou, mesmo que momentaneamente, o processo da presente pesquisa.

4.1. Um “quase novo” caminho para a pesquisa

Retomando os trabalhos na segunda metade de 2020, compreendemos ser necessário redesenhar de certa maneira os caminhos de pesquisa, de forma que os objetivos ainda pudessem ser alcançados. Tomando como referência a já citada dissertação de mestrado de Lara Araújo (2015), em vez de realizar entrevistas com toda a equipe docente, nos propusemos entrevistar a coordenação do Colegiado de Curso - tanto a atual (2021), quanto a que se encontrava nesse cargo durante o processo de ajuste curricular do curso em 2016.

Como justificativa para a entrevista com o atual coordenador, compreendemos que ele poderia trazer uma visão ampliada da presença dessas temáticas no curso, e/ou de discussões que a elas dissessem respeito. Além disso, possivelmente traria sua visão enquanto docente, contribuindo para estabelecer aproximações com o primeiro desenho pensado para essa pesquisa. O convite para participação foi feito por e-mail. No corpo da mensagem: uma apresentação do estudo, o convite individual, uma breve exposição dos objetivos

da pesquisa e, em anexo, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice I). Infelizmente, a atual coordenação optou por não participar da nossa pesquisa.

No que se refere à coordenação vigente durante o ajuste curricular (2016), consideramos entrevistá-la a partir da análise do projeto pedagógico do curso (2005) e seu ajuste curricular (2016), uma vez que esse ajuste se deu por uma demanda feita pela Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais (PROGRAD/UFMG)⁴¹. Essa demanda - dentre outras coisas - contemplou a necessidade de inclusão de conteúdos relacionados à diversidade sexual e de gênero no curso. Como complemento, entendemos que a coordenadora também poderia contribuir para a compreensão do objeto de pesquisa a partir de sua posição de docente. O convite⁴² seguiu o mesmo protocolo do que havia sido direcionado para a coordenação atual, foi aceito e a participante assinou o TCLE (Apêndice II).

Esse – quase novo – desenho foi acrescido da realização de grupos focais com estudantes do curso, tanto por compreender que era necessário escutar suas vozes, quanto pelo fato desse movimento contribuir com o caráter holístico de levantamento de dados necessário para um estudo de caso. Em outras palavras, o corpo discente experienciou - e ainda o faz - os diversos momentos de aula nas disciplinas obrigatórias, o que lhes confere autoridade para dizer sobre os conteúdos e temas abordados efetivamente no currículo.

Tanto os grupos focais quanto a entrevista semiestruturada individual aconteceram na plataforma *Zoom*, um aplicativo que permite chamadas de vídeo *online* e oferece a possibilidade de gravar uma reunião. A partir disso, todas as reuniões foram gravadas e arquivadas, com o objetivo de permitir uma análise mais precisa dos dados e também as respectivas transcrições. Além disso, foi mantida a análise documental planejada para o primeiro desenho de pesquisa, o que também será mais detalhado adiante no texto.

⁴¹ “A Pró-Reitoria de Graduação tem o papel de coordenar, em articulação com as Unidades de Ensino e com os órgãos da Administração Central, a formulação e a implementação de políticas para o ensino de graduação e as atividades dos órgãos executores dessas políticas”. Disponível em <<https://www2.ufmg.br/prograd/prograd/Pro-Reitoria-de-Graduacao/Pro-Reitoria>> Acesso em 28 de fevereiro de 2021.

⁴² Ambos os convites foram feitos simultaneamente.

4.2. Um passo de cada vez: a delimitação dos dados e um olhar sobre os sujeitos de pesquisa

4.2.1 A Análise Documental

Inicialmente, a análise documental foi feita a partir do projeto pedagógico do curso (2005) e de seu ajuste curricular (2016). Chegamos a esses documentos a partir da participação da orientadora dessa pesquisa - Meily Assbú Linhales - no Colegiado de Curso, e a sua posse prévia desses documentos impressos. Procurou-se, inicialmente, compreender de maneira geral os documentos e tecer fichamentos sobre pontos considerados relevantes para a pesquisa, ou seja, que se relacionem com as temáticas. Na sequência, foi feita uma segunda leitura, desta vez registrando e quantificando a presença de termos⁴³ pré-estabelecidos que poderiam se relacionar com gênero e sexualidade, bem como os contextos em que esses estavam inseridos.

O segundo movimento - a análise dos títulos, ementas e programas das disciplinas obrigatórias ofertadas - aconteceu de maneira processual durante toda a parte empírica da pesquisa. Isso, devido ao fato de que o acesso a esses documentos foi por meio do contato direto, por e-mail, com cada departamento⁴⁴ responsável, e o fato de que nem sempre os departamentos os possuíam arquivados e disponíveis, sendo necessário então contactar as/os docentes responsáveis para que os enviassem. Esse retorno do corpo docente era por vezes feito imediatamente, em outros casos levava certo tempo ou até mesmo não acontecia.

⁴³ Os termos pré-definidos no projeto de pesquisa foram: gênero, sexualidade, diversidade, diversidade sexual, orientação sexual, educação sexual, sexo, sexismo, feminismo, feminilidade, masculinidade, feminino (a), masculino (a), heterossexualidade, bissexualidade, panssexualidade, homossexualidade, homofobia, transgênero, transsexual, travesti, transfobia, trans, gay, LGBT, LGBT+. LGBTQIA+ e LGBTQIAP+, exclusão, discriminação e identidade.

⁴⁴ Os departamentos responsáveis pertencem a três núcleos pertencentes à UFMG, sendo eles: [1] Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO), com dois departamentos: Departamento de Educação Física (DEF) e Departamento de Esportes (DES); [2] a Faculdade de Educação (FAE), com três departamentos: Departamento de Administração Escolar (DAE), Departamento de Ciências Aplicadas à Educação (DECAE) e Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE); e [3] o Instituto de Ciências Biológicas (ICB), com três departamentos: Departamento de Bioquímica e Imunologia (DBIQ), Departamento de Fisiologia e Biofísica (DFIB) e Departamento de Morfologia (DMOF).

A seguir, apresento a relação de disciplinas de responsabilidade acadêmica de cada departamento e a indicação de quais documentos – referentes aos semestres de 2019/1 e 2019/2 - foram recebidos “SIM” ou “NÃO” para a análise. Apesar do fato de que, nas solicitações destinadas aos departamentos, estivesse explicitado a necessidade dos programas se referirem a ambos os semestres de 2019, em alguns casos foi recebido um único programa para determinada disciplina. A partir disso, considerou-se que esse abarcou 2019/1 e 2019/2, e foram descritos como “PROGRAMA ÚNICO” nas listagens. O único departamento que especificou separadamente os programas de cada semestre foi o Departamento de Educação Física (DEF).

Em complemento, foi explicitado a qual eixo temático determinada disciplina pertence. Os eixos são: Conhecimento sobre a Sociedade (CS), Conhecimento sobre o Ser-humano (CSH), Conhecimento Científico-tecnológico (CCT), Conhecimento da Educação Física (CEF) e Conhecimento Pedagógico da Educação Física na Educação Básica (CPEF).

Quadro 2 – Disciplinas sob responsabilidade acadêmica do Departamento de Educação Física (DEF)

Código	Título da disciplina	Eixo	Período	2019/1	2019/2
EFI041	História e Educação Física	CS	1º	SIM	SIM
EFI042	Jogos, Brinquedos e Brincadeiras	CEF	1º	SIM	SIM
EFI043	Filosofia e Educação Física	CS	2º	NÃO	SIM
EFI044	Danças	CEF	2º	SIM	SIM
EFI045	Seminário de Pesquisa I	CCT	2º	SIM	NÃO
EFI046	Educação Física e Lazer	CS	3º	SIM	SIM
EFI047	Educação Física, Infância e Juventude	CSH	3º	SIM	SIM
EFI048	Educação Física e Velhice	CSH	3º	SIM	SIM
EFI049	Cinesiologia ⁴⁵	CSH	3º	NÃO	NÃO
EFI050	Ensino de Educação Física na Educação Infantil	CPEF	4º	SIM	SIM
EFI051	Comportamento Motor	CSH	4º	SIM	SIM
EFI052	Fisiologia do Exercício	CEF	4º	SIM	SIM

⁴⁵ Para essa disciplina, foi recebido o programa referente a 2017 e, por esse motivo, considerou-se como não recebido.

EFI054	Ensino de Educação Física no Ensino Fundamental e Médio ⁴⁶	CPEF	5º	PROGRAMA ÚNICO	
EFI055	Educação Física, Corpo e Cultura	CSH	5º	SIM	SIM
EFI056	Ensino de Jogos, Brinquedos e Brincadeiras	CPEF	5º	NÃO	NÃO
EFI057	Ensino de Danças Brasileiras	CPEF	6º	SIM	SIM
EFI058	Ensino de Danças Contemporâneas	CPEF	7º	SIM	SIM
EFI073	Análise da Prática e Estágio em Educação Física III	CPEF	7º	NÃO	NÃO

Fonte: elaboração própria.

Quadro 3 – Disciplinas sob responsabilidade acadêmica do Departamento de Esportes (DES)

Código	Título da disciplina	Eixo	Período	2019/1	2019/2
ESP054	Antropologia e Educação Física	CS	1º	PROG. ÚNICO	
ESP055	Ginástica	CEF	1º	PROG. ÚNICO	
ESP057	Teoria e Prática dos Esportes	CEF	2º	PROG. ÚNICO	
ESP058	Psicologia das Atividades Físicas e do Esporte	CEF	3º	PROG. ÚNICO	
ESP059	Teoria do Treinamento	CEF	3º	PROG. ÚNICO	
ESP060	Teoria da Atividade Física Adaptada	CEF	3º	PROG. ÚNICO	
ESP061	Capoeira	CEF	4º	PROG. ÚNICO	
ESP062	Lutas	CEF	4º	PROG. ÚNICO	
ESP063	Seminário de Pesquisa II	CCT	4º	PROG. ÚNICO	
ESP066	Atividade Física e Saúde	CEF	5º	PROG. ÚNICO	
ESP067	Ensino de Ginástica Artística	CPEF	5º	PROG. ÚNICO	
ESP068	Ensino de Voleibol	CPEF	5º	PROG. ÚNICO	
ESP069	Ensino de Futebol	CPEF	5º	PROG. ÚNICO	
ESP071	Ensino de Futsal	CPEF	6º	PROG. ÚNICO	
ESP072	Ensino de Atletismo	CPEF	6º	PROG. ÚNICO	
ESP073	Ensino de Ginástica Rítmica	CPEF	6º	PROG. ÚNICO	
ESP076	Ensino de Handebol	CPEF	7º	PROG. ÚNICO	
ESP077	Ensino de Basquetebol	CPEF	7º	PROG. ÚNICO	
ESP078	Ensino de Lutas	CPEF	7º	PROG. ÚNICO	
ESP079	Ensino de Natação	CPEF	7º	PROG. ÚNICO	
ESP080	Seminário de Orientação TCC I	CCT	7º	NÃO	NÃO
ESP082	Seminário de Orientação de TCC II	CCT	8º	NÃO	NÃO

⁴⁶ O programa dessa disciplina foi recebido diretamente dos docentes responsáveis, por e-mail.

Fonte: elaboração própria.

Quadro 4 – Disciplinas sob responsabilidade acadêmica do Departamento De Morfologia (DMOF)

Código	Título da disciplina	Eixo	Período	2019/1	2019/2
MOF032	Anatomia Humana Aplicada a Educação Física ⁴⁷	CSH	1º	PROG. ÚNICO	

Fonte: elaboração própria.

Quadro 5 – Disciplinas sob responsabilidade acadêmica do Departamento De Bioquímica E Imunologia (DBIQ)

Código	Título da disciplina	Eixo	Período	2019/1	2019/2
BIQ041	Bioquímica Aplicada a Educação Física	CSH	2º	PROG. ÚNICO	

Fonte: elaboração própria.

Quadro 6 – Disciplinas sob responsabilidade acadêmica do Departamento De Fisiologia E Biofísica (DFIB)

Código	Título da disciplina	Eixo	Período	2019/1	2019/2
FIB018	Fisiologia e Biofísica Aplicada a Educação Física	CSH	3º	PROG. ÚNICO	

Fonte: elaboração própria.

Quadro 7 – Disciplinas sob responsabilidade acadêmica do Departamento De Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE)

Código	Título da disciplina	Eixo	Período	2019/1	2019/2
MTE101	Didática de Licenciatura	CPEF	4º	PROG. ÚNICO	
MTE199	Análise Prática Estágio e Educação Física I	CPEF	6º	PROG. ÚNICO	
MTE208	Análise da Prática e Estágio Ed. Fís. III	CPEF	8º	PROG. ÚNICO	

Fonte: elaboração própria.

⁴⁷ O programa dessa disciplina foi recebido diretamente dos docentes responsáveis, por e-mail.

Quadro 8 – Disciplinas sob responsabilidade acadêmica do Departamento De Ciências Aplicadas à Educação (DECAE)

Código	Título da disciplina	Eixo	Período	2019/1	2019/2
CAE001	Sociologia da Educação	CPEF	2º	NÃO	NÃO
CAE002	Psicologia da Educação Aprendizagem e Ensino	CPEF	2º	NÃO	SIM

Fonte: elaboração própria.

Quadro 9 – Disciplinas sob responsabilidade acadêmica do Departamento de Administração Escolar (DAE)

Código	Título da disciplina	Eixo	Período	2019/1	2019/2
ADE003	Política Educacional	CPEF	3º	NÃO	NÃO

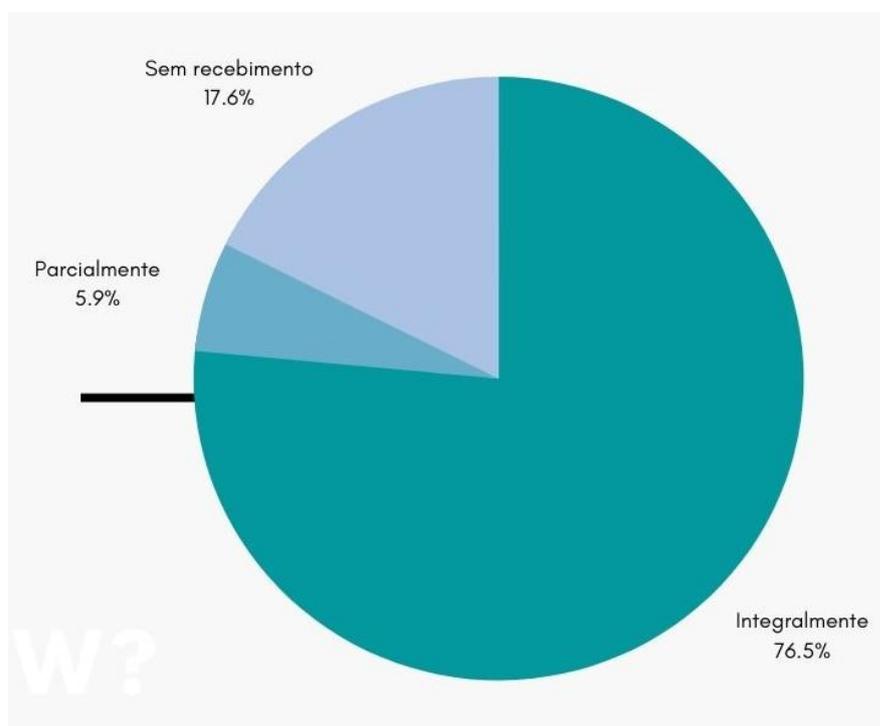
Fonte: elaboração própria.

Além dessas disciplinas, “Fundamentos de Libras” (código LET223, prevista para o 6º período e sem eixo especificado) aparece como de responsabilidade da FAE e não especificamente de determinado departamento. Já as disciplinas de Unidade (DIR), são disciplinas de responsabilidade de ambos os departamentos: DEF e DES. Apenas uma disciplina aparece nessa categoria no ajuste curricular de 2016: “Formação e Atuação em Educação Física” (código EEF021, prevista para o 1º período e pertencente ao eixo CEF). Os programas referentes a essas disciplinas não foram recebidos para análise.

O curso possui um total de 51 disciplinas obrigatórias. Desse total, foram recebidos (integralmente) os programas de 39 disciplinas – sendo que 12 delas com um programa específico para cada semestre de 2019 e as outras 27 com um programa único para ambos (2019/1 e 2019/2). Das 12 disciplinas restantes, 3 tiveram seus programas (parcialmente) recebidos, o que significa o

recebimento de um único programa relativo a apenas um dos semestres. Dessas, uma com programa referente a 2019/1 (Seminário de Pesquisa I), e duas com programas referentes a 2019/2 (Filosofia e Educação Física e Psicologia da Educação, Aprendizagem e Ensino). Por fim, restaram 9 disciplinas com nenhum programa recebido para análise.

Gráfico 1 - Percentual de disciplinas obrigatórias com seus programas de 2019 recebidos integralmente, parcialmente ou sem recebimento



Fonte: elaboração própria.

No que tange a cada departamento, o recebimento dos programas se deu da seguinte maneira:

1. Em relação ao DEF, de um total de 18 disciplinas de sua responsabilidade, foram recebidos os programas de 13 integralmente, 2 parcialmente e 3 sem recebimento;
2. O DES teve, do total de 22 disciplinas, os programas de 20 disciplinas recebidos integralmente e 2 sem recebimento;
3. Os departamentos associados ao ICB (DMOF, DBIQ e DFIB) com uma disciplina obrigatória em sua responsabilidade cada, tiveram todos os programas recebidos integralmente;

4. Já em relação aos departamentos associados à FAE, as três disciplinas de responsabilidade do DMTE tiveram seus programas recebidos integralmente; das duas de responsabilidade do DECAE: uma apenas com o programa de 2019/2 recebido e a outra sem recebimento; e por fim, referente ao DAE, nenhum recebimento.

A partir do que foi exposto até aqui, podem ser observados os termos encontrados em cada documento, a frequência com que esses aparecem e seus respectivos conteúdos.

Quadro 10 – A presença de termos relacionados ao gênero e à sexualidade no Projeto Pedagógico (2005)

Termo	Frequência	Conteúdo
Diversidade	2	<p>“Aqui, entra-se em sintonia com a preocupação do Conselho Nacional de Educação, que chama a atenção para a necessidade de ‘reforçar a concepção de professor como profissional de ensino que tem como principal tarefa cuidar da aprendizagem dos alunos, respeitada sua diversidade pessoal, social e cultural’ ” (p. 19)</p> <p>“Esse diálogo deve permear todo o curso, estendendo-se pelas atividades acadêmicas programadas. E será tanto mais fértil quando articulado com as preocupações relativas às condições de saúde de crianças, jovens e adultos em sua diversidade de gênero, etnia e condição social.” (p. 21)</p>
Gênero	3	<p>“Pensar em possíveis respostas exige tomar como referências permanentes as práticas sociais; os sujeitos que as produzem (em suas identidades relacionadas à etnias, às idades, às relações de gênero e de classes sociais)” (p. 13)</p> <p>“Esse diálogo deve permear todo o curso, estendendo-se pelas atividades acadêmicas programadas. E será tanto mais fértil quando articulado com as preocupações relativas às condições de saúde de crianças, jovens e adultos em sua diversidade de gênero, etnia e condição social.” (p. 21)</p> <p>“Nessa condição, ele poderá certamente oferecer muito à formação humana dos alunos, na medida em que reúne predicados importantes a serem cultivados na Educação Física: o sentimento de pertencimento a um grupo, a construção de uma sociabilidade fraterna entre seus membros, com o estabelecimento de relações baseadas na ética, no respeito a si próprio e ao outro (respeito nas relações de gênero, de etnia, por exemplo), e, ainda, a construção coletiva de regras de participação, em que a exclusão e a discriminação não tenham lugar” (p. 23)</p>

Exclusão	1	“Nessa condição, ele poderá certamente oferecer muito à formação humana dos alunos, na medida em que reúne predicados importantes a serem cultivados na Educação Física: o sentimento de pertencimento a um grupo, a construção de uma sociabilidade fraterna entre seus membros, com o estabelecimento de relações baseadas na ética, no respeito a si próprio e ao outro (respeito nas relações de gênero, de etnia, por exemplo), e, ainda, a construção coletiva de regras de participação, em que a exclusão e a discriminação não tenham lugar” (p. 23)
Inclusão	1	“Se antes já se afirmou que tudo o que integra o currículo é direito de todos, não seria diferente com o esporte: o princípio da inclusão e da participação de todos os alunos em sua prática é fundamental” (p. 23)
Discriminação	1	“Nessa condição, ele poderá certamente oferecer muito à formação humana dos alunos, na medida em que reúne predicados importantes a serem cultivados na Educação Física: o sentimento de pertencimento a um grupo, a construção de uma sociabilidade fraterna entre seus membros, com o estabelecimento de relações baseadas na ética, no respeito a si próprio e ao outro (respeito nas relações de gênero, de etnia, por exemplo), e, ainda, a construção coletiva de regras de participação, em que a exclusão e a discriminação não tenham lugar” (p. 23)
Identidades	1	“A Educação Física se realiza na relação direta com sujeitos: crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos – diferentes idades, experiências diversas. As identidades de cada uma dessas idades da vida permanecem (sic), e não podem ser apagadas sob a condição de <i>aluno</i> ” (p. 24)

Fonte: elaboração própria.

Quadro 11 – A presença de termos relacionados ao gênero e à sexualidade no Ajuste Curricular (2016)

Termo	Frequência	Conteúdo
Diversidade	6	<p>“Os eixos temáticos existentes acolheram acréscimos de temas, conteúdos e/ou disciplinas, conforme exigência legal da Resolução n. 2 de 1 de julho de 2015, que orienta sobre a necessidade dos cursos incluírem em seus currículos os conteúdos relacionados aos direitos humanos, diversidade étnico-racial, de gênero, sexual, religiosa, língua brasileira de sinais, educação especial e direitos educacionais de adolescentes e jovens em cumprimento de medidas socioeducativas” (p. 12)</p> <p>“Algumas disciplinas obrigatórias [...] sofreram ajustes em suas ementas e programas de modo a incluir as temáticas relativas aos direitos humanos, à diversidade étnico-racial, de gênero, sexual e religiosa, e ainda aos temas da educação especial e dos direitos educacionais de adolescentes e jovens em cumprimento de medidas socioeducativas” (p. 12)</p> <p>“Conceitos de cultura, diversidade cultural e alteridade como possibilidades de compreensão da prática educativa em Educação</p>

		<p>Física” (p. 25) (Ementa da disciplina Antropologia e Educação Física)</p> <p>“2 – Os conceitos de cultura, diversidade cultural e alteridade: possibilidades de compreensão da prática educativa em Educação Física” (p. 25) (Programa da disciplina Antropologia e Educação Física)</p> <p>“Infância e juventude frente à diversidade cultural contemporânea” (p. 28) (Ementa da disciplina Educação Física, Infância e Juventude)</p> <p>“Compreender a infância e a juventude brasileira levando em conta a diversidade social e cultural existente” (p. 28) (Objetivos da disciplina Educação Física, infância e juventude)</p>
Gênero	6	<p>“Os eixos temáticos existentes acolheram acréscimos de temas, conteúdos e/ou disciplinas, conforme exigência legal da Resolução n. 2 de 1 de julho de 2015, que orienta sobre a necessidade dos cursos incluírem em seus currículos os conteúdos relacionados aos direitos humanos, diversidade étnico-racial, de gênero, sexual, religiosa, língua brasileira de sinais, educação especial e direitos educacionais de adolescentes e jovens em cumprimento de medidas socioeducativas” (p. 12)</p> <p>“Algumas disciplinas obrigatórias [...] sofreram ajustes em suas ementas e programas de modo a incluir as temáticas relativas aos direitos humanos, à diversidade étnico-racial, de gênero, sexual e religiosa, e ainda aos temas da educação especial e dos direitos educacionais de adolescentes e jovens em cumprimento de medidas socioeducativas” (p. 12)</p> <p>“Múltiplos olhares sobre o corpo: relações sociais, relações de gênero, de etnia e de idade” (p. 26) (Ementa da disciplina Educação Física, Corpo e Cultura)</p> <p>“LOURO, Guacira L. (1997) Gênero, sexualidade e educação; uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes” (p. 27) (Bibliografia da disciplina Educação Física, Corpo e Cultura)</p> <p>“Infância: identidade etária e cultural, relações de etnia e de gênero” (p.28) (Ementa da disciplina Educação Física, Infância e Juventude)</p> <p>“Juventude: relações de etnia e de gênero” (p. 28) (Ementa da disciplina Educação Física, Infância e Juventude)</p>
Sexual	2	<p>“Os eixos temáticos existentes acolheram acréscimos de temas, conteúdos e/ou disciplinas, conforme exigência legal da Resolução n. 2 de 1 de julho de 2015, que orienta sobre a necessidade dos cursos incluírem em seus currículos os conteúdos relacionados aos direitos humanos, diversidade étnico-racial, de gênero, sexual, religiosa, língua brasileira de sinais, educação especial e direitos educacionais de adolescentes e jovens em cumprimento de medidas socioeducativas” (p. 12)</p> <p>“Algumas disciplinas obrigatórias [...] sofreram ajustes em suas ementas e programas de modo a incluir as temáticas relativas aos direitos humanos, à diversidade étnico-racial, de gênero, sexual e religiosa, e ainda aos temas da educação especial e dos direitos educacionais de adolescentes e jovens em cumprimento de medidas socioeducativas” (p. 12)</p>

Sexualidade	1	“LOURO, Guacira L. (1997) Gênero, sexualidade e educação; uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes” (p. 27) (Bibliografia da disciplina Educação Física, Corpo e Cultura)
Identidade	4	<p>“Infância: identidade etária e cultural, relações de etnia e de gênero” (p. 28) (Ementa da disciplina Educação Física, Infância e Juventude)</p> <p>“Juventude: identidade etária e cultural” (p. 28) (Ementa da disciplina Educação Física, Infância e Juventude)</p> <p>“Dayrell, Juarez T. Juventude, grupos de estilo e identidade. Educação em Revista. Belo Horizonte, n. 30, p. 25-39, dez. 1999” (p. 29) (Bibliografia da disciplina Educação Física, Infância e Juventude)</p> <p>“MARQUES, Walter Ude. Infâncias (pre)ocupadas: trabalho infantil, família e identidade. Brasília: Plano, 2001” (p. 29) (Bibliografia da disciplina Educação Física, Infância e Juventude)</p>

Fonte: elaboração própria.

No que diz respeito aos títulos das disciplinas obrigatórias, os termos preestabelecidos como relacionados às temáticas não foram encontrados. Contudo, se tratando dos programas e ementas dessas disciplinas, referente ao ano 2019, expomos os seguintes achados:

Quadro 12 – A presença de termos relacionados ao gênero e à sexualidade nos programas das disciplinas no ano de 2019

Termo	Frequência	Conteúdo
Diversidade	12	<p>“ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVE, Luiz Carlos Gil. Juventudes: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco, 2007 (Bibliografia básica da disciplina” Educação Física, Infância e Juventude, 2019/2)</p> <p>“Compreender o corpo produto e produtor de cultura enquanto a diversidade social e cultural existente” (Objetivos da disciplina Educação Física, Corpo e Cultura, 2019/1 e 2019/2)</p> <p>“Conceitos de cultura, diversidade cultural e alteridade como possibilidades de compreensão da prática educativa em Educação Física” (Ementa da disciplina Antropologia e Educação Física, programa único)</p> <p>“Os conceitos de cultura, diversidade cultural e alteridade: possibilidades de compreensão da prática educativa em Educação Física” (Programa da disciplina Antropologia e Educação Física, programa único)</p>

		<p>“Construção da docência em Educação Física na relação com outros sujeitos escolares. Compreensão da diversidade do sistema educacional e as repercussões na Educação Física” (Ementa da disciplina Análise da Prática Estágio em Educação Física I, programa único)</p> <p>“Aula 8. Sujeitos escolares, diversidade cultural e vozes silenciadas do currículo” (Cronograma da disciplina Análise da Prática Estágio em Educação Física I, programa único)</p> <p>“PEREIRA, Marcelo Ricardo. A boina alienígena: sujeito, identidade e diversidade cultural. Presença Pedagógica. V.9, n.51. mai/jun. 2003 (Referências bibliográficas da disciplina” Análise da Prática Estágio em Educação Física I, programa único)</p> <p>“Ensino e diversidade sociocultural” (Ementa da disciplina Didática de Licenciatura, programa único)</p> <p>“UNIDADE I - Didática e docência - Ensino e diversidade sociocultural: desafios e possibilidades para a prática pedagógica” (Unidades de trabalho da disciplina Didática de Licenciatura, programa único)</p> <p>“25/09 Implicações pedagógicas da teoria sócio-histórica de Vigotski.: Diversidade na sala de aula” (Cronograma da disciplina Psicologia da Educação, Aprendizagem e Ensino, 2019/2)</p>
Gênero	34	<p>“PINTO, Aline da Silva. dançando as diferenças: a escola como espaço para relações de gênero mais igualitárias, 2010” (Bibliografia básica da disciplina Danças, 2019/1)</p> <p>“ANDREOLI, Giuliano Souza. Dança, gênero e sexualidade: um olhar cultural, 2010” (Bibliografia básica da disciplina Danças, 2019/1)</p> <p>“Infância: identidade etária e cultural, relações de etnia e de gênero” (Ementa da disciplina Educação Física, Infância e Juventude, 2019/1)</p> <p>“Juventude: relações de etnia e de gênero” (Ementa da disciplina Educação Física, Infância e Juventude, 2019/1)</p> <p>“Juventude e temas da atualidade: relações de gênero, sexualidades, trabalho, escola, relações étnico-raciais, participação política” (Programa da disciplina Educação Física, Infância e Juventude, 2019/1)</p> <p>“FRAGA, A. A boa forma de João e o estilo de vida de Fernanda. In. LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.) Corpo, gênero e sexualidade. Petrópolis: Vozes, 2003” (Bibliografia básica da disciplina Educação Física, Infância e Juventude, 2019/1 e 2019/2)</p>

	<p>“GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In. LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.) Corpo, gênero e sexualidade. Petrópolis: Vozes, 2003” (Bibliografia básica da disciplina Educação Física, Infância e Juventude, 2019/1 e 2019/2)</p> <p>“ANDRADE, S. Mídia impressa e educação dos corpos femininos. In. LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.) Corpo, gênero e sexualidade. Petrópolis: Vozes, 2003” (Bibliografia complementar da disciplina Educação Física, Infância e Juventude, 2019/1 e 2019/2)</p> <p>“LOURO, G. L. Currículo, gênero e sexualidade. In. LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.) Corpo, gênero e sexualidade. Petrópolis: Vozes, 2003” (Bibliografia complementar da disciplina Educação Física, Infância e Juventude, 2019/1 e 2019/2)</p> <p>“MATIAS RODRIGUES, M. N.; DE ARAÚJO MENEZES, J. Jovens mulheres: reflexões sobre juventude e gênero a partir do Movimento Hip Hop Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, v. 12, n. 2, p. 703-715, 2014” (Bibliografia complementar da disciplina Educação Física, Infância e Juventude, 2019/1 e 2019/2)</p> <p>“Juventude e temas da atualidade: cidadania, cultura urbana, mídia, gênero, corporeidade” (Programa da disciplina Educação Física, Infância e Juventude, 2019/2)</p> <p>“SILVA, R.; SOARES, R. Juventude, escola e mídia. In. LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.) Corpo, gênero e sexualidade. Petrópolis: Vozes, 2003” (Bibliografia básica da disciplina Educação Física, Infância e Juventude em 2019/1 e Bibliografia complementar em 2019/2)</p> <p>“Idosos: identidade etária e cultural, relações de etnia e de gênero” (Ementa da disciplina Educação Física e Velhice, 2019/1)</p> <p>“Múltiplos olhares sobre o corpo: relações sociais, relações de gênero, de etnia e de idade” (Ementa e cronograma da disciplina Educação Física, Corpo e Cultura, 2019/1 e 2019/2)</p> <p>“Refletir sobre os múltiplos olhares sobre o corpo: relações sociais, relações de gênero, de etnia e de idade” (Objetivos da disciplina Educação Física, Corpo e Cultura, 2019/1 e 2019/2)</p> <p>“17/04 Textos: 1- Gênero & educação física: tornando visíveis fronteiras e outras formas de reconhecimentos 2-Currículo, gênero e sexualidade” (Cronograma da disciplina Educação Física, Corpo e Cultura, 2019/1)</p>
--	--

		<p>“LOURO, Guacira L. (1997) Gênero, sexualidade e educação; uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes” (Bibliografia básica da disciplina Educação Física, Corpo e Cultura, 2019/1 e 2019/2)</p> <p>“Unidade 3: Contribuições da psicologia para o debate sobre temas contemporâneos em educação: A educação inclusiva: a sala de aula como espaço da heterogeneidade; [...] Relações de gênero na escola” (Unidades da disciplina Psicologia da Educação, Aprendizagem e Ensino, 2019/2)</p> <p>“13/11 Gênero e educação” (Cronograma da disciplina Psicologia da Educação, Aprendizagem e Ensino, 2019/2)</p> <p>LOURO, Guacira Lopes. (2008). <i>Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. Pro-Posições</i>, 19(2), 17-23. (Bibliografia da disciplina Psicologia da Educação, Aprendizagem e Ensino, 2019/2)</p>
Sexualidade	22	<p>“ANDREOLI, Giuliano Souza. Dança, gênero e sexualidade: um olhar cultural, 2010” (Bibliografia básica da disciplina Danças, 2019/1)</p> <p>Juventude e temas da atualidade: relações de gênero, sexualidades, trabalho, escola, relações étnico-raciais, participação política. (Programa da disciplina Educação Física, Infância e Juventude, 2019/1)</p> <p>FRAGA, A. A boa forma de João e o estilo de vida de Fernanda. In. LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.) <i>Corpo, gênero e sexualidade</i>. Petrópolis: Vozes, 2003. (Bibliografia básica da disciplina Educação Física, Infância e Juventude, 2019/1 e 2019/2)</p> <p>“GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In. LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.) <i>Corpo, gênero e sexualidade</i>. Petrópolis: Vozes, 2003” (Bibliografia básica da disciplina Educação Física, Infância e Juventude, 2019/1 e 2019/2)</p> <p>“MONTEIRO, S.; CECCHIO, F. Juventude, sexualidade e saúde. In: CASTRO; CORREA (Orgs.). <i>Juventude Contemporânea</i>. Rio de Janeiro: Nau / FAPERJ, 2005” (Bibliografia básica da disciplina Educação Física, Infância e Juventude, 2019/1 e 2019/2)</p> <p>“SALES, S. R., PARAISO, M. A. O jovem macho e a jovem difícil: governo da sexualidade no currículo. <i>Educação & Realidade</i>, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 603-625, abr./jun. 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>. Acesso: 04 ago. 2014” (Bibliografia básica da disciplina Educação Física, Infância e Juventude, 2019/1 e 2019/2)</p> <p>“SILVA, R.; SOARES, R. Juventude, escola e mídia. In. LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). <i>Corpo, gênero e sexualidade</i>. Petrópolis: Vozes,</p>

		<p>2003” (Bibliografia básica da disciplina Educação Física, Infância e Juventude em 2019/1 e Bibliografia complementar em 2019/2)</p> <p>“ANDRADE, S. Mídia impressa e educação dos corpos femininos. In. LOURO, G. I.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). Corpo, gênero e sexualidade. Petrópolis: Vozes, 2003” (Bibliografia complementar da disciplina Educação Física, Infância e Juventude, 2019/1 e 2019/2)</p> <p>“LOURO, G. L. Currículo, gênero e sexualidade. In. LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). Corpo, gênero e sexualidade. Petrópolis: Vozes, 2003” (Bibliografia complementar da disciplina Educação Física, Infância e Juventude, 2019/1 e 2019/2)</p> <p>“17/04 Textos: 1- Gênero & educação física: tornando visíveis fronteiras e outras formas de reconhecimentos 2-Currículo, gênero e sexualidade” (Cronograma da disciplina Educação Física, Corpo e Cultura, 2019/1)</p> <p>“LOURO, Guacira L. (1997) Gênero, sexualidade e educação; uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes” (Bibliografia básica da disciplina Educação Física, Corpo e Cultura, 2019/1 e 2019/2)</p> <p>LOURO, Guacira Lopes. (2008). <i>Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. Pro-Posições</i>, 19(2), 17-23. (Bibliografia da disciplina Psicologia da Educação, Aprendizagem e Ensino, 2019/2)</p>
Feminina	2	<p>“GOELLNER, Silvana. Bela, Maternal e Feminina: imagens da mulher na Revista Educação Física. In: FERREIRA NETO, Amarílio. <i>Pesquisa Histórica em Educação Física</i>, n. 5. Aracruz: FACHA, 2000” (Bibliografia básica de referência da disciplina História e Educação Física, 2019/1 e 2019/2)</p> <p>“3. Fisiologia do Sistema endócrino e reprodutor - Síntese hormonal. Regulação da secreção hormonal. Regulação dos receptores hormonais. Mecanismos da ação hormonal. [...] Diferenciação sexual. Puberdade. Fisiologia reprodutora masculina. Fisiologia reprodutora feminina” (Programa da disciplina Fisiologia e Biofísica Aplicada a Educação Física, programa único)</p>
Femininas	1	<p>“24/04 Unidade 4- Educação Física: dos corpos <i>esculturais</i> ao corpos <i>culturais</i> dos sujeitos Textos: 1- Corpo, saúde e beleza representações sociais nas revistas femininas” (Cronograma da disciplina Educação Física, Corpo e Cultura, 2019/1)</p>
Femininos	2	<p>“ANDRADE, S. Mídia impressa e educação dos corpos femininos. In. LOURO, G. I.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). Corpo, gênero e sexualidade. Petrópolis: Vozes, 2003” (Bibliografia complementar da disciplina Educação Física, Infância e Juventude, 2019/1 e 2019/2)</p>

		“Conceitos básicos sobre a modalidade esportiva: Histórico da Ginástica Artística - Aparelhos oficiais masculinos e Femininos” (Programa da disciplina Ensino de Ginastica Artística, programa único)
Masculinos	1	“Conceitos básicos sobre a modalidade esportiva: Histórico da Ginástica Artística - Aparelhos oficiais masculinos e Femininos” (Programa da disciplina Ensino de Ginastica Artística, programa único)
Masculino	1	“SANTO, E. et al. Efeitos do treino e do destreino específicos na força explosiva: um estudo em jovens basquetebolistas do sexo masculino. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, V.11, n.2, 116-127, 1997” (Bibliografia da disciplina Ensino de Basquetebol, programa único)
Masculina	1	“3. Fisiologia do Sistema endócrino e reprodutor - Síntese hormonal. Regulação da secreção hormonal. Regulação dos receptores hormonais. Mecanismos da ação hormonal. [...] Diferenciação sexual. Puberdade. Fisiologia reprodutora masculina. Fisiologia reprodutora feminina” (Programa da disciplina Fisiologia e Biofísica Aplicada a Educação Física, programa único)
Mulher	2	“GOELLNER, Silvana. Bela, Maternal e Feminina: imagens da mulher na Revista Educação Física. In: FERREIRA NETO, Amarílio. <i>Pesquisa Histórica em Educação Física</i> , n. 5. Aracruz: FACHA, 2000” (Bibliografia básica de referência da disciplina História e Educação Física, 2019/1 e 2019/2)
Mulheres	2	“MATIAS RODRIGUES, M. N.; DE ARAÚJO MENEZES, J. Jovens mulheres: reflexões sobre juventude e gênero a partir do Movimento Hip Hop Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, v. 12, n. 2, p. 703-715, 2014” (Bibliografia complementar da disciplina Educação Física, Infância e Juventude, 2019/1 e 2019/2)
Heteronormatividade	1	“08/05 Palestra temática: Heteronormatividade e os estereótipos corporais” (Cronograma da disciplina Educação Física, Corpo e Cultura, 2019/1)
Inclusão	1	“Atividade Física Adaptada: teorias e conceitos; afecções da saúde e de funcionalidade; paradigmas (adaptação, organização de serviços, inclusão, ecossistema e equidade)” (Ementa da disciplina Teoria da Atividade Física Adaptada, programa único)
Inclusiva	3	“Unidade 3: Contribuições da psicologia para o debate sobre temas contemporâneos em educação: A educação inclusiva: a sala de aula como espaço da heterogeneidade; [...] Relações de gênero na escola” (Unidades da disciplina Psicologia da Educação, Aprendizagem e Ensino, 2019/2)

		<p>“30/10 Educação inclusiva” (Cronograma da disciplina Psicologia da Educação, Aprendizagem e Ensino, 2019/2)</p> <p>“KASSAR, Mônica Magalhães. Educação especial na perspectiva da educação inclusiva: desafios da implantação de uma política nacional. <i>Educar em Revista</i>, n. 41, p. 61-79, jul./set. 2011” (Bibliografia da disciplina Psicologia da Educação, Aprendizagem e Ensino, 2019/2)</p>
Equidade	1	“Atividade Física Adaptada: teorias e conceitos; afecções da saúde e de funcionalidade; paradigmas (adaptação, organização de serviços, inclusão, ecossistema e equidade)” (Ementa da disciplina Teoria da Atividade Física Adaptada, programa único)
Sexo	1	“SANTO, E. et al. Efeitos do treino e do destreino específicos na força explosiva: um estudo em jovens basquetebolistas do sexo masculino. <i>Revista Paulista de Educação Física</i> , São Paulo, V.11, n.2, 116-127, 1997” (Bibliografia da disciplina Ensino de Basquetebol, programa único)
Sexual	1	“3. Fisiologia do Sistema endócrino e reprodutor - Síntese hormonal. Regulação da secreção hormonal. Regulação dos receptores hormonais. Mecanismos da ação hormonal. [...] Diferenciação sexual. Puberdade. Fisiologia reprodutora masculina. Fisiologia reprodutora feminina” (Programa da disciplina Fisiologia e Biofísica Aplicada a Educação Física, programa único)
Identidade	1	<p>“PEREIRA, Marcelo Ricardo. A boina alienígena: sujeito, identidade e diversidade cultural. Presença Pedagógica. V.9, n.51. mai/jun. 2003 (Referências bibliográficas da disciplina” Análise da Prática Estágio em Educação Física I, programa único)</p> <p>“UNIDADE I - Didática e docência – Profissionalidade e identidade docente” (Unidades de trabalho da disciplina Didática de Licenciatura, programa único)</p>

Fonte: elaboração própria.

4.2.2 Entrevista semiestruturada e Grupos Focais

Um terceiro movimento foi o de elaborar três roteiros (Apêndices IV, V e VI), um para cada uma das entrevistas semiestruturadas individuais e um terceiro, comum para ambos os grupos focais.

Logo em seguida, a ex-coordenadora do Colegiado de Curso Isabel Coimbra e o atual coordenador Gustavo Peixoto, e estudantes receberam seus convites por meio de diferentes estratégias. Para as coordenações o convite foi

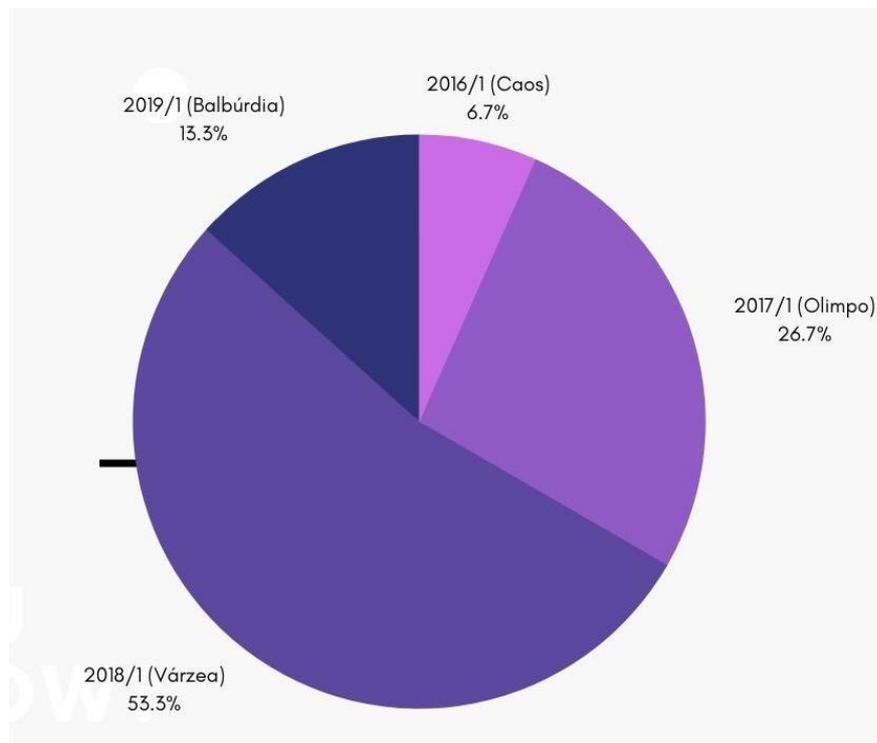
feito por e-mails. Já para o corpo discente, utilizou-se o aplicativo *WhatsApp*. Por meio do contato já previamente estabelecido entre o pesquisador - também estudante do mesmo curso - e algumas pessoas pertencentes a cada turma, pediu-se para que fosse encaminhado um convite (Apêndice VII) para cada grupo/turma, convidando para a participação na pesquisa e para responder um formulário elaborado com o intuito de realizar um levantamento de discentes com interesse em participar.

O projeto de pesquisa preestabeleceu a participação de 4 turmas, com entradas em 2016/1 (turma Caos), 2017/1 (turma Olimpo), 2018/1 (turma Várzea) e 2019/1 (turma Balbúrdia)⁴⁸. A escolha por essas turmas se deu a partir da compreensão de que elas estariam cursando diferentes disciplinas, em diferentes momentos do curso, durante o ano de 2019 - o recorte temporal que esse estudo pretende analisar. Como critérios de inclusão de sujeitos, ainda foi estabelecido ser necessário: aceitar participar do grupo focal online com áudio e câmera abertos, ter disponibilidade de dia e horário para o grupo focal que coincida com a maioria das pessoas participantes e ter tido matrícula ativa no curso durante os dois semestres de 2019.

No total, foram registradas 21 respostas ao convite. Contudo, foram excluídas: duas respostas duplicadas, a resposta de uma pessoa que não estava matriculada em ambos os semestres no curso em 2019 e duas respostas de estudantes pertencentes a turmas que não haviam sido pré-selecionadas no projeto de pesquisa. Isso totalizou 16 respostas, correspondentes a um mesmo número de discentes. Desse total, a quantidade de estudantes por entrada/turma, em ordem decrescente, ficou: Várzea (8), Olimpo (4), Balbúrdia (2) e Caos (1). O percentual de adesão em relação ao semestre de entrada no curso/nome da turma, pode ser observado no gráfico 2.

⁴⁸ Existe uma tradição nos cursos de Educação Física da UFMG, de que a turma de calouros/as se nomeie até o segundo período de curso.

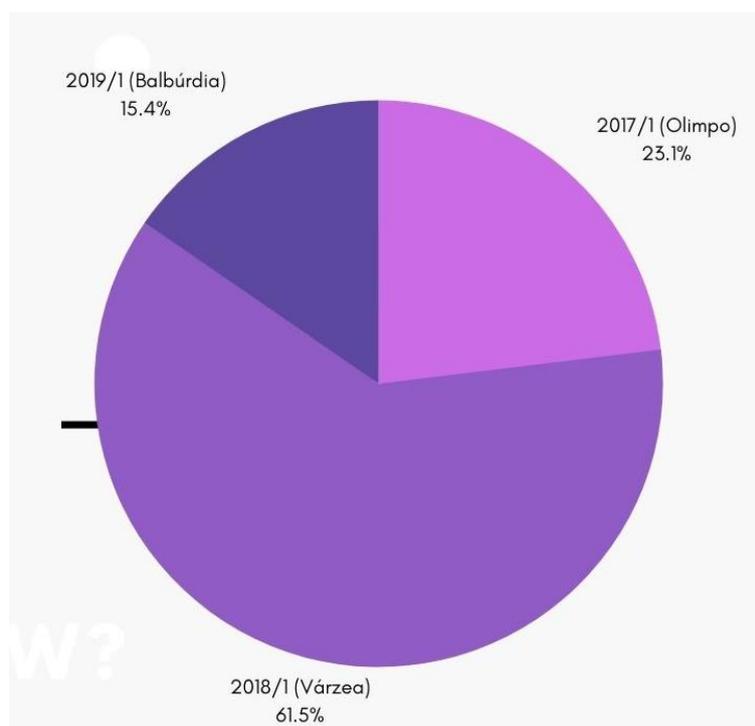
Gráfico 2 - Percentual de adesão ao convite por semestre de entrada (turma)



Fonte: elaboração própria.

Entretanto, o único discente pertencente à turma com entrada em 2016/1 (Caos), e outra discente com entrada em 2018/1 (Olimpo) não se fizeram presentes no momento da reunião online, totalizando 14 pessoas com participação efetiva em um dos dois grupos focais realizados. O percentual de participações efetivas, em um dos grupos focais, em relação ao semestre de entrada no curso/turma, pode ser observado no gráfico 3.

Gráfico 3 - Percentual de participações efetivas em um dos grupos focais por semestre de entrada (turma)



Fonte: elaboração própria.

Apesar de, no planejamento inicial, ter sido previsto apenas um grupo focal, consideramos importante escutar a maior quantidade possível de sujeitos e, por isso, a decisão final de realizar dois grupos focais. A partir da declaração de cada participante em relação aos melhores dias e horários para a realização do grupo focal - informada no formulário - e a quantidade total de respostas, optou-se por realizar dois grupos separados. Procurou-se então, na medida em que as disponibilidades permitiam, fazer com que houvesse representação equivalente de indivíduos de cada semestre de entrada/turma em ambas as reuniões. Cada pessoa participou de apenas um grupo focal. O grupo “A” contou com a participação de 7 estudantes: Várzea (3), Olimpo (2) e Balbúrdia (2) e o grupo “B” contou com 7 participantes: Várzea (6) e Olimpo (1).

Assim sendo, o grupo focal “A” foi realizado no dia 01/02/2021 e teve duração de 1 hora e 12 minutos e o grupo focal “B” foi realizado no dia 05/02/2021, com duração de 1 hora e 39 minutos. Ambos os grupos focais tiveram seus diálogos transcritos e geraram dois documentos, respectivamente, de 22 e 24 páginas que serão utilizados na análise. A entrevista individual com

a atual professora e ex-coordenadora do curso aconteceu no dia 01/02/2021, com tempo de duração de 1 hora e 22 minutos e sua transcrição gerou um documento de 23 páginas.

5 OS REGISTROS DOCUMENTAIS E OS SUJEITOS: DIVERSAS VOZES QUE VERSAM SOBRE DUAS PRESENÇAS EM UM MESMO CURSO

Nesse último capítulo, as vozes dos registros documentais, de estudantes e ex-estudante do curso e da professora doutora Isabel Coimbra irão dizer sobre a presença das temáticas gênero e sexualidade no curso de Licenciatura em Educação Física da UFMG.

5.1 A presença das temáticas gênero e sexualidade no curso

5.1.1 Versos sobre a presença de gênero nas vozes dos registros documentais e da ex-coordenação de Colegiado de Curso

Considerando todos os documentos analisados, e os termos pré-estabelecidos pelo projeto de pesquisa, “gênero” é o mais frequente com 43 menções no total, sendo: Projeto Pedagógico de 2005 (3), Ajuste Curricular de 2016 (6) e programas das disciplinas obrigatórias de 2019 (34). É interessante observar um aumento na frequência do termo no ajuste, quando comparado com o Projeto Pedagógico. Importa também considerar, para interpretar a elevada frequência do termo nos programas, que não foram recebidos para análise os programas de 17,6% das disciplinas e, além disso, para uma mesma disciplina, alguns programas se mostraram muito similares (comparando 2019/1 e 2019/2). Em outras palavras, permanece a possibilidade de que essa frequência seja ainda maior, assim como a de que essa se mantenha (para o caso de não ser encontrado mais nenhum termo nos documentos que não foram recebidos).

Ainda sobre a presença desse termo na totalidade dos documentos analisados, percebe-se que esse esteve acompanhado de outros, conforme apresentados nos quadros 10, 11 e 12: “relações de gênero” (17), “corpo, gênero e sexualidade” (10), “diversidade de gênero” (3), “gênero, sexualidade e educação” (3), “currículo, gênero e sexualidade” (3), “gênero” (3), “dança, gênero e sexualidade” (1), “gênero & educação física” (1), “gênero e educação” (1) e “gênero e sexualidade” (1). Trazendo destaques, é possível perceber como a

noção de gênero enquanto categoria relacional – “relações de gênero” - parece predominar nos documentos, apontando para uma noção estabelecida a partir da segunda onda do movimento feminista – relacionando as diferenças entre homens e mulheres. Devido *et al* (2011) falam sobre essa segunda onda, que se deu a partir de 1960 e que passou a considerar as experiências de ambos os sexos no contexto social (*idem*, 2011).

É notável, também, a frequente articulação com a sexualidade. Nicolino e Paraíso (2018) nos dizem sobre “como o tema gênero atravessa e constitui a discussão da sexualidade” (*idem*, p. 98). Finalmente, é intrigante perceber que a articulação com “educação física” apareça uma única vez, considerando que se trata de um curso de formação docente para essa área.

Ainda em relação ao modo que esse termo esteve presente nos documentos, trago alguns destaques. No Projeto Pedagógico (2005), o termo vem acompanhado da noção de diversidade. Ao abordar a articulação entre Educação Física e o campo da Saúde, é trazida uma concepção alargada de Saúde⁴⁹ que orientaria esse diálogo. E esse, segundo o texto, deve permear todo o curso, e será “[...] mais fértil quando articulado com as preocupações relativas às condições de saúde de crianças, jovens e adultos em sua diversidade de gênero, etnia e condição social” (EEFFTO, 2005, p. 21).

Em outro momento, o documento versa sobre a pergunta norteadora para a organização de um Projeto de Graduação Plena de Licenciatura em Educação Física. A questão norteadora é “o que um Professor de Educação Física precisa saber para organizar, orientar e intervir na Educação Básica [...] Em suma: qual o conhecimento que deve qualificar e orientar sua ação como Professor?” (EEFFTO, 2005, p. 12-13). A partir disso, “pensar em possíveis respostas exige tomar como referências permanentes as práticas sociais; os sujeitos que as produzem (em suas identidades relacionadas às (sic) etnias, às relações de gênero e de classes sociais) [...]” (*idem*, p. 13). É notável que, nesse documento de 2005 – antes mesmo do Ajuste Curricular, os sujeitos em suas identidades relacionadas às relações de gênero já são apresentados como

⁴⁹ “Saúde é o resultante das condições de alimentação, habitação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso aos serviços de saúde. É, assim, antes de tudo, o resultado das formas de organização social da produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis da vida” (MINAYO, 1992 *apud* EEFFTO, 2005, p. 21)

elementos importantes a partir dos quais a formação da EEEFTO deve se organizar.

Em outro momento da escrita do documento, ao tratar da articulação da Educação Física com o Esporte, fala-se sobre como no ambiente escolar esse assume a condição de “esporte escolar”, com o propósito de educar (EEFFTO, 2005). A partir disso, fala-se sobre a necessidade de considerar o público que frequenta a escola, “[...] com suas características próprias, seus interesses e suas necessidades em relação ao esporte” (idem, p. 23). A partir da compreensão de que tudo aquilo que integra o currículo escolar ser direito de todos, e por consequência o esporte, “[...] o princípio da inclusão e da participação de todos os alunos em sua prática é fundamental” (idem, p. 23). Então, o documento postula:

Nessa condição, ele poderá certamente oferecer muito à formação humana dos alunos, na medida em que reúne predicados importantes a serem cultivados na Educação Física: o sentimento de pertencimento a um grupo, a construção de uma sociabilidade fraterna entre seus membros, com o estabelecimento de relações baseadas na ética, no respeito a si próprio e ao outro (respeito nas relações de gênero, de etnia, por exemplo), e, ainda, a construção coletiva de regras de participação, em que a exclusão e a discriminação não tenham lugar. (EEFFTO, 2005, p. 23)

Aqui é possível perceber a noção de neutralidade a partir do respeito a que se refere Bárbara Santana (2019), e que cito no primeiro capítulo dessa monografia. A autora reflete sobre o perigo desse lugar em que gênero majoritariamente se encontra (SANTANA, 2019). “Se eu respeito, não preciso refletir, não preciso conhecer, pois independente de qual seja o seu ‘problema’, espero que seja aceito e que viva bem” (idem, p. 9). Refletindo sobre, penso que há um avanço por parte do documento por trazer essa noção, mas que ela por si só não é suficiente, necessitando então que se reflita sobre “o que ou sobre quem estamos falando” (idem, p. 9).

Uma aproximação a esse objetivo pode ser percebida no Ajuste Curricular (2016), quando se fala sobre como os eixos temáticos existentes acrescentaram “conteúdos e/ou disciplinas, conforme exigência legal [...] relacionados aos direitos humanos, diversidade étnico-racial, de gênero, sexual [...]” (EEFFTO, 2016, p. 12). Portanto, “algumas disciplinas obrigatórias [...]

sofreram ajustes em suas ementas e programas de modo a incluir as temáticas [...]” (idem, p. 12).

Consta nesse documento os programas alterados dessas disciplinas. Gênero aparece na disciplina de Educação Física, Corpo e Cultura, em sua ementa “Múltiplos olhares sobre o corpo: relações sociais, relações de gênero, de etnia e de idade” (EEFFTO, 2016, p. 26) e em sua bibliografia, com o texto “Gênero, sexualidade e educação; uma perspectiva pós-estruturalista” (idem, p. 27) de Guacira Lopes Louro [ver quadro 11]. A ementa da disciplina Educação Física, Infância e Juventude traz duas menções: “Infância, identidade etária e cultural, relações de etnia e de gênero [...] Juventude: relações de etnia e de gênero” (idem, p. 28).

A ex-coordenadora do Colegiado de Curso e atual professora do curso, Isabel Coimbra, fala sobre como se deu esse processo de ajuste dos programas das disciplinas. *“Isso foi uma exigência da PROGRAD [...] a gente tinha que ter uma carga horária mínima dentro dessas exigências novas, de acordo com o documento de 2015”*. A professora aqui se refere à Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD/UFMG) e a já citada Resolução do CNE n. 2 de 2015. *“Aí os departamentos reuniram, e os departamentos decidiram [...] A decisão de quais disciplinas seriam revistas na ementa e na carga horária, foi uma decisão antes de eu e o professor Gustavo entrar”*. E, aqui, ela se refere a entrada dela e do professor André Gustavo na coordenação de Colegiado de Curso.

Ainda a respeito disso, percebe-se, em outro momento da fala de Isabel, uma noção de que existem disciplinas passíveis ou não passíveis de serem ajustadas:

Então, em discussão com os departamentos, os professores chegaram a uma conclusão que - dentro do um rol de disciplinas, aquelas que estavam mais passíveis de ajuste, de uma revisão né? Na revisão no sentido de abraçar e trazer para si, essas questões que a 2015 solicitava que a gente não tinha (Isabel).

Essa noção também pode ser percebida a partir do trabalho de Lara Araújo (2015). Ao entrevistar a coordenadora do curso de Educação Física, essa discorre sobre como determinadas disciplinas do curso podem tematizar as discussões de gênero: *“Na disciplina que eu trabalhei o ano passado, de Fundamentos Filosóficos Sócio-Históricos, ela é uma disciplina que de certa*

forma dá pra gente mencionar a questão, mas não tem um espaço para aprofundamento [...]' (ARAÚJO, 2015, p. 42-43).

Nos programas das disciplinas, o termo esteve presente 34 vezes distribuídas em 5 disciplinas, sendo: Educação Física, Infância e Juventude (18), Educação Física, Corpo e Cultura (10), Psicologia da Educação, Aprendizagem e Ensino (3), Danças (2) e Educação Física e Velhice (1). Destarte, é possível perceber que 4 das 5 disciplinas são de responsabilidade acadêmica do Departamento de Educação Física (DEF) e uma de responsabilidade do Departamento de Ciências Aplicadas a Educação (DECAE). Apesar dessa pesquisa não ter recebido os programas da totalidade de disciplinas obrigatórias que compõem o curso, esses dados apontam para uma centralidade do DEF em registrar as tematizações de gênero na Licenciatura em Educação Física da EEEFTO/UFMG.

No que diz respeito aos eixos que em que essas disciplinas são organizadas e a quantidade de disciplinas que possuem “gênero” em seus programas, tem-se: Conhecimento sobre o Ser-Humano (3), Conhecimento da Educação Física (1) e Conhecimento Pedagógico da Educação Física na Educação Básica (1). Considerando que foram recebidos os programas de apenas uma das três disciplinas pertencentes ao eixo Conhecimento Científico-tecnológico (CCT) e de que os programas das disciplinas referentes ao eixo Conhecimento sobre a Sociedade (CS) foram recebidas quase integralmente, fica em aberto os motivos da ausência desse termo nos documentos recebidos.

Trago essa reflexão, porque no texto que apresenta os propósitos do eixo CS, está presente que “É fundamental a um professor de Educação Física a compreensão crítica das circunstâncias que envolvem os sujeitos, e a produção da vida em sociedade” (EEFTO, 2016, p. 13). E também, no caso do eixo CCT, está escrito que “Este eixo é dedicado ao estudo de métodos e técnicas de pesquisa, visando ampliar a qualificação de professores de Educação Física como pesquisadores, de modo a prepará-los para a produção de conhecimento nos diversos campos de interesse da Educação Física” (EEFTO, 2016, p. 13-14). Parto da compreensão de que gênero e sexualidade constituem, simultaneamente, um campo de interesse a respeito da produção de conhecimento em Educação Física e temas relacionados às circunstâncias que envolvem os sujeitos e a vida em sociedade.

Ao responder uma pergunta sobre a existência ou não de um critério que determine qual eixo iria abordar as temáticas, no contexto do Ajuste Curricular, Isabel Coimbra diz que “[...] essa discussão do eixo foi no NDE, entendeu? Porque um dos papéis do NDE é discutir o currículo: o currículo tá atual? O currículo não tá? Então, já que tinha que fazer esse ajuste, é lógico que a gente tinha que rever os eixos [...]” ao continuar se referindo ao Núcleo Docente Estruturante (NDE), a professora acrescentou que esse “[...] apresentou para o colegiado a proposta – o colegiado aprovou e achou interessante – e aí a gente delegou para os departamentos trabalharem as disciplinas [...] O NDE é um órgão consultivo, o papel dele é esse né? Então foi isso que a gente tentou fazer”.

No que se refere a disciplina de Educação Física, Infância e Juventude, a maior parte da presença do termo se encontra na bibliografia complementar (8) seguido por bibliografia básica (6), programa (2) e ementa (2). Se tratando da bibliografia (básica e complementar), a frequência de presença de “gênero” se deu, principalmente, por conta do título do livro “Corpo, gênero e sexualidade” que aparece na referência de 5 diferentes capítulos dessa obra [ver quadro 12]. Por decorrência disso, esse livro aparenta certa centralidade nessa disciplina, quando se trata de gênero. A ementa, por sua vez, permanece com as mesmas citações trazidas no Ajuste Curricular (2016) citado anteriormente e, em seu programa, o termo está presente como subitem da Unidade 2, que tematiza a Juventude: “Juventude e temas da atualidade: cidadania, cultura urbana, mídia, gênero, corporeidade” (2019/2, não paginado).

Curioso o fato de que a “Unidade 1: Infância” não prevê as mesmas temáticas, o que levanta a hipótese de que talvez a organização da disciplina veja essas temáticas menos como relacionadas a infância, e mais com a juventude. Contudo, importa ressaltar que essa relação entre gênero e infância está presente na ementa. Interessante também observar o lugar em que a presença parece estar majoritariamente: nas bibliografias (e, predominantemente, nas complementares).

Já na disciplina Educação Física, Corpo e Cultura, o termo está presente com maior frequência no cronograma e conteúdo (4), seguido por ementa, objetivos e bibliografia básica (cada um com 2). No cronograma e conteúdo, a temática está presente no item “3- Múltiplos olhares sobre o corpo: relações sociais, relações de gênero, de etnia e de idade”. Destaca-se a

existência de uma data em que parece estar programada apenas a discussão relacionada à temática: “Textos: 1- Gênero & educação física: tornando visíveis fronteiras e outras formas de reconhecimentos 2-Currículo, gênero e sexualidade” (2019/1, p. 2).

Os programas trazem também, como um dos objetivos dessa disciplina “Refletir sobre os múltiplos olhares sobre o corpo: relações sociais, relações de gênero, de etnia e de idade” (2019/1 e 2019/2, p. 1). De forma semelhante à disciplina de Educação Física, Infância e Juventude, reflito que há registros que indicam um planejamento para que gênero seja tematizado na disciplina.

A disciplina Psicologia da Educação, Aprendizagem e Ensino⁵⁰ apresenta, em seu programa relativo a 2019/2, a presença do termo no subitem de uma de suas unidades “Unidade 3: Contribuições da psicologia para o debate sobre temas contemporâneos em educação: A educação inclusiva: a sala de aula como espaço da heterogeneidade; [...] Relações de gênero na escola” (2019/2, não paginado). Reserva também, em seu cronograma, uma data para “Gênero e educação. Relações étnico-raciais na escola” (idem, não paginado) e indica uma bibliografia relacionada a temática [ver quadro 12]. De maneira semelhante a disciplina Educação Física, Corpo e Cultura, a disciplina reserva uma data para abordar a temática – com a diferença de que nessa, a discussão acompanha o debate sobre as relações étnico-raciais.

Finalizando a discussão sobre a presença do termo gênero nos programas, as disciplinas de Danças, bem como Educação e Velhice, também o incluíram. O programa de 2019/1 da disciplina de Danças indica dois textos que abordam a temática em sua bibliografia básica, enquanto Educação Física e Velhice traz o termo em sua ementa “Idosos: identidade etária e cultural, relações de etnia e de gênero” (2019/1, não paginado). É interessante observar, no que se trata da segunda disciplina aqui citada, que o termo não mostra mais presente no programa de 2019/2.

⁵⁰ É de extrema importância destacar que a disciplina – bem como Sociologia da Educação e Didática de Licenciatura - é comum a diversos cursos de licenciatura da UFMG e, por esse motivo, possui diversas turmas simultâneas. Para esse estudo, só foi possível analisar um único programa.

Aparentemente, houve uma alternância no que se refere a/ao docente que assumiu a disciplina, o que é especulado a partir da diferença na construção do programa de um semestre para outro, e também pela similaridade do programa de 2019/2 com o programa de outra disciplina ministrada por outro professor. É eminente também observar que duas das cinco disciplinas em que o termo se encontra mencionado – Educação Física, Corpo e Cultura e Danças - foram ministradas pela mesma professora.

5.1.2 Versos sobre a presença do termo sexualidade

Irei me referir à presença do termo sexualidade desvinculado de gênero, por compreender que essas vinculações já foram abordadas no subitem anterior desse mesmo capítulo. No Projeto Pedagógico (2005) não há presença do termo sexualidade. O termo está presente uma vez no Ajuste Curricular (2016), inserido na bibliografia do novo programa da disciplina Educação Física, Corpo e Cultura. Todavia, essa aparição está vinculada com o termo gênero: “LOURO, Guacira L. (1997) Gênero, sexualidade e educação; uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes” (EEFFTO, 2016, p. 27).

Não obstante, é notável a presença de “diversidade sexual” no Ajuste Curricular, como pode ser observado em “a necessidade dos cursos incluírem em seus currículos os conteúdos relacionados aos direitos humanos, diversidade étnico-racial, de gênero, sexual [...]” (EEFFTO, 2016, p. 12). Contudo, o documento não explica o que entende por “diversidade sexual”. Para além disso, em comparação com a presença do termo gênero, parece haver uma omissão de sexualidade dentro desses dois documentos.

No que diz respeito aos programas das disciplinas, das 22 vezes em que sexualidade se mostra presente em apenas duas ela está desvinculada de gênero. Ambos estão presentes na bibliografia básica da disciplina Educação Física, Infância e Juventude: “MONTEIRO, S.; CECHEO, F. Juventude, sexualidade e saúde. In: CASTRO; CORREA (Orgs.). Juventude Contemporânea. Rio de Janeiro: Nau / FAPERJ, 2005” e “SALES, S. R., PARAISO, M. A. O jovem macho e a jovem difícil: governo da sexualidade no currículo. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 603-625, abr./jun.

2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>. Acesso: 04 ago. 2014” (2019/1 e 2019/2, não paginado)”.

Ao ser perguntada sobre os motivos dos conteúdos relacionados a gênero e sexualidade não aparecerem durante o Ajuste Curricular como um todo, Isabel Coimbra traz considerações importantes que dizem respeito a demanda do CNE e o aspecto da diversidade e sua centralidade nesse processo:

Ele não veio nessa questão da sexualidade, não veio. Assim como não veio da mulher negra, não veio né, veio a questão da diversidade como um leque, veio a questão da Libras, que a FAE entrou, e não teve essa discussão no NDE. Não apareceu, não tenho uma explicação. Mas, pensando agora, talvez exatamente porque essa questão da diversidade ela é muito ampla [...] não teve uma discussão mais aprofundada, infelizmente (Isabel).

A professora conclui: *“Não entramos nessa especificidade, mas na importância de abraçar a diversidade. O que eu posso te dizer é isso né, como NDE e indicativo para o Colegiado e no ajuste, essa questão de estar aberto para a diversidade”*. É possível perceber então, a partir da fala de Isabel, que as discussões a nível de Colegiado de Curso e do Núcleo Docente Estruturante versaram mais sobre a diversidade de maneira ampla, não aprofundando especificamente nas temáticas.

5.1.3 Vozes do corpo discente: proximidades e distanciamentos em relação os registros documentais

As participantes⁵¹ dos grupos focais, de maneira geral, relataram terem experienciado momentos, em determinadas disciplinas, em que as temáticas foram abordadas. Foi interessante perceber que algumas dessas disciplinas não possuíam menção aos termos em seus programas ou esses não haviam sido recebidos para análise, o que já diz sobre os limites do recorte da pesquisa: o ano de 2019.

Maria Fernanda, do sexto período, relata:

Eu via muito isso, mais em aulas teóricas, como: Filosofia, Sociologia, Didática, mais do que aulas práticas como Teoria e Prática dos Esportes, Ensinos. Assim... e eu percebi que tinha uma discussão

⁵¹ A grande maioria da participação em ambos os grupos foi feminina, por isso utilizarei a flexão de gênero correspondente para me referir aos grupos.

muito forte, principalmente em Filosofia, que pra mim foi aonde mais teve sobre isso. Seminário de Pesquisa também, as pessoas que – tipo eu – que fizeram uma pesquisa sobre isso: a questão de gênero na educação física (Maria Fernanda)

É possível notar aqui que existem momentos no curso nos quais as/os próprias/os discentes trazem os temas para discussão. Além disso, a colocação de que esses temas são mais abordados em aulas concebidas enquanto teóricas.

Também partindo dessa dicotomia teoria-prática, Jean, do oitavo período do curso, complementa:

[...] eu também, durante a graduação, vi isso mais em aulas teóricas também. Os poucos momentos que vi isso em aulas práticas foi com a professora Elisângela em Danças. E o professor de Estágio I, ele chegou a discutir algumas coisas e pediu pra gente dar uma observada em algumas questões assim durante as aulas. Mas, quando se trata de aula teórica, em Filosofia eu não tive uma abordagem tão grande assim porque eu tive um professor que ele era meio que dava alguma aula ou outra, então ele não seguiu certinho o que os outros professores passavam (Jean).

Interessante observar experiências distintas para uma mesma disciplina, como no que se refere à Filosofia e Educação Física e, mais uma vez, aparece aqui a relação entre a pessoa que ministra a disciplina e a tematização de gênero e sexualidade. É possível ser observada uma articulação das temáticas com o estágio, apesar de – a partir da análise documental – ter sido encontrado apenas um registro da articulação de “gênero e educação física”, como citado anteriormente.

Essa relação continuará marcante no que Jean segue relatando:

Mas, a professora que mais abordou isso realmente foi a professora Elisângela, tanto na aula de Danças quanto na aula de Corpo e Cultura. E também em Didática, teve uma professora lá na FAE que abordou bastante também. E, só que não abordou diretamente, foi o professor Admir, mas ele comentava muito, porque o professor ele sempre levava muito pro lado das crianças, só que mesmo ele levando pro lado das crianças ele falava sobre a diferença de gênero [...] na primeira disciplina da graduação de licenciatura que foi Formação e Atuação (Jean).

Ressalto a presença da disciplina Didática de Licenciatura novamente nas falas, e também a presença da articulação entre gênero e assuntos relacionados à infância na disciplina Formação e Atuação em Educação Física.

Principalmente, porque não foi possível chegar a essas informações através da análise documental.

Ainda sobre a forma como os temas eram discutidos, Jean complementa sobre a atuação da professora Elisângela

Aí ela trazia as discussões, a gente – os alunos – comentavam, só que no caso no final ela elucidava, complementava, falava assim: “olha, talvez vocês possam olhar por esse outro lado”. Era meio que assim, na aula de Dança, a professora sempre relacionava os movimentos com o gênero né, mas não tipo “ah, isso é disso” mas que, por exemplo, muitas vezes dança ela tem um estereótipo e que não funciona dessa forma [...] ela sempre tentava desvincular dança do que o pessoal falava que era feminino, ela sempre falava uma frase que “a dança pertencia a todo mundo (Jean).

Parece que aqui, há um movimento de desvinculação da dança como algo feminino por parte da professora.

A FAE ganha recorrência nas falas, o que também pode ser percebido por meio do que diz Maria Gabriela:

É, realmente tem algumas disciplinas, não trata diretamente, mas são disciplinas que a discussão aparece – não é aprofundada mas aparece de certa maneira: Didática apareceu, Psicologia apareceu bastante – até por causa de Freud e outras situações (Maria Gabriela).

Maria Gabriela fala sobre como “[...] as disciplinas que têm esse caráter mais de debate, discursivas” abordam as temáticas:

Aí, estuda o texto e debate o texto na turma, que geralmente essa é a dinâmica que eu conheço das disciplinas. Ou então, é apresentação de algum trabalho, como eu já fiz também na disciplina de Infância e Juventude, que foi com a Giovanna – ela estava substituindo. Ela era uma professora que trazia muito essa discussão, e infelizmente ela era substituta. Mas, de professor mesmo, acho que é mais a Elisângela e, querendo ou não, permeia por outras disciplinas, mas não é aprofundado (Maria Gabriela).

Nesse último caso, a fala de Maria Gabriela complementa também o que disse Maria Fernanda sobre momentos em que o corpo discente traz essas questões, nesse caso através de apresentação de trabalhos.

Mariana, do sexto período, diz que “todas as disciplinas da FAE realmente têm uma discussão de gênero – acho que exceto Política Educacional – mas todas as outras teve bastante discussão de gênero sim”. É possível

observar, a partir da gravação, que no momento em que Mariana coloca a exceção relativa à disciplina de Política Educacional, Maria Gabriela faz um movimento de concordância com a cabeça. É importante retomar a ponderação, contudo, de que a disciplina em questão é comum para diversos cursos de licenciatura da UFMG, e que por esse motivo as estudantes estão dizendo de suas experiências compartilhadas – como hipótese, inclusive, por pertencerem à mesma turma.

Mariana fala em outro momento sobre a disciplina Fisiologia do Exercício:

Assim, vou falar assim, né, no caso de Fisiologia do Exercício a gente vê assim “ah, sei lá, no caso da mulher é assim, no caso do homem é assim”. Tipo, não é uma questão que aborda socialmente essas questões, mas, biologicamente falando, fala um pouco, né? Dessa questão do gênero, querendo ou não, que no caso para eles é sexo biológico, né? (Mariana).

Essa fala chama muita atenção por ser o único momento em que a disciplina é citada, e coloca em pauta a noção de que sexo biológico, para a Fisiologia do Exercício é o termo mais recorrente.

“*Ensino de Jogos e Brincadeiras a gente também abordou isso*” continuou, relatando outra disciplina que ainda não havia sido mencionada. Penso que, o que pode ter levado Mariana a mencionar uma diversidade maior de disciplinas durante o grupo focal, foi o seu acesso ao percurso curricular do curso no momento da reunião: “*Então, eu peguei né para ver se ajuda, eu peguei o percurso curricular meu aqui, para ver se eu lembro*”. Isso me sugere um diferente modo de acesso às memórias, que parece não ter sido utilizado por mais ninguém durante as reuniões – uma vez que somente Mariana declarou ter aberto o documento.

Viviane, do quarto período, relata:

[...] eu acho que uma aula que me marcou muito foi de Seminário 1, que eu tive no segundo período com o José Ângelo, e ele utilizou do ocorrido da jogadora de voleibol, a Tiffany, pra tratar sobre o assunto né, de sexualidade. Mas, eu acho que foi mais voltado ao esporte, não tanto à escola em si. Mas, eu acho que foi uma das aulas que mais abordou sobre o assunto de questão de sexualidade (Viviane).

Dois pontos saltam aos meus olhos ao analisar a fala de Viviane, O primeiro, da presença da discussão na referida disciplina, uma vez que o programa recebido não cita a temática, e, em segundo lugar, a associação do que ocorreu com a jogadora Tiffany Abreu, com a questão da sexualidade.⁵²

Clara, do sexto período, diz “*Várias disciplinas que a gente teve foi abordado, mas é sempre abordado, tipo, numa roda de conversa e falando tipo: ai! Dividir a Educação Física entre meninos e meninas tá errado e a discussão fica nisso. Tipo, a discussão normalmente não se aprofunda*”. Logo na sequência, postula sobre a reunião em que está presente:

É tipo esse grupo focal, que é a maior parte das pessoas que estão aqui são pessoas que foram afetadas por isso e é mais ou menos a gente falando para gente mesmo [...] então eu acho que é isso: é questão de ser raso e, na hora que a discussão é mais profunda, só o grupo muito interessado naquilo que aparece (Clara).

Eu corroboro com a colocação, e identifico que, de maneira geral, o perfil discente que aceitou participar dos grupos focais se caracteriza majoritariamente por pessoas que, nas palavras de Clara “*foram afetadas por isso*” ou seja, pelas questões relacionadas a gênero e sexualidade. No caso, é notável essa característica como predominante entre as/os estudantes da turma Várzea, que foi maioria de participação nos grupos focais. Mas avalio que houve a adesão também de pessoas que não necessariamente se entenderiam dessa maneira, mas que podem ter sido tocadas por essas discussões durante o curso. Em outras palavras, foi possível identificar um baixo nível de discordância entre os sujeitos.

⁵² “O acontecimento que movimentou o esporte brasileiro, acendeu debates nas esferas sociais e gerou opiniões em torno do assunto, foi o caso da primeira mulher transexual a jogar profissionalmente na superliga feminina de vôlei, Tiffany Abreu. Tiffany entrou para a história do vôlei ao estreiar no dia 10 de dezembro de 2017 como jogadora da equipe Sesi Vôlei Bauru, uma das doze equipes que participaram da competição naquele ano. A alta média de pontos logo nas primeiras rodadas fez com que a atleta atraísse ainda mais os holofotes das mídias sobre a sua participação” (BOTELHO; AGUIAR; QUADRADO, 2019, p. 3). Arrisco me posicionar sobre o assunto, ao entender que a discussão se relaciona mais com a identidade de gênero do que com a sexualidade. Tal compreensão se dá a partir do “uso do termo trans enquanto categoria identitária” (BARBOSA *apud* CARRARA; CARVALHO, 2013, p. 348) e que o gênero é entendido “como parte integrante na constituição das identidades em suas relações sociais [...] os sujeitos vão se constituindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando suas formas de ser e de estar no mundo” (LOURO *apud* ARAÚJO, 2015, p. 37).

Uma visão diferente sobre a presença das temáticas no curso é postulada por Sofia:

Eu acho que o que a Clara falou que a gente teve essa discussão em muitas disciplinas, mas quando eu paro para pensar, eu não acredito que tenha sido realmente em muitas. A gente perpassou por inúmeras disciplinas até agora, no sexto período, e eu acho que dá para contar nos dedos de uma mão quantas vezes que teve essa discussão. E eu acho que, como eu disse anteriormente, a maior parte das vezes que eu vi essa discussão mais aprofundada mesmo, acho que da forma como eu gostaria que tivesse sendo passado, foi em seminários dentro da disciplina. Ah, vai ter seminário sobre gênero, sexualidade, vai ter sobre racismo, vai ter sobre isso, vai ter sido aquilo... e aí, [...] na maioria das vezes, foi esse grupo aqui que pegou o seminário sobre gênero e sexualidade, que quem realmente não precisaria estudar mais sobre, claro que a gente precisa, mas que, se for comparar, eu acho que quem deveria ter pego é as pessoas que não se interessam tanto, para poder aprender mais sobre. E aí, quando a gente vai apresentar o seminário para quem realmente tem que ouvir, acho que foi uma vez que eu vi interesse da sala em realmente ouvir e me perguntar o que ficou na dúvida [...], então... fraco (Sofia).

Sofia, assim como Clara, também parece apontar para um engajamento maior de parte do corpo discente em relação à essas discussões e também para uma frustração advinda da percepção da falta de interesse de outras/outros colegas de curso.

Ao concordar com Sofia em relação a uma quantidade pequena de disciplinas que abordaram o tema, Matheus, também do sexto período, diz

Eu lembro, assim, da Giovanna, principalmente as professoras mulheres que abordaram esse tema. A Elisângela também. São pessoas, assim, sabe? Era previsível já saber que esse professor vai tratar disso. Quando era qualquer outro professor, masculino, enfim já não tratava [...] (Matheus).

.Matheus então exemplificou a partir de um professor de Ensino de Futebol:

Tipo assim, ele até tentou, sabe? Eu achei muito legal isso de ele tentar abordar o tema, mas dá pra ver que ele nunca aprofundou sobre esse tema [...] porque quando ele foi falar sobre o assunto, eu lembro que ele, ao tratar sobre homossexualidade, ele falou "homossexualismo". Pra mim, isso no mundo acadêmico, em que a gente tá rodeado de conceitos, a gente tem que ter teoria pra poder embasar nossas discussões, tudo mais (Matheus).

Já em sua fala, Teresa, do sexto período, ao escutar a fala de Matheus, complementa sobre a importância de saber as teorias e também sobre um lugar de empatia em relação aos possíveis erros relacionados às abordagens das temáticas. Ao se referir a uma questão anterior feita ao grupo focal sobre como as/os participantes explicariam o que é gênero e sexualidade para alguém, Teresa diz:

[...] eu me coloquei no lugar dele, porque, tipo assim, seria muito fácil eu cometer o mesmo erro que ele cometeu, sabe? Eu me sentiria muito mal se eu tivesse errado, porque eu realmente não tive a formação, eu me sentiria uma pessoa totalmente ignorante por ter errado isso e com certeza pediria desculpa, igual ele pediu e tal [...] por ser um professor universitário e estar ensinando pra gente o que a gente devia saber, assim, eu realmente acho que a formação dele poderia ter sido melhor [...] se nem na faculdade tá conseguindo um professor universitário entender o que tá acontecendo, imagina a gente que ainda tem que aprender isso e ainda passar pros nossos alunos na escola (Teresa).

Em decorrência desse diálogo, parece salientar que por vezes a formação do professor não abarcou essas discussões, tendo em vista uma ampliação dos estudos sobre gênero e sexualidade nos últimos anos.

Para além disso, está presente também o receio em cometer “erros” ao discuti-los, por um desconhecimento devido a uma formação insuficiente. A esse respeito, Isadora, sexto período, corrobora com a fala de Teresa e complementa:

Eu tenho interesse na área, não tô tão no meio, mas eu tenho pessoas perto de mim que entendem sobre o assunto e tudo mais. Ainda assim cometo 1001 erros na hora de falar sobre o assunto e, às vezes eu até evito falar sobre, pra não falar abobrinha [...] então, tem um afastamento do assunto pela falta de conhecimento, sabe? (Isadora).

Extrapolando a ideia de que somente o avanço sobre os conhecimentos teóricos seriam necessários, Teresa postula a necessidade de uma dimensão prática e faz uma proposição no que se refere a presença dessas temáticas no curso, mais vinculadas às experiências didáticas das/dos professoras/es em formação

[...] a gente tá sempre em sala de aula, fazendo roda de conversa, aula expositiva, mas eu sinto falta de ter por exemplo: vamos fazer uma unidade didática pra discutir isso com nossos alunos? A gente faz unidade didática de tudo. Faz planejamento de aula sobre tudo. Por que que a gente não pode por de alguma forma ver dentro de nossa

prática docente, dentro da universidade esses conteúdos? Porque eles vão ficar só na teoria? Entendeu? A teoria é muito importante, mas eu sinto que falta a prática (Teresa).

Raphael, ampliando a discussão, traz:

Eu vejo da seguinte maneira: eu penso que não é nem às vezes que se a informação chegou, ou não, para a gente. Eu acho que a informação ela tá aí, ela tá dada. Inclusive, a gente tem disciplinas sobre isso. Realmente é a opção se você vai se aprofundar sobre isso, ou não. Porque machuca você se perceber, ali, homofóbico, racista, machista. De fato, isso te machuca. Então, às vezes é melhor você se perceber ignorante, não entendo do assunto, não aprofundando sobre isso, do que realmente você buscar por si só (Raphael).

O estudante também diz sobre situações em que o debate em sala de aula sobre os termos “homossexualismo” e “homossexualidade”, foi desconsiderado, sem maior aprofundamento conceitual, pelo professor Varley: “*Ele colocou: não importa. Isso é um detalhe que... vamos focar aqui na aula, no que realmente importa?*” .

O que parecem nos mostrar os relatos sobre o uso do termo “homossexualismo” pelos docentes, é que o conhecimento por parte de algumas/alguns discentes sobre essa questão aparenta estar mais atualizado e que ainda não chegou para algumas e alguns docentes. Todavia, pelo fato de estudantes terem uma relação direta com os efeitos desse uso, parece haver uma necessidade imediata de levantar a questão. Porém, quando trazem a discussão, são deslegitimadas/os. Penso então nas proximidades dessa deslegitimação com o que dizem Paraíso e Caldeira (2018) sobre como assistimos a inúmeras “tentativas de destituir gênero, sexualidades, feminismos, teoria queer e estudos gay e lésbicos de seu caráter científico [...] para enfraquecer seus argumentos, suas afirmações, suas pautas de luta” (PARAÍSO; CALDEIRA, 2018, p. 14).

Guilherme, do oitavo período, em seu comentário, construiu uma espécie de síntese do que foi discutido

[...] eu acho que as questões de como as garotas se apropriam das aulas de educação física é discutido em mais oportunidades, mas talvez sem tanta profundidade como falaram já, e eu acho que com isso eu concordo bastante. E essa questão de, por exemplo, de mulheres trans participando do esporte ou das aulas eu só lembro de uma discussão em quatro anos de faculdade e foi na disciplina do

Luciano, uma optativa que ele dá de fisiologia, mas aí foi uma discussão fisiológica, não foi uma questão social e nem de apropriação do esporte. Então, eu acho que esta questão, acho que ainda... menos presente nesse tipo de discussão. Então, aí acho que a outra questão que eu vejo também é que eu acho que por essa questão de ser sempre a mesma discussão, discutir, talvez, da mesma maneira, muitas vezes há um desinteresse um pouco geral em discutir [Sofia balança a cabeça concordando]. Até nessa disciplina de futebol mesmo com o Pimenta eu fiz... eu fiz ela tem dois anos já né, e quando eu fui fazer esse trabalho de gênero, é aquele trabalho que a sala inteira faz - e é uma sala que tinha mulheres que poderiam trazer vivências importantes, coisas que eu não tenho nenhuma nesse sentido, e eu fiz aquele trabalho sozinho. E eu apresentei o trabalho sozinho, discuti o trabalho sozinho e é óbvio que a discussão ficou talvez muito mais rasa do que poderia. E, talvez, eu acho que concordo com o que os meninos falaram - acho que o Pimenta talvez não tenha tanto conhecimento assim para discutir essas questões, mas dentro das disciplinas de prática como componente curricular né, as disciplinas de "Ensino de" é a única, uma das poucas que discutem esses temas, que discutem esse tipo de... essas questões. Então, eu acho que ele dá esse espaço, mas é que talvez a apropriação e como as pessoas reagem, é a pouca aderência a isso. Então, eu senti que foi uma aula inteira com eu falando sobre gênero [começa a rir] e essa aula não vai ter tanta profundidade do que se as outras pessoas participassem com suas vivências ou com o que elas pesquisaram [...]. Mas, do geral, dentro das disciplinas acho que já foi tudo dito. Da pergunta do Franklin acho que já tá respondido. É trazido algumas vezes durante a graduação, mas talvez com muito menos profundidade do que poderia ser discutido. Porque muitas vezes é o mesmo discurso: dividir meninos e meninas na sala está errado e pronto, essa é a discussão. Acho que talvez carece de um embasamento melhor (Guilherme).

Embora longa, essa fala me pareceu muito interessante pois ela aborda uma infinidade de questões abordadas pelos demais participantes do grupo focal, e indica limites tanto por parte do corpo docente quanto do corpo discente.

6 IN-CONCLUSÕES

Diferentemente do que observa Lara Araújo em seu estudo, ou seja, a ausência da temática gênero de forma sistematizada nos Projetos Pedagógicos analisados em sua pesquisa, e a presença de ideias e significados que constituem saberes relacionados a gênero materializados no currículo em ação (ARAÚJO, 2015), observo que, em minha pesquisa, as temáticas de gênero e sexualidade estão presentes no curso da EEEFTO/UFMG – sendo o gênero mais predominante – tanto nos registros documentais quanto no currículo em ação.

É notável a presença dos temas no curso de Educação Física, principalmente quando se coloca em perspectiva que, a UFMG, não aparece como uma das instituições nas quais o termo foi encontrado a partir da pesquisa intitulada “Gênero nos currículos de formação docente em Educação Física no Brasil” realizada por Aline Nicolino (2018).

Em minha pesquisa, o termo “gênero” foi encontrado 43 vezes nos documentos analisados, sendo: três vezes no Projeto Pedagógico (2005), seis vezes no Ajuste Curricular (2016) e 34 vezes nos programas das disciplinas obrigatórias referentes ao ano de 2019. Todavia, no total de 43, o termo aparece 17 vezes enquanto “relações de gênero”, apontando para a predominância de gênero enquanto categoria relacional no curso, o que se refere a uma noção estabelecida a partir da segunda onda do movimento feminista (a partir de 1960) e que passou a considerar as experiências de ambos os sexos no contexto social (DEVIDE *et al*, 2011).

A presença do termo foi encontrada em um total de cinco disciplinas, das quais quatro são de responsabilidade acadêmica do Departamento de Educação Física (DEF) – indicando uma centralidade deste no registro e tematização de gênero - e uma do Departamento de Ciências Aplicadas a Educação (DECAE), da Faculdade de Educação (FAE). Importa considerar que a pesquisa não recebeu os programas de 9 das 51 disciplinas obrigatórias (2019) que compõem o curso, trazendo a possibilidade da presença do termo nos programas dessas disciplinas. A esse respeito, vale ainda considerar que as disciplinas da Faculdade de Educação (FAE) são comuns a diversos cursos de licenciatura da UFMG, trazendo a necessidade de uma análise mais detalhada

para trabalhos futuros. Também ressalto que essa pesquisa não buscou analisar disciplinas optativas, o que seria interessante ser considerado em outros estudos, pois as mesmas também compõem a formação oferecida.

Quanto ao termo “sexualidade”, este não esteve presente no Projeto Pedagógico do curso, aparecendo uma única vez no Ajuste Curricular, e está predominantemente articulado a “gênero” no que se refere aos programas analisados, nos quais sua frequência é de 22 vezes. Contudo, desse total, o termo aparece apenas duas vezes sem a articulação com “gênero”, confirmando a argumentação de “como o tema gênero atravessa e constitui a discussão da sexualidade” (NICOLINO; PARAÍSO, 2018, p. 98).

Se tratando da adesão a participação em minha pesquisa, percebe-se que as pessoas que participaram apresentam baixos níveis de discordância entre si, no que diz respeito a importância dessas temáticas para a formação docente, e visões de mundo próximas. Reflito possíveis causas, dentre elas, o engajamento nessas discussões por parte de pessoas que são “afetadas por elas” em seus cotidianos – como percebido a partir dos relatos nos grupos focais – também o receio em cometer “erros” ao discuti-los e, ainda, a minha própria posição enquanto estudante do curso de Educação Física, pois há o reconhecimento das pessoas que me conhecem, no que diz respeito a como eu enfrento as temáticas de gênero e sexualidade.

A partir disso, caminho para a compreensão de minha pesquisa enquanto um exercício de “lugar de fala” (RIBEIRO, 2017), tanto meu quanto de outras pessoas que também utilizam da pesquisa para ampliar essa discussão.

Ao encerrar esse estudo, reconheço também que inúmeras outras questões ainda são potentes para serem continuadas em trabalhos futuros. Essa continuidade pode ainda avançar no que diz respeito às sugestões e propostas feitas pelos sujeitos para o currículo do curso, seus posicionamentos sobre a importância do debate de gênero e sexualidade para a formação docente, bem como as compreensões e definições sobre as temáticas a partir do corpo discente, pois foi identificado um esforço de estudantes nesta construção.

Complementares entre si, algumas propostas para uma nova formulação curricular, a partir das/dos participantes dessa pesquisa, versaram: [1] sobre a realização de seminários internos e interdepartamentais sobre as temáticas, com o corpo docente do curso; [2] sobre maior profundidade no trato

dos temas nas situações de formação em que esses estão presentes; [3] Sobre a ampliação de carga horária de disciplinas obrigatórias que já as tematizam e, ainda, [4] Sobre a criação de disciplinas optativas e/ou obrigatórias que relacionem diversidade, gênero, sexualidade e Educação Física. Essas entre outras sugestões poderão ser futuramente analisadas com mais detalhes.

Trazendo destaques, os posicionamentos em relação a importância dessas discussões para a Educação Física giraram em torno do fato de se tratar de um curso de formação de educadores e educadoras que precisarão lidar com situações relacionadas a gênero e sexualidade na escola; da necessidade da superação da Educação Física enquanto uma disciplina escolar que segregava estudantes por níveis de habilidades em função do gênero e da sexualidade; e da compreensão de que situações que envolvem as temáticas ganham força nessa disciplina.

Por fim, essa experiência de pesquisa significou um salto qualitativo na minha forma de ver a ciência, a Educação Física, o curso em que sou (e fui) estudante, o mundo e a minha trajetória pessoal. O processo de escrita e problematização sobre essas temáticas me mostrou o quanto elas sempre estiveram, e ainda estão, pulsantes. Pela minha experiência, sou também um dos que são “afetados por elas”, ou melhor, machucado. Porque, afetadas/dos/des, somos todas, todos e todes. A luta continua, assim como os estudos, enquanto a minha vida continuar. Pois, para pessoas gênero-diversas, existir é resistir. Que nossas vidas sejam cada vez mais celebradas, como elas são. Como nós somos.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H.; AYOUB, E.; AMARAL, S. C. F. Gênero na prática docente em Educação Física: “meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar”? **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 491-501, maio/ago. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000200012>>. Acesso em: 26 de janeiro de 2021.

ARAÚJO, Lara Wanderley. **Gênero e educação: um estudo sobre os saberes produzidos na formação inicial de professoras/es**. Orientadora: Dra. Aline da Silva Nicolino. 2015. 131 f. Dissertação (Mestrado em Alteridade, Estigma e Educação em Direitos Humanos) – Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos, Universidade Federal de Goiás, 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. Secretaria de Educação. Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016.

BOLSONARO, Jair. 09/11/2018 – **Bolsonaro e assuntos da semana**. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=evjJIEiTrKo>>. Acesso em: 02 abr. de 2020.

BOLSONARO, Jair. **Assista à íntegra do discurso de Jair Bolsonaro na ONU**. Estadão. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7OfUQd45ETw>>. Acesso em: 02 abr. de 2020.

BOTELHO, Joziel Gonçalves; DE OLIVEIRA AGUIAR, Thais Geraldo; QUADRADO, Raquel Pereira. Problematizando questões de gênero: “A força de uma mulher forte”. **RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 5, n. 4, 2019.

BUTLER, Judith. **Gênero en disputa: el feminismo y la subversión de la identidad**. Buenos Aires: Paidós, 1999.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”**. Buenos Aires: Paidós, 2002. 345 p.

CARVALHO, Mário e CARRARA, Sérgio. “**Em direção a um futuro trans?** Contribuições para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil”.

Revista Latinoamericana Sexualidad, Salud y Sociedad. N. 15, p. 319-351. Agosto de 2013.

CASSIANO, Ophelia. Projeto/Iniciativa “Elu Mesme”. Guia para Linguagem Neutra” (PT-BR): Porque elus existem e você precisa saber! 2019. Disponível em <https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b>> Acesso em: 26 de janeiro de 2021.

CHAN-VIANNA, Alexandre Jackson; MOURA, Diego Luz; MOURÃO, Ludmila. Educação Física, gênero e escola: uma análise da produção acadêmica. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 16, n. 2, p. 149-166, 2010.

CRUZ, Marlon Messias Santana; PALMEIRA, Fernanda Caroline Cerqueira. Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar. **Motriz. Journal of Physical Education. UNESP**, p. 116-131, 2009.

DA ROCHA MATOS, Naiara et al. Discussão de gênero nas aulas de Educação Física: uma revisão sistemática. **Motrivivência**, v. 28, n. 47, p. 261-277, 2016.

DEVIDE, Fabiano Pries et al. Estudos de gênero na educação física brasileira. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 17, n. 1, p. 93-103, 2011.

DE SOUZA, Solange de Cassia Inforzato et al. Diferenças salariais por gênero e cor e o impacto da discriminação econômica. **Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos**, v. 9, n. 1, p. 32-49, 2015.

DORNELLES, Priscila Gomes; FRAGA, Alex Branco. Aula mista versus aula separada? Uma questão de gênero recorrente na educação física escolar. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física**, v. 1, n. 1, p. 141-156, 2009.

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA EDUCACIONAL. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/graduacao/educacao_fisica_graduacao/> Acesso em 27 de janeiro de 2021.

EVANGELISTA, Kelly Cristiny Martins; BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. As relações de gênero no corpo: olhares de estudantes de licenciatura em Educação Física. **Inter-Acao**, v. 42, n. 3, 2017.

FRAGA, Alex Branco; GONÇALVES, Vinícius Pauletti. A quadra e os cantos: arquitetura de gênero nas práticas corporais escolares. **Lecturas: Educación física y deportes**, n. 87, p. 4, 2005.

Grupo Gay da Bahia (GGB). **Mortes violentas de LGBT no Brasil: relatório 2017**. Bahia: Mott, L., Michels, E, & Paulinho, 2017.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A construção/estruturação do gênero na Educação Física. **Ex aequo** [online]. 2008, n.17 p.169-173

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estatísticas de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil. 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf> Acesso em 26 de março de 2019

JACO, Juliana Fagundes; ALTMANN, Helena. Educação Física Escolar e Gênero: Influências de fora da escola na participação em aulas. **Revista Educação: Teoria e Prática**, v. 26, n. 51, 2016

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v.19, n. 2, p.17-23, maio/ago. 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e Homofobia. In. JUNQUEIRA, RD (Org.). **Diversidade Sexual Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 28ª edição. Petrópolis: RJ. Vozes, 2009.

MUSEU BRASILEIRO DO FUTEBOL (MBF). Disponível em <<http://estadiomineirao.com.br/museu-e-visita/>>. Acessado em: 22 de maio de 2020.

NICOLINO, Aline Silva; PARAÍSO, Marlucy Alves. Escolarização da sexualidade: o silêncio como prática pedagógica da Educação Física. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 24, n. 1, p. 93-106, 2018.

NICOLINO, Aline Silva; SILVA, Ana Márcia; ROSA, Milena Louise Rodrigues. Produção do conhecimento sobre gênero: contribuições para o campo

acadêmico da Educação Física em Goiás. **Arquivos em Movimento**, v. 15, n. 1, p. 129-149, 2019.

NICOLINO, Aline. Gênero nos currículos de formação docente em Educação Física no Brasil. *In*: PARAÍSO, M. A.; CALDEIRA, M. C. da S. **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018, capítulo 3, p. 73-91.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Fazer do caos uma estrela dançarina no currículo: intervenção política com gênero e sexualidade em tempos do slogan ideologia de gênero. *In*: PARAÍSO, M. A.; CALDEIRA, M. C. da S. **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018, capítulo 3, p. 73-91.

PARAÍSO, M. A.; CALDEIRA, MC da S. Currículos, gêneros e sexualidades para fazer a diferença. PARAÍSO, M.A.; CALDEIRA, M.C. da S. **Pesquisa sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018, texto de apresentação, p. 13-21.

PRECIADO, Paul B. **Un apartamento en Urano. Crónicas del cruce**. Barcelona: Anagrama, 2019.

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (PROGRAD) Disponível em <<https://www2.ufmg.br/prograd/prograd/Pro-Reitoria-de-Graduacao/Pro-Reitoria>> Acesso em 28 de fevereiro de 2021.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017

SANTANA, Bárbara Andrade de. **Experiências escolares e (re) existência trans**. Orientador: Admir Soares de Almeida Júnior. 2019. 74 f. Monografia (Educação Física escolar) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de. **Meninos, à marcha! Meninas, à sombra!** A História do ensino da Educação física em Belo Horizonte (1897-1994). Orientadora: Prof^a Dr^a Lúcia Mercês de Avelar. 1994. 265p. Área de

concentração: Filosofia e História da Educação. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1994.

TvT research project (2015) Trans Murder Monitoring, “Transrespect versus Transphobia Worldwide” (TvT) project
website: <http://transrespect.org/en/research/trans-murder-monitoring/>

APÊNDICES

APÊNDICE I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Termos para autorização do uso de dados para Coordenação do Colegiado de Curso

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: “A PRESENÇA DAS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DE CASO”.

Orientadora de pesquisa: Meily Assbú Linhales

E-mail: meily_linhales@yahoo.com.br Tel: 31 991850722

Pesquisador Responsável: Franklin Ribeiro Fernandes Negrão

E-mail: franklinrfgnrao@gmail.com Tel: 31 992069584

Professor Doutor Gustavo Henrique da Cunha Peixoto Cançado,

O senhor está sendo convidado a participar da pesquisa de TCC intitulada “A PRESENÇA DAS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DE CASO”, que se encontra em andamento. O objetivo da pesquisa é analisar e problematizar a presença das temáticas gênero e sexualidade na formação inicial docente, mais especificamente no curso de Graduação Plena de Licenciatura em Educação Física da EEFPTO/UFMG. Integram a metodologia dessa pesquisa: [1] análise documental do Projeto Pedagógico de Graduação Plena Licenciatura em Educação Física (2005) bem como de seu Ajuste Curricular (2016); também dos títulos, ementas e programas de disciplinas obrigatórias ofertadas. [2] grupos de discussão com discentes a respeito da presença dessas temáticas no decorrer do curso e sobre a relevância da discussão das mesmas para a formação. [3] entrevistas semiestruturadas com a Coordenação do Colegiado de Curso vigente, assim como a Coordenação do Colegiado do Curso de Graduação em Educação Física que

esteve nesse encargo durante o processo de Ajuste curricular (2016). Por decorrência disso, o convidamos para uma entrevista online, por chamada de vídeo na plataforma Zoom. A entrevista será gravada e arquivada apenas pelo pesquisador responsável, de modo a contribuir para uma retenção de informações mais ampla e precisa, contribuindo assim para uma melhor análise de conteúdo. Todo esse material será usado apenas para compor as análises do estudo. As imagens e áudios captados durante a entrevista serão utilizados exclusivamente para a produção do trabalho final do curso de Graduação e, posteriormente, dos textos e artigos para publicação científica.

É importante ressaltar que não haverá nenhum tipo de custo para a sua participação, e também não está prevista remuneração de nenhum tipo para tal.

Caso o senhor tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos, poderá nos contatar por meio dos endereços fornecidos nesse termo.

Participante:

Eu, _____ li e compreendi as informações fornecidas acerca dos procedimentos da pesquisa. Por estar de acordo com as condições do estudo, como descritas, aceito participar da pesquisa “A PRESENÇA DAS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DE CASO” e compreendo que posso retirar meu consentimento e interromper minha participação a qualquer momento, sem penalidade ou perda de benefício. Ao assinar este termo, não estou desistindo de quaisquer direitos meus. Uma via deste termo me foi dada.

_____, _____ de _____ de _____

Assinatura da Participante

Pesquisadores:

Nós garantimos que este termo de consentimento será seguido e que responderemos a quaisquer questões que o participante apresentar, da melhor maneira possível.

_____ de _____ de _____

Meily Assbú Linhales

Franklin Ribeiro Fernandes Negrão

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE DADOS

Título da Pesquisa: “A PRESENÇA DAS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DE CASO”.

Orientadora de pesquisa: Profa. Dra. Meily Assbú Linhales

E-mail: meily_linhales@yahoo.com.br Tel: 31 991850722

Pesquisador Responsável: Franklin Ribeiro Fernandes Negrão

E-mail: franklinrfnegrao@gmail.com Tel: 31 992069584

Eu, _____, autorizo a utilização dos dados obtidos através da entrevista online via Zoom, realizada no dia ____ de _____ de 2021, para uso exclusivo da pesquisa.

Estou ciente de que caso tenha alguma dúvida sobre a pesquisa, poderei entrar em contato através do e-mail: franklinrfnegrao@gmail.com e/ou pelo telefone (31) 992069584 ou através do e-mail: meily_linhales@yahoo.com.br e/ou pelo telefone (31) 991850722.

Estando claros para mim os propósitos do estudo, os procedimentos, garantias de sigilo, de esclarecimentos permanentes e isenção de despesas, autorizo a utilização de todas as informações coletadas durante e posteriormente a pesquisa.

Nome: _____ R.G. _____

Endereço: _____ Fone: _____

_____, _____ de _____ de 2021

Participante

Pesquisador(a) responsável

OBS.: Termo apresenta duas vias, uma destinada ao participante e a outra ao pesquisador

APÊNDICE II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Termos para autorização do uso de dados para Coordenação do Colegiado de Curso (2016)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: “A PRESENÇA DAS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DE CASO”.

Orientadora de pesquisa: Meily Assbú Linhales

E-mail: meily_linhales@yahoo.com.br Tel: 31 991850722

Pesquisador Responsável: Franklin Ribeiro Fernandes Negrão

E-mail: franklinrfnegrao@gmail.com Tel: 31 992069584

Profª Drª Isabel Cristina Vieira Coimbra Diniz,

A senhora está sendo convidada a participar da pesquisa de TCC intitulada “A PRESENÇA DAS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DE CASO”, que se encontra em andamento. O objetivo da pesquisa é analisar e problematizar a presença das temáticas gênero e sexualidade na formação inicial docente, mais especificamente no curso de Graduação Plena de Licenciatura em Educação Física da EEFFTO/UFMG. Integram a metodologia dessa pesquisa: [1] análise documental do Projeto Pedagógico de Graduação Plena Licenciatura em Educação Física (2005) bem como de seu ajuste curricular (2016); também dos títulos, ementas e programas de disciplinas obrigatórias ofertadas. [2] grupos de discussão com discentes a respeito da presença dessas temáticas no decorrer do curso e sobre a relevância da discussão das mesmas para a formação. [3] entrevistas semiestruturadas com a Coordenação de Curso vigente, assim como a Coordenação do Colegiado do Curso de Graduação em Educação Física que esteve nesse encargo durante o processo de ajuste curricular (2016). Por decorrência disso, a convidamos para uma entrevista online, por chamada de vídeo na plataforma Zoom. A entrevista será gravada e arquivada apenas pelo pesquisador responsável, de modo a contribuir para uma retenção de informações mais ampla e precisa, contribuindo assim para uma melhor análise de conteúdo. Todo esse material será usado apenas para compor as análises do estudo. As imagens e áudios captados durante a entrevista serão utilizados exclusivamente para a produção do trabalho final do curso de Graduação e, posteriormente, dos textos e artigos para publicação científica.

É importante ressaltar que não haverá nenhum tipo de custo para a sua participação, e também não está prevista remuneração de nenhum tipo para tal.

Caso a senhora tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos, poderá nos contatar por meio dos endereços fornecidos nesse termo.

Participante:

Eu, _____ li e compreendi as informações fornecidas acerca dos procedimentos da pesquisa. Por estar de acordo com as condições do estudo, como descritas, aceito participar da pesquisa “A PRESENÇA DAS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DE CASO” e compreendo que posso retirar meu consentimento e interromper minha participação a qualquer momento, sem penalidade ou perda de benefício. Ao assinar este termo, não estou desistindo de quaisquer direitos meus. Uma via deste termo me foi dada.

_____, _____ de _____ de _____

Assinatura da Participante

Pesquisadores:

Nós garantimos que este termo de consentimento será seguido e que responderemos a quaisquer questões que a participante apresentar, da melhor maneira possível.

_____ de _____ de _____

Meily Assbú Linhales

Franklin Ribeiro Fernandes Negrão

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE DADOS

Título da Pesquisa: “A PRESENÇA DAS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DE CASO”.

Orientadora de pesquisa: Profa. Dra. Meily Assbú Linhales

E-mail: meily_linhales@yahoo.com.br Tel: 31 991850722

Pesquisador Responsável: Franklin Ribeiro Fernandes Negrão

E-mail: franklinrfnegrao@gmail.com Tel: 31 992069584

Eu, _____, autorizo a utilização dos dados obtidos através da entrevista online via Zoom, realizada no dia ____ de _____ de 2021, para uso exclusivo da pesquisa.

Estou ciente de que caso tenha alguma dúvida sobre a pesquisa, poderei entrar em contato através do e-mail: franklinrfnegrao@gmail.com e/ou pelo telefone (31) 992069584 ou através do e-mail: meily_linhales@yahoo.com.br e/ou pelo telefone (31) 991850722.

Estando claros para mim os propósitos do estudo, os procedimentos, garantias de sigilo, de esclarecimentos permanentes e isenção de despesas, autorizo a utilização de todas as informações coletadas durante e posteriormente a pesquisa.

Nome: _____ R.G. _____

Endereço: _____ Fone: _____

_____, _____ de _____ de 2021

Participante

Pesquisador(a) responsável

OBS.: Termo apresenta duas vias, uma destinada ao participante e a outra ao pesquisador

**APÊNDICE III - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Termos para
autorização do uso de dados para Estudantes**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: “A PRESENÇA DAS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DE CASO”.

Orientadora de pesquisa: Meily Assbú Linhales

E-mail: meily_linhales@yahoo.com.br Tel: 31 991850722

Pesquisador Responsável: Franklin Ribeiro Fernandes Negrão

E-mail: franklinrfnegrao@gmail.com Tel: 31 992069584

Prezada/prezado/prezade,

Você está recebendo um convite para participar da pesquisa de TCC intitulada “A PRESENÇA DAS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DE CASO”, que se encontra em andamento. O objetivo da pesquisa é analisar e problematizar a presença das temáticas gênero e sexualidade na formação inicial docente, mais especificamente no curso de Graduação Plena de Licenciatura em Educação Física da EEFETO/UFMG. Integram a metodologia dessa pesquisa: [1] análise documental do Projeto Pedagógico de Graduação Plena Licenciatura em Educação Física (2005) bem como de seu ajuste curricular (2016); também dos títulos, ementas e programas de disciplinas obrigatórias ofertadas. [2] grupos de discussão com discentes a respeito da presença dessas temáticas no decorrer do curso e sobre a relevância da discussão das mesmas para a formação. [3] entrevistas semiestruturadas com a Coordenação do Colegiado de Curso vigente, assim como a Coordenação do Colegiado do Curso de Graduação em Educação Física que esteve nesse encargo durante o processo de ajuste curricular (2016). Por decorrência disso, convidamos você a participar de um grupo de discussão temático online, por chamada de vídeo na plataforma Zoom. O grupo de discussão será gravado e arquivado apenas pelo pesquisador responsável, de modo a contribuir para uma retenção de informações mais ampla e precisa, contribuindo assim para uma melhor análise de conteúdo. Partindo da premissa de se tratar de um grupo focal, a aparição das pessoas participantes por vídeo é indispensável para a análise. Todo esse material será usado apenas para compor as análises do estudo. As imagens e áudios captados durante o grupo focal serão utilizados exclusivamente para a produção do trabalho final do curso de Graduação e, posteriormente, dos textos e artigos para publicação científica.

É importante ressaltar que não haverá nenhum tipo de custo para a sua participação, e também não está prevista remuneração de nenhum tipo para tal.

Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos, poderá nos contatar por meio dos endereços fornecidos nesse termo.

Participante:

Eu, _____ li e compreendi as informações fornecidas acerca dos procedimentos da pesquisa. Por estar de acordo com as condições do estudo, como descritas, aceito participar da pesquisa “A PRESENÇA DAS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DE CASO” e compreendo que posso retirar meu consentimento e interromper minha participação a qualquer momento, sem penalidade ou perda de benefício. Ao assinar este termo, não estou desistindo de quaisquer direitos meus. Uma via deste termo me foi dada.

_____, _____ de _____ de _____

Assinatura (Participante)

Pesquisador e pesquisadora:

Nós garantimos que este termo de consentimento será seguido e que responderemos a quaisquer questões que a pessoa participante apresentar, da melhor maneira possível.

_____ de _____ de _____

Meily Assbú Linhales

Franklin Ribeiro Fernandes Negrão

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE DADOS

Título da Pesquisa: “A PRESENÇA DAS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DE CASO”.

Orientadora de pesquisa: Profa. Dra. Meily Assbú Linhales

E-mail: meily_linhales@yahoo.com.br Tel: 31 991850722

Pesquisador Responsável: Franklin Ribeiro Fernandes Negrão

E-mail: franklinrfnegrao@gmail.com Tel: 31 992069584

Eu, _____, autorizo a utilização dos dados obtidos através do grupo focal online via Zoom, realizado no dia ____ de _____ de 2021, para uso exclusivo da pesquisa.

Estou ciente de que caso tenha alguma dúvida sobre a pesquisa, poderei entrar em contato através do e-mail: franklinrfnegrao@gmail.com e/ou pelo telefone (31) 992069584 ou através do e-mail: meily_linhales@yahoo.com.br e/ou pelo telefone (31) 991850722.

Estando claros para mim os propósitos do estudo, os procedimentos, garantias de sigilo, de esclarecimentos permanentes e isenção de despesas, autorizo a utilização de todas as informações coletadas durante e posteriormente a pesquisa.

Nome: _____ R.G. _____

Endereço: _____ Fone: _____

_____, _____ de _____ de 2021

Participante

Pesquisador(a) responsável

OBS.: Termo apresenta duas vias, uma destinada ao participante e a outra ao pesquisador

APÊNDICE IV - Roteiro para entrevista semiestruturada com a Coordenação do Colegiado de Curso (2021)

Introdução da entrevista (após iniciar a gravação):

Iniciamos agora – às X horas do dia X - a gravação da entrevista com o professor doutor Gustavo Henrique da Cunha Peixoto Cançado. Essa entrevista é parte integrante da minha pesquisa de conclusão de curso que tem como objetivo analisar e problematizar a presença das temáticas gênero e sexualidade na formação inicial docente, mais especificamente na Graduação Plena de Licenciatura em Educação Física, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Todas as imagens e áudios aqui captados, serão utilizados única e exclusivamente para a produção da referida pesquisa e para produção de textos e artigos para publicação científica, como assim consta no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelo participante e pelo pesquisador e pesquisadora responsáveis.

Boa noite professor Gustavo Peixoto,

Perguntas de preâmbulo

1. *Gostaria de pedir para que o senhor se apresentasse, e contasse sobre sua inserção na universidade como professor e sobre a sua atuação no cargo de coordenador do Colegiado de Curso da EEEFTO/UFMG.*

- a. *Como o senhor avalia sua atuação enquanto coordenador do colegiado?*

[Transição] O meu interesse de pesquisa tem a ver com a presença das temáticas gênero e sexualidade na formação inicial docente no Curso de Graduação Plena de Licenciatura em Educação Física da UFMG, e o ajuste curricular demandado pela PROGRAD em 2016 se mostra importante para essa compreensão...

2. Como o senhor, enquanto atual coordenador do colegiado de curso, percebeu/percebe o processo de ajuste curricular demandado pela PROGRAD em 2016, especificamente no que se refere à demanda da inclusão de conteúdos à diversidade de gênero e sexual no currículo do curso de Licenciatura em Educação Física da EEEFTO/UFMG?

- a. O senhor compreende/compreendeu essa demanda como relevante?*
- b. Como o senhor avalia o trabalho do colegiado de curso nesse contexto?*

Outras perguntas

3. Na sua posição de coordenador, o senhor avalia que as temáticas estão devidamente incluídas no curso?

- a. Seria de interesse do colegiado avaliar e indicar se essa discussão acontece?*
- b. Como fazer essa avaliação acontecer?*

4. O senhor, enquanto professor, considera as discussões sobre gênero e sexualidade como necessárias para a formação docente em Educação Física, especificamente para quem forma em Licenciatura?

- a. Se sim ou se não, por quê?*

2. Esses temas são interessantes para as novas formulações curriculares?

- a. Do ponto de vista do currículo, quais avanços poderiam acontecer para que esses temas sejam melhor explorados?*

Finalização da entrevista (antes de finalizar a gravação)

Professor Gustavo Peixoto, gostaria de te agradecer pela colaboração com a pesquisa. Irei encerrar agora a gravação.

APÊNDICE V - Roteiro para entrevista semiestruturada com a Coordenação do Colegiado de Curso (2026)

Introdução da entrevista (após iniciar a gravação):

Iniciamos agora – às X horas do dia X - a gravação da entrevista com a professora doutora Isabel Cristina Vieira Coimbra Diniz. Essa entrevista é parte integrante da minha pesquisa de conclusão de curso que tem como objetivo analisar e problematizar a presença das temáticas gênero e sexualidade na formação inicial docente, mais especificamente na Graduação Plena de Licenciatura em Educação Física, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Todas as imagens e áudios aqui captados, serão utilizados única e exclusivamente para a produção da referida pesquisa e para produção de textos e artigos para publicação científica, como assim consta no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pela participante e pelo pesquisador e pesquisadora responsáveis.

Boa noite professora Isabel Coimbra,

Perguntas de preâmbulo

1. *Gostaria de pedir para que a senhora se apresentasse, e contasse sobre sua inserção na universidade como professora e sobre a sua atuação nesse cargo de coordenadora do colegiado de curso da EEFFTO/UFMG em 2016*
 - a. *Como a senhora avalia sua atuação como coordenadora do colegiado na época?*

[Transição] O meu interesse de pesquisa tem a ver com a presença das temáticas gênero e sexualidade na formação inicial docente no Curso de Licenciatura em Educação Física da UFMG, e o ajuste curricular de 2016 se mostra importante para essa compreensão...

Outras perguntas

2. Como se deu o processo de ajuste curricular demandado pela PROGRAD no ano de 2016?

3. Como aconteceu o processo de construção e escrita do projeto de Ajuste Curricular emergencial do Projeto Pedagógico do Curso de Graduação Plena de Licenciatura em Educação Física da UFMG?

a. O documento cita a participação do NDE (Núcleo Docente Estruturante) para a construção do ajuste, quais foram as contribuições feitas por esse núcleo?

b. Agora sobre a redação do projeto de ajuste, quais foram as pessoas envolvidas nesse processo como um todo?

c. Quais foram as pessoas envolvidas na redação da sessão de eixos temáticos do projeto?

d. Alguns programas e disciplinas foram reformulados e outros não, a senhora conseguiria me dizer o porquê?

i. Existiu algum critério para determinar qual eixo ou disciplina iria abarcar a demanda da PROGRAD a respeito da inclusão das temáticas?

e. Considerando que na Resolução que demanda o ajuste, constam tais conteúdos a serem incluídos, a senhora saberia me dizer o motivo de eles não aparecem durante o projeto como um todo?

4. A senhora, na posição de professora, considera as discussões sobre gênero e sexualidade como necessárias para a formação docente em Educação Física, especificamente para quem forma em Licenciatura?

a. Se sim ou se não, por quê?

5. Esses temas são interessantes para as novas formulações curriculares?

a. Do ponto de vista do currículo, quais avanços poderiam acontecer para que esses temas sejam melhor explorados?

Finalização da entrevista (antes de finalizar a gravação)

Professora Isabel Coimbra, gostaria de te agradecer pela colaboração com a pesquisa. Irei encerrar agora a gravação.

APÊNDICE VI - Roteiro para grupos focais com estudantes do curso

Introdução do grupo focal (após iniciar a gravação):

Iniciamos agora – às X horas do dia X - a gravação do Grupo Focal, que é parte integrante da minha pesquisa de conclusão de curso que tem como objetivo analisar e problematizar a presença das temáticas gênero e sexualidade na formação inicial docente, mais especificamente na Graduação Plena de Licenciatura em Educação Física, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Todas as imagens e áudios aqui captados, serão utilizados única e exclusivamente para a produção da referida pesquisa e para produção de textos e artigos para publicação científica, como assim consta no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por todas as pessoas participantes e pelo pesquisador e pesquisadora responsáveis.

- Compromisso ético meu com tudo o que for dito aqui

- Não existem respostas certas e erradas

- O objetivo é que vocês debatam entre si

- Meu lugar como mediador, não irei me posicionar em nenhum momento sobre as perguntas

[transição] Gostaria de propor que todas as pessoas aqui se apresentassem brevemente, começando por mim.

1. Vocês consideram as discussões sobre gênero e sexualidade como necessárias para a formação docente em Educação Física, especificamente para quem se forma em Licenciatura?

a. Se sim ou se não, por quê?

2. Vocês conseguem lidar com essas questões de forma teórica e conceitual? O que vocês sabem sobre as teorias que informam sobre esse assunto?

3. Durante o período de graduação, vocês presenciaram discussões relacionadas a gênero e sexualidade?

a. Caso a resposta seja afirmativa, em quais momentos e atividades acadêmicas/disciplinas essas discussões aconteceram? E como as temáticas foram abordadas?

4. Se vocês pudessem fazer alguma alteração no currículo para incluir essas temáticas, vocês fariam? Por quê? Como essa mudança poderia acontecer?

Finalização do grupo focal (antes de finalizar a gravação)

Gostaria de agradecer a todas as pessoas presentes aqui nesse espaço virtual pela colaboração com a pesquisa. Irei encerrar agora a gravação.

APÊNCICE VII – Convite feito via WhatsApp para estudantes para participação na pesquisa



Levantamento de participantes para pesquisa de TCC

Esse questionário leva em média 5 minutos para ser respondido. Olá! O objetivo desse formulário é fazer um levantamento da disponibilidade de docs.google.com

CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA DE TCC

Olá, me chamo **Franklin Negrão**, sou aluno da Licenciatura em Educação Física/UFMG e estou realizando minha pesquisa de TCC.

O objetivo é analisar e problematizar a presença das temáticas gênero e sexualidade na formação inicial docente, especificamente no curso Graduação Plena Licenciatura em Educação Física da EEFFTO/UFMG.

Parte da pesquisa consiste em um **grupo de discussão online envolvendo discentes de algumas turmas desse curso, incluindo a turma "Olimpo"**.

Caso tenha interesse em participar, peço que responda o formulário de disponibilidade a seguir **até o dia 26/01** (*é bem pequeno*):

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSeqGavfOqFcY9yH3fryhZSO22uGg76mzE2KmZxGxNNctxNQwQ/viewform?usp=pp_url

Qualquer dúvida, estou à disposição nos endereços:
Telefone/whatsapp: 31 992069584
Email: franklinfnegrao@gmail.com

Muito obrigado!

21:22 ✓